

**MARIA ZULAMAR SLAPNICKA**

**O AGROTURISMO EM SANTA ROSA DE LIMA: TRANSFORMAÇÕES  
SÓCIO-CULTURAIS NA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS  
FAMÍLIAS AGRICULTORAS**

**Universidade do Vale do Itajaí  
Centro de Educação Balneário Camboriú**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARIA ZULAMAR SLAPNICKA**

**O AGROTURISMO EM SANTA ROSA DE LIMA: TRANSFORMAÇÕES  
SÓCIO-CULTURAIS NA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NAS  
FAMÍLIAS AGRICULTORAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Campus de Balneário Camboriú.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Yolanda Flores e Silva.

Área de Concentração: Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria.

Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão dos Espaços para o Turismo

**Universidade do Vale do Itajaí  
Centro de Educação Balneário Camboriú**

**2008**



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à Deus, por ter norteado minha caminhada, e sempre ter colocado as pessoas certas na minha vida. Pessoas que foram fundamentais em cada momento.

À meus filhos, Ana Maria e Rodrigo, pela paciência, companheirismo e estímulos, nos momentos mais difíceis.

A Isabela, minha neta, que chegou renovando as nossas vidas e nos trazendo uma nova luz.

A minha orientadora Professora Doutora Yolanda Flores e Silva, pela sua maneira de ser, na relação com seus orientandos, sempre disponível. E seu comprometimento na transmissão do saber de forma competente.

Aos professores e funcionários da UNIVALI com os quais convivi durante o curso do mestrado.

As professoras Professora Doutora Doris van de Meene Ruschmann e Professora Doutora Terezinha Maria Cardoso que participaram na banca de qualificação de nossa pesquisa e pelas valiosas críticas e sugestões.

Aos professores Professor Doutor Marcelino de Souza e Professor Doutor Francisco Antonio dos Anjos. Que participaram na banca da defesa da dissertação, pelas sugestões.

Um agradecimento muito especial para os respondentes que participaram dessa pesquisa. Pela disponibilidade sempre carinhosa que me receberam.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>6</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>7</b>
<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>9</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>11</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Contextualização e justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Procedimentos metodológicos.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.1 Universo da pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2.2 Técnicas e instrumentos para coleta de dados .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2.3 Aspectos éticos da pesquisa.....</b>	<b>22</b>
<b>2 GLOSSÁRIO .....</b>	<b>24</b>
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1 Turismo rural - agroturismo .....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 Agroturismo .....</b>	<b>29</b>
<b>3.3 Agricultura – conceito e história .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3.1 Evolução e algumas das transições na prática agrícola .....</b>	<b>32</b>
<b>3.3.2 Duas transições importantes dos últimos cem anos no mundo .....</b>	<b>33</b>
<b>3.3.3 Agricultura no Brasil .....</b>	<b>34</b>
<b>3.3.4 Agricultura familiar e a pluriatividade .....</b>	<b>36</b>
<b>3.3.5 Pluriatividade.....</b>	<b>39</b>
<b>3.4 O trabalho: algumas considerações .....</b>	<b>41</b>
<b>3.5 Divisão social do trabalho .....</b>	<b>45</b>
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>47</b>
<b>4.1 Características sócio-espaciais de Santa Rosa de Lima .....</b>	<b>47</b>
<b>4.2 O município – apresentações de suas origens e vida atual.....</b>	<b>51</b>
<b>4.2.1 Propriedades envolvidas com a Acolhida na Colônia .....</b>	<b>54</b>
<b>4.3 Manifestações culturais.....</b>	<b>63</b>
<b>4.4 Atores sociais envolvidos: genogramas e ecomapas .....</b>	<b>67</b>
<b>4.5 Análise geral dos genogramas e ecomapas .....</b>	<b>78</b>
<b>4.6 O cotidiano e a dinâmica das atividades na colônia .....</b>	<b>82</b>

<b>4.7 Expectativas X transformações: os discursos dos atores sociais .....</b>	<b>87</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>129</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Roteiro metodológico.....	22
Figura 2 – Símbolos de Santa Rosa de Lima no Estado de Santa Catarina.....	47
Figura 3 – Localização de Santa Catarina no Brasil.....	48
Figura 4 – Localização de Santa Rosa de Lima no Estado de Santa Catarina .....	48
Figura 5 – Aspectos urbano de Santa Rosa de Lima - SC.....	49
Figura 6 – Aspectos da paisagem natural no município de Santa Rosa de Lima - SC.....	50
Figura 7 – Centro de Treinamento (antigo casarão de 1933) .....	52
Figura 8 – Antigas formas com novas funções .....	54
Figura 9 – Pousada A .....	56
Figura 10 – Pousada B.....	58
Figura 11 – Quarto colonial A.....	60
Figura 12 – Quarto Colonial B .....	62
Figura 13 – Manifestações culturais e religiosas no município de Santa Rosa de Lima - SC .	65
Figura 14 – Legenda do genograma .....	69
Figura 15 - Genograma da família Pousada A .....	69
Figura 16 – Legenda do ecomapa.....	71
Figura 17 – Ecomapa da família A.....	71
Figura 18 - Genograma da família B.....	72
Figura 19 – Ecomapa da família B .....	73
Figura 20 - Genograma da família C [Quarto Colonial A] .....	74
Figura 21 - Ecomapa da família C [Quarto Colonial A] .....	76
Figura 22 - Genograma da família D [Quarto Colonial B] .....	77
Figura 23 - Ecomapa da família D [Quarto Colonial B] .....	78
Figura 24 – Pessoas em atividades rurais .....	82
Figura 25 – Cotidiano espacial do trabalho agrícola .....	83
Figura 26 – Cotidiano espacial do trabalho no agroturismo.....	84
Figura 27 – Percepção do trabalho no Agroturismo.....	89
Figura 28 – Aspectos positivos do Agroturismo .....	90
Figura 29 – Fragilidades do Agroturismo .....	90
Figura 30 – Percepções das relações familiares .....	95
Figura 31 – Pessoas e/ou grupos que ajudam as famílias.....	96
Figura 32 – Expectativas/sonhos .....	96

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da indicação de entrevistas em profundidade e grupais.....	17
Quadro 2 - Diferença entre propriedades patronais e familiares.....	38
Quadro 3 - Classificação dos agricultores familiares.....	38
Quadro 4 – Participação na AGRECO/AAAC.....	88
Quadro 5 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	91
Quadro 6 – Atividades das famílias.....	93
Quadro 7 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	94
Quadro 8 – Relacionamento familiar.....	98
Quadro 9 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	98
Quadro 10 – Pessoas e/ou grupo que ajudam a família.....	100
Quadro 11 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	100
Quadro 12 – Hospedagem e transformações nas famílias.....	101
Quadro 13 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	101
Quadro 14 – Mudanças relacionadas diretamente a atividade turística.....	103
Quadro 15 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	104
Quadro 16 – Expectativas da família.....	105
Quadro 17 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	105
Quadro 18 – O que gostariam de mudar nas atividades.....	107
Quadro 19 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	107
Quadro 20 – Limitações (dificuldades) “negativas”.....	109
Quadro 21 – Discurso do Sujeito Coletivo.....	110

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Estimativas de saldo líquido migratório rural-urbano e taxas líquidas de migração em 1000 habitantes - Brasil: 1950-1995.....	36
Tabela 2 – Perfil de informações básicas dos informantes.....	67
Tabela 3 – Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas no Agroturismo.....	86

## **LISTA DE SIGLAS**

AAAC – Associação de Agricultores Acolhida na Colônia  
ABRATURR – Associação Brasileira do Turismo Rural  
AC – Ancoragem  
AGRECO – Associação dos Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral  
CEDEJOR – Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural  
CEPAGRO – Centro do Estudo e Promoção da Agricultura de Grupo  
CONAPI – Confederação Nacional em Propriedade Industrial  
CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura  
DSC – Discurso do Sujeito Coletivo  
ECH – Expressões chave  
FAO – Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura)  
IC – Idéia Central  
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário  
PIB – Produto Interno Bruto  
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  
SANTUR – Santa Catarina Turismo S/A  
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas  
SRL – Santa Rosa de Lima  
SC – Santa Catarina

## RESUMO

Esta dissertação aborda as questões do Agroturismo e das famílias agricultoras associadas à Associação dos Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral (AGRECO) e na Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC) em Santa Rosa de Lima (SRL) Santa Catarina (SC). O Objetivo Geral foi de caracterizar os processos de transformações socioculturais na dinâmica de organização do trabalho nas famílias. Os procedimentos metodológicos adotados, com abordagem qualitativa foram: coleta de dados bibliográficos, trabalho de campo (observação e entrevistas) e registro fotográfico. Com os resultados da pesquisa foi possível caracterizar as famílias como do tipo nuclear e uma dinâmica solidária, mas a divisão do trabalho ocorre pela via sexual. Neste sentido, foi possível constatar a importância do trabalho feminino ao mesmo tempo que observamos a sobrecarga das mulheres que atuam nas pousadas e também na agricultura. Contudo, as novas crenças e debates sobre o trabalho solidário e ético, vem modificando o comportamento masculino, de modo que estes se empenham em auxiliar e diminuir a carga de responsabilidade que sobrecarregam suas mulheres.

**Palavras-chave:** Agroturismo, transformações socioculturais, dinâmica familiar, divisão do trabalho e Santa Rosa de Lima (SC).

## ABSTRACT

This dissertation addresses issues related to Agritourism and the farming families belonging to the *Associação dos Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral* (AGRECO) – the Association of Ecological Farmers of the Serra Geral Mountains, and the *Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia* (AAAC) – an association which promotes Agritourism on farms, in Santa Rosa de Lima (SRL) in the State of Santa Catarina (SC). The Overall Objective was to characterize the process of sociocultural transformation in the dynamics of the organization of labor in family farmers. The methodological procedures adopted, with a qualitative approach, were: collection of bibliographic data, field work (observation and interviews) and photographic records. From the research results, it was possible to characterize the families as being of the nuclear type, with dynamics of mutual assistance, but the division of labor is generally by gender. Thus, the importance of the women's work was observed, while at the same time, we noticed the excessive burden placed on women, who work both in lodging establishments (inns/hostels) and also in agriculture. However, the new beliefs and debates about mutually supportive and ethical work have been changing men's behavior, and they are making an effort to help reduce the burden of responsibility that overwhelms women.

**Key words:** Agritourism, sociocultural changes, family dynamics, division of labor and Santa Rosa de Lima (Brazil).

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização e justificativa

Esta dissertação elaborada durante o curso de mestrado em Turismo e Hotelaria na UNIVALI, teve como objetivo caracterizar os processos de transformações socioculturais na dinâmica de organização do trabalho nas famílias de agricultores envolvidas com o agroturismo, associados da Associação dos Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral (AGRECO) e Associação do Agroturismo Acolhida na Colônia (AAAC) em de Santa Rosa de Lima (SC).

O desejo de realização do projeto neste município, nasceu durante o período que estávamos cursando as disciplinas do mestrado, quando em uma viagem técnica, organizada pela Professora Yolanda Flores e Silva, como parte da disciplina “Bases Antropológicas para Estudos do Turismo” tivemos a oportunidade de conhecer o município de Santa Rosa de Lima (SC), assim como o modelo de produção orgânica agrícola e o aproveitamento do “espaço rural” e seu cotidiano peculiar em uma nova função: a de receber visitantes como hóspedes como mais um incremento na renda familiar dos agricultores familiares.

Como psicóloga, conhecer esta realidade e tentar entender as mudanças quase que radicais dos atores envolvidos, foi um desafio, uma vez que partiu de escolhas e intenções construídas em um processo de reflexão marcado pela quebra de muitos paradigmas. Ao se envolverem com o turismo, as famílias agricultoras tiveram que reescrever sua história do ponto de vista privado e público.

Sabemos que o turismo pode oferecer uma possibilidade de aumento na renda, porém, faz-se necessário uma reflexão sobre os ganhos e as perdas que a prática do turismo pode gerar na comunidade envolvida com o mesmo. Sobre SRL vêm sendo realizadas pesquisas, objetivando avaliar as transformações ocorridas a partir deste modelo de atividade turísticas praticadas na região (SILVA e CYRILLO, 2004a).

Partindo-se do pressuposto da importância do Turismo Rural como incremento na renda, principalmente das pequenas famílias agricultoras que estão envolvidas com o agroturismo, alguns autores como Krippendorf (2001), Almeida e Riedl (2000), Hall (2004) acreditam que o desenvolvimento local, mesmo com projetos sustentáveis podem gerar transformações sociais e locais. Segundo Santos, Souza e Silveira (2002), quem ganha ou quem perde com esta atividade? O “ganho” indica a entrada de capital, a melhoria na qualidade de vida, novas infra-estruturas locais, etc. Neste estudo específico, em relação à

Santa Rosa de Lima, onde pratica-se a atividade turística com a premissa da solidariedade e da ética, os ganhos estendem-se a alguns grupos de atores que são associados da AAAC. Um exemplo de perda, apresentado por Santos, Souza e Silveira (idem), é o aumento da prostituição, da violência e a interferência em hábitos e atitudes da comunidade pelo comportamento dos turistas, mudando assim a dinâmica do lugar, inclusive a familiar (dentre outros). Sobre estas questões Silva e Cyrillo (2004a, p. 12), afirmam que “poucos foram os estudos sobre os ganhos e as perdas para a comunidade, apresentados por alguns pesquisadores envolvidos com a discussão do turismo rural ao agroturismo na região”. Nesta perspectiva, consideramos fundamental, avançar e refletir sobre as transformações na região.

Acreditamos na necessidade de conhecer as transformações ocorridas, incluindo-se esta nova dinâmica familiar com o acúmulo de papéis – atividades rotineiras como agricultor e como gestor de um empreendimento turístico. Como fator relevante que justifica esta pesquisa realizada por nós é a inexistência de pesquisas de turismo que abordem essa temática sobre o modelo de SRL. Considerando os fatores expostos, percebemos a importância da pesquisa para o turismo e para os atores envolvidos com as atividades agroturísticas de Santa Rosa de Lima.

Conforme Guzzatti (2003) o espaço rural em Santa Catarina apresenta características favoráveis para a exploração do agroturismo. A paisagem cênica, as riquezas naturais, o clima, a hospitalidade, as tradições e diferentes etnias são fatores mencionados como positivos à efetivação do desenvolvimento do processo que conta com a participação dos atores sociais representados pelas famílias agricultoras comprometidas com a AGRECO e a AAAC, tendo como uma das funções o papel de hospedeiros. É sob esta ótica de pensamento foi que surgiram as questões e problemas relacionados com a temática da pesquisa realizada:

- Quais as transformações sociais e culturais que podemos identificar decorrente deste novo modelo de produção e dos novos papéis?

- Quais as transformações na dinâmica familiar e pessoal das famílias agricultoras que atuam também com o turismo?

Considerando as questões apresentadas foi definido o nosso objetivo geral: Caracterizar os processos de transformações socioculturais na organização social da família e divisão do trabalho entre proprietários de meios de hospedagem ligados ao Agroturismo de Santa Rosa de Lima - SC.

A partir do objetivo acima, foram elaborados os objetivos específicos, a seguir:

- Descrever os processos de transformações socioculturais na dinâmica familiar e pessoal;

- Identificar papéis e funções assumidos pelos membros da família durante as suas atividades cotidianas;
- Descrever a dinâmica social familiar e as redes de apoio social de famílias agricultoras;
- Analisar os discursos dos atores sociais sobre suas expectativas quanto ao futuro considerando o cotidiano familiar x cotidiano de hospedagem e atividade agrícola.

## **1.2 Procedimentos metodológicos**

No desenvolvimento da nossa pesquisa foi necessário a ajuda de diversas disciplinas, constituindo assim o que se entende como uma abordagem multidisciplinar baseando-se em diversas ciências como suporte teórico e metodológico, enriquecendo os estudos do fenômeno turístico (MOESCH, 2000).

Estudar o fenômeno turístico e os processos socioculturais na comunidade receptora e também entre turistas trata-se de uma tarefa complexa. Dentro da busca científica pela compreensão de um fenômeno, desde já acreditamos que esta pode, e provavelmente será uma interpretação desta realidade.

Para este tipo de discussão à objetividade das Ciências ganha mais força especialmente naquelas que utilizam o método qualitativo. “O ponto de partida para a compreensão do que é conhecido como metodologia qualitativa de pesquisa está no entendimento de que uma metodologia é muito mais do que um conjunto de técnicas de pesquisa” (VÍCTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000, p. 33). Cada tipo de metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como um instrumental, composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade.

Preocupações com relação ao viés na pesquisa qualitativa alimentam debates quanto a sua subjetividade, e neste ponto concorda-se com Goldenberg (2003) que explica que o pesquisador deve estar consciente da subjetividade, aceitar sua existência, para então tentar escapar de algumas armadilhas. Portanto, esse questionamento e esta reflexão a respeito da pesquisa qualitativa, acabam por enriquecê-lo. A pesquisa qualitativa parece ser a melhor maneira de trabalhar com dados que expressem aspectos de percepção e de atitudes, ou mesmo, subjetivos e simbólicos, já que é difícil transformar sentimentos, acontecimentos da vida real, em valores numéricos. Capra (1982, p. 291) afirma que “para entender a natureza humana, estudamos não só suas dimensões físicas e psicológicas, mas também suas manifestações sociais e culturais”.

Nesta perspectiva, esta pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa e referencial participativo e antropológico, para explicar as causas dos fenômenos sociais. A pesquisa qualitativa se estabelece nas ciências humanas em função de sua especificidade no estudo do comportamento humano e social, que requer metodologias próprias, distintas do modelo experimental. Entende-se que na pesquisa qualitativa há uma relação dinâmica de interdependência entre o objeto da pesquisa, o mundo real, e o sujeito que pesquisa. O sujeito-pesquisador é parte integrante do mundo que investiga ao interpretá-lo e atribui-lhe significados. E, o objeto pesquisado não é inerte ou neutro, está pleno de significados e relações que seus atores, pessoas concretas, criam ao agir.

De acordo com Flick (2004, p. 20) os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa,

Consistem na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos.

O autor ainda afirma que a pesquisa qualitativa tem como aspectos essenciais a escolha correta dos instrumentos de trabalho, das teorias a serem utilizadas para análise e reflexão dos pesquisadores, além de ampla possibilidade de abordagens e metodologias, tais como a etnografia, a pesquisa-ação, a etnometodologia, a pesquisa participante e o estudo de caso (FLICK, idem).

Em nossa opção os procedimentos técnicos adotados, compreendeu as seguintes fases:

- Coleta bibliográfica, visando delimitar o tema da dissertação;
- Coleta exploratória com trabalho de campo;
- Elaboração de um diário de campo com a descrição do processo, estudado: local, momento e atores sociais envolvidos;
- Realização de entrevistas gravadas que foram transcritas para análise;
- Construção de genogramas e ecomapas dos grupos familiares envolvidos;
- Análise dos dados obtidos através de reflexão teórica e o uso do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para a sistematização, análise e apresentação dos resultados.

Para embasamento teórico foram utilizados dados bibliográficos através de livros, artigos científicos, dissertações e teses sobre o assunto, revistas, Internet. Essa fase da pesquisa foi de extrema importância pois garantiu uma maior amplitude da temática e dos conhecimentos de fatos históricos ligados ao assunto (DENCKER, 1998).

Além disso, foram utilizados dados documentais, como por exemplo, estatutos, e outros documentos importantes das associações que desencadearam o Agroturismo no município de Santa Rosa de Lima. Dencker (idem, p. 125) afirma que estas fontes “podem ser documentos de primeira mão conservados em arquivos de instituições públicas e privadas (...) ou pessoais. Além desses, temos os documentos de segunda mão: relatórios, e dados estatísticos”.

E, para completar os dados da pesquisa, na primeira fase foi elaborado um relatório de observação da rotina diária de uso do tempo (Apêndice A) dos hospedeiros da Acolhida na Colônia. Na segunda fase, foram feitas as entrevistas norteadas por um roteiro de perguntas (Apêndice H), gravadas com os atores envolvidos no processo, e análise dos dados obtidos.

A entrevista nos dá a visão da vida dos respondentes pelo seu olhar, e configurações elaboradas a partir do contexto no qual estão inseridos e agem. Como corrobora o autor a seguir.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos (GASKELL, 2002, p. 65).

De acordo com Gaskell (idem) a entrevista pode ser de dois tipos conforme mostra o quadro 1 a seguir:

Entrevista individual	Entrevista grupal
<p>- Quando o objetivo da pesquisa é para: Explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo. Fazer estudos de caso com entrevistas repetidas no tempo. Testar um instrumento, ou questionário (a entrevista cognitiva).</p> <p>- Quando o tópico se refere a: Experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais. Assuntos de sensibilidade particular que podem provocar ansiedade.</p> <p>- Quando os entrevistados são: Difíceis de recrutar, por exemplo, pessoas de idade, mães com filhos pequenos, pessoas doentes. Entrevistados da elite ou de alto status. Crianças menores de sete anos.</p>	<p>Orientar o pesquisador para um campo de investigação e para a linguagem local. Explorar o espectro de atitudes, opiniões e comportamentos. Observar os processos de consenso e divergência. Adicionar detalhes contextuais a achados quantitativos. Assuntos de interesse público ou preocupação comum, por exemplo, política, mídia, comportamento de consumidores, lazer, novas tecnologias. Assuntos e questões de natureza relativamente não familiar, ou hipotética. Não pertencentes a origens tão diversas que possam inibir a participação na discussão do tópico.</p>

Quadro 1 – Síntese da indicação de entrevistas em profundidade e grupais  
Fonte: Gaskell (2002, p. 78).

A entrevista pode ser entendida como uma ferramenta importante da pesquisa científica, e como um procedimento heurístico<sup>1</sup>, ou seja, auxiliar. Ainda pode ser entendida como “arte” já que é importante saber combinar uma série de perguntas pré-estruturadas, porém, flexíveis, onde durante a entrevista poderá ocorrer reações por parte do entrevistado. “Para estabelecer uma boa relação de trabalho durante a entrevista, é absolutamente necessário que se trate a pessoa entrevistada com respeito e sensibilidade” (STEFFAN, 1999, p. 229).

Víctora, Knauth, Hassen (2000, p. 64) afirmam que,

As entrevistas na pesquisa qualitativa podem ser de vários tipos, constituindo um espectro que vai desde uma conversa informal até um questionário padronizado. O grau de formalidade deve ser definido conforme os objetivos da pesquisa, dependendo do tema a ser tratado e, principalmente, tendo em vista o que é apropriado culturalmente para o grupo pesquisado, sendo que uma mesma pesquisa pode conter vários tipos de entrevista. Novamente, salienta-se a importância de ter-se muita clareza dos objetivos da pesquisa, porque são eles que vão definir quem entrevistar, o conteúdo das entrevistas, o número de pessoas entrevistadas, o número de entrevistas com cada informante e, finalmente, o tipo de entrevista apropriada para cada caso – semi-estruturada, com ou sem roteiro.

As entrevistas além dos DSC a possibilidade da construção dos genogramas e ecomapas. O genograma representa uma possibilidade de visualização da estrutura e dinâmica

<sup>1</sup> Arte e método das descobertas, inventos, pesquisa de fontes e documentos (HOUAIS, VILLAR, FRANCO, 2003, p. 274).

familiar, assim como eventos importantes em sua história, como morte, separação e nascimento. O Genograma foi desenvolvido na América do Norte para melhor compreensão das famílias, baseado no modelo do heredograma (COUNTANCIER, 2008). Segundo Wagner et al (2007, p. 1) “suas características são: identificar a estrutura da família e seu padrão de relação”. Na área da saúde o genograma é visto como um instrumento que facilita a leitura da dinâmica familiar. Entendem Nascimento, Rocha e Hayes (2008, p. 4), que “o genograma historicamente é um instrumento elaborado por terapeutas familiares e tem sido amplamente adotado por profissionais das mais diversas áreas, como medicina, psicologia, serviço social e mais recentemente pela enfermagem”.

Segundo Coutancier (Idem), o genograma é um recurso de apoio ao diagnóstico familiar devido ao recolhimento, a organização e a utilização dos dados familiares. Para ele este é um instrumento que oferece a possibilidade que vejamos a árvore emocional da família com seus acontecimentos, os traços da personalidade mais significativos e a história social de cada membro desta família em contextos específicos. Esta observação permite também que visualizemos a proximidade ou o afastamento das relações analisando suas facetas possíveis de dominação, flexibilidade, esquemas, atitudes e crenças.

O Ecomapa é um outro instrumento, que a nosso ver complementa o Genograma, este é definido como uma representação gráfica mostrando os membros da família no centro do círculo e seus contatos extra-familiares, tais como comunidade, pessoas, instituições e grupos significativos. As linhas entre os contatos e a família indicam o tipo de conexão: linhas contínuas representam ligações fortes e as setas significam energia e fluxo de recursos (NASCIMENTO, ROCHA E HAYES, 2008).

A partir dos conceitos apresentados, percebemos que conhecer a unidade familiar de cada um dos atores envolvidos em nosso estudo seria um fator de grande importância. O que nos levou a utilizar, o genograma e o ecomapa como instrumentos de enriquecimento desta pesquisa qualitativa, foi acreditar que os mesmos, tem a vantagem de demonstrar através da visualização as relações e composições entre as famílias, nos levando a compreender certas atitudes comportamentais, bem como a dinâmica familiar.

Os dados coletados na entrevista foram organizados através da Análise de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e reflexões com o uso de textos pertinentes ao tema. O conceito de Discurso do Sujeito Coletivo de acordo com Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 15) “é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, cartas, *papers*, revistas especializadas, etc”.

Esta metodologia envolve a fala e o discurso, onde a fala é como um ato lingüístico individual, material, concreto, psicofísico, dependente da vontade e da inteligência da expressão subjetiva do indivíduo, com um impulso expressivo, sendo um ato inovador onde o indivíduo se expressa, e mais ou menos accidental. Portanto, percebe-se a necessidade de reconstruir as falas em discursos. O Discurso do Sujeito Coletivo é uma organização das falas da coletividade de modo que se possa analisá-las, possibilitando futuramente comparar as percepções dos informantes com a discussão teórica pesquisada.

Para se criar o Discurso do Sujeito Coletivo é preciso utilizar algumas figuras metodológicas conforme afirma Lefèvre e Lefèvre (idem, p. 13):

- a) Expressões-chave (ECH): são pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem ser sublinhadas, iluminadas, coloridas pelo pesquisador, e que revelam a essência do depoimento. (...) São uma espécie de prova discursivo-empírica da verdade das idéias centrais e das ancoragens e vice-versa;
- b) Idéias centrais (IC): revela e descreve, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo que vai dar nascimento ao discurso. (...) É uma descrição do sentido de um depoimento ou de um conjunto de depoimentos;
- c) Ancoragem (AC): é a inspiração da teoria da representação social, (...) manifestação lingüística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica;
- d) Discurso do sujeito coletivo: é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular e composto pelas expressões-chave que têm a mesma idéia central ou ancoragem.

Podemos dizer que a pesquisa de resgate de representações sociais envolvendo a técnica do discurso é qualitativa no sentido de que seu objeto, o pensamento coletivo, é produzido e composto de qualidades que os pesquisados manifestam, desdobram, constroem, que aparecem como resultado do processo de pesquisa.

### **1.2.1 Universo da pesquisa**

Na pesquisa qualitativa, o universo empírico, ou seja, a população do estudo, deve dar-se em função do objeto de investigação, do local e do grupo escolhido como base da coleta de dados. Estes devem apresentar as melhores condições de explicitação da problemática da investigação (VÍCTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000).

A escolha dos informantes no contexto da população escolhida surge em diferentes pontos do processo de pesquisa. Na entrevista, está relacionado à decisão sobre quem se vai

entrevistar, ou seja, leva-se em conta os critérios de seleção pré-estabelecidos na construção do projeto de pesquisa.

Flick (2004, p. 86) afirma que:

As decisões relativas à amostragem não podem ser tomadas isoladamente. Não existe decisão nem estratégia certa (...) A apropriabilidade<sup>2</sup> da estrutura e dos conteúdos da amostra, e, assim, a apropriabilidade da estrutura escolhida para a obtenção de ambas, somente poderá ser avaliada com referência à questão de pesquisa do estudo: quais e quantos casos são necessários apropriabilidade da amostra selecionada quanto ao grau de generalização que se busca alcançar.

Segundo Víctora, Knauth, Hassen (2000) a pesquisa qualitativa é fundamental para descrever um estudo populacional através de técnicas de amostragem aleatória ou estratificada, baseando-se no pressuposto de que a investigação sobre um fenômeno, uma visão de dentro do grupo pesquisado, escolhidos através de critérios previamente definidos nos objetivos do estudo.

A amostragem se dá por meio de participantes de uma população tida como objeto de estudo.

Como uma amostragem apropriada, podem-se usar as informações obtidas dos participantes que foram amostrados, para estimar precisamente características da população toda. A teoria estatística permite inferir, com base nos dados obtidos, que a população comporta-se como a amostra (COZBY, 2003, p. 146).

A amostragem pode ser descrita e preenchida através da coleta de dados ou através da seleção gradual, da coleta e da interpretação do material.

O pré-requisito ou critério de seleção de nossos informantes foram: que fossem membros da AGRECO e da AAAC, e moradores do município de Santa Rosa de Lima (SC), com isto, o universo de estudo se compõe de proprietários de duas (2) pousadas e de dois (2) quartos coloniais com modelo de hospitalidade que remte ao segmento denominado de Agroturismo.

---

<sup>2</sup> Segundo Bortz (citado por FLICK, 2004, p. 20), que a apropriabilidade “sugere, por exemplo, que é necessário verificar a ‘adequação de idéias para investigações’ (...) o critério para a avaliação do objeto de pesquisa consiste em definir se os métodos disponíveis (e, mais ainda, aceitos) podem ou não ser empregados para estudá-lo”.

### 1.2.2 Técnicas e instrumentos para coleta de dados

A coleta de dados é o momento em que o pesquisador vai às fontes em busca de suas informações, para procurar, por meio de técnicas e instrumentos apropriados, obter evidências sobre a realidade pesquisada (ULLER, 2004).

Os dados vão de encontro com a necessidade de cada pesquisa, a fim de definir os procedimentos apropriados para obter o resultado do seu objeto. Segundo Flick (2004) a pesquisa qualitativa trabalha essencialmente com dois tipos de dados:

- a) Verbais: são coletados em entrevistas semi-estruturadas ou como narrativas, às vezes com a utilização de grupos em vez de indivíduos (entrevistas e discussões em grupo, grupos de foco, narrativas conjuntas);
- b) Visuais: resultam da aplicação de diversos métodos observacionais, que variam da observação participante e não-participante à etnografia e a à análise de fotografias e filmes.

O autor ainda cita que, após a coleta desses dados estes são transformados em textos através da sua documentação e transcrição, dando início ao texto teórico. O embasamento da pesquisa qualitativa envolve o pesquisador em questões do tipo como avaliar a validade e a “apropriabilidade” do processo de pesquisa e dos dados produzidos.

A pesquisadora selecionou duas técnicas para aplicar a pesquisa:

- Primeira fase: ir a campo para **observação *in loco*** por diversas vezes para compreender como se dava a dinâmica de cada família e registro das rotinas diárias e uso do tempo dos atores envolvidos com a pesquisa.

Segundo VÍCTORA, Knauth, Hassen (2000, p. 62), “observar, na pesquisa qualitativa, significa “examinar” com todos os sentidos um evento, um grupo de pessoas, um indivíduo dentro de um contexto, com o objetivo de descrevê-lo”. E, ainda Leopardi (2001) observa como o contato direto do investigador com o objeto de estudo, pode visar uma descrição dos sujeitos, do local, do tempo, das ações, dos conflitos, das relações interpessoais e sociais. Para que o pesquisador não deixe de registrar nada.

- Segunda fase: foram efetuadas as entrevistas com perguntas a partir de um roteiro, com questões elaboradas de maneira que esclarecessem nosso objeto de estudo, feitas oralmente com as respostas registradas e gravadas, e posteriormente transcritas.

A seguir, uma síntese de nosso roteiro metodológico, que ilustra (Figura 1) o desenvolvimento de todas as etapas da pesquisa.

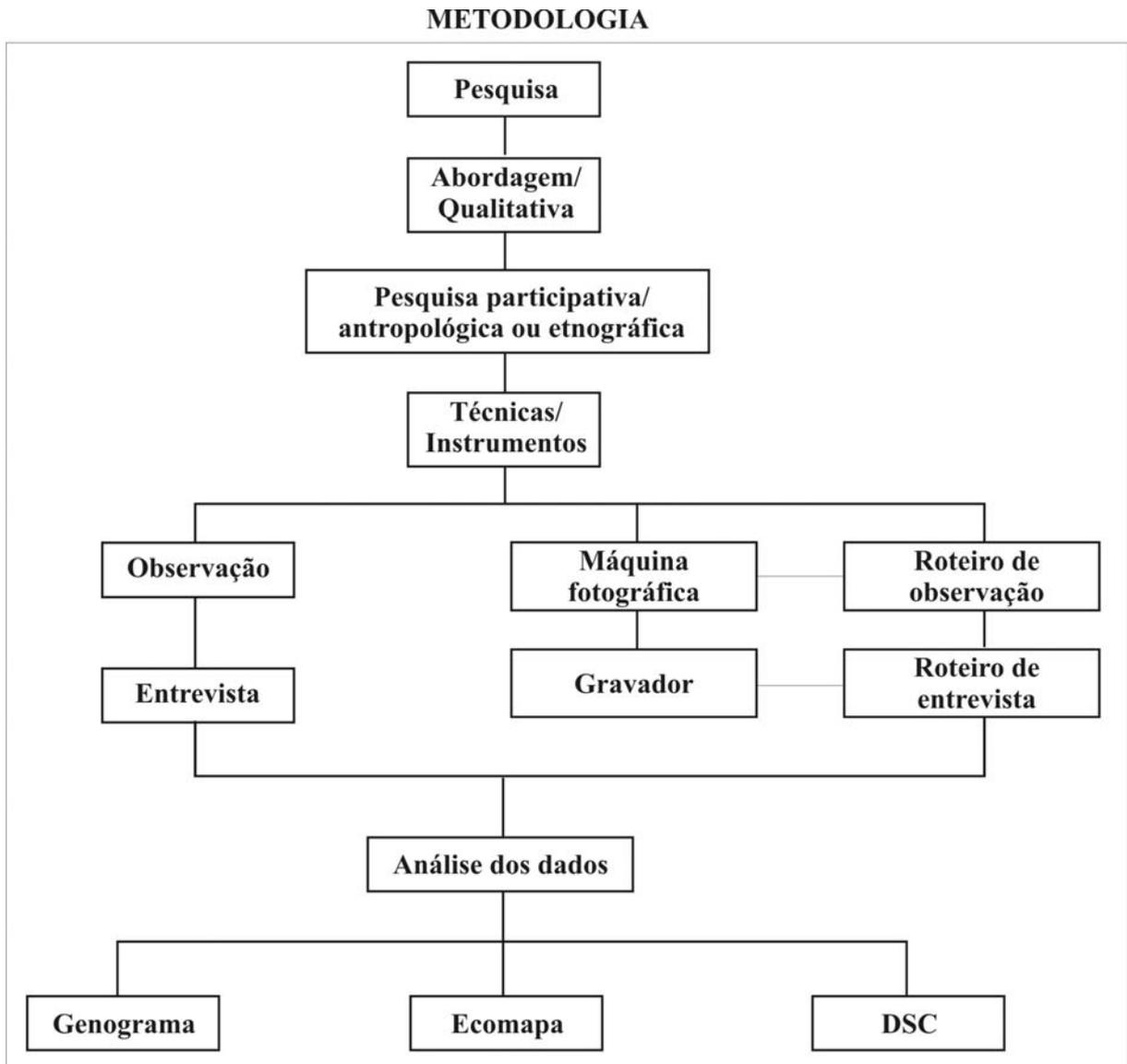


Figura 1 – Roteiro metodológico

Fonte: Autora (2006-2007).

### 1.2.3 Aspectos éticos da pesquisa

A ética é parte fundamental do processo de pesquisa, portanto, deve ser pensada desde o primeiro momento, ou seja, ainda em seu projeto. Esta prioridade de conduta deve ser estabelecida em todos os aspectos vivenciados pelo indivíduo, quando relacionado a outro ser humano ou a natureza.

O pesquisador será o responsável pelas afinidades e pelos resultados que obterá em seu trabalho. Uma sondagem ética pressupõe esclarecimento, respeito, sigilo e resultados.

Todo cidadão tem o direito de ser informado sobre os reais objetivos da pesquisa da qual foi convidado a participar. Também deve ter garantidos o sigilo sobre sua identidade, cabendo ao pesquisador, substituí-la por nomes fictícios ou pseudônimos.

Para o uso dos dados coletados, o pesquisador solicita ao pesquisado a assinatura de um documento “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (APÊNDICE F). Este documento permitirá a legitimação dos componentes que possibilitarão o diálogo entre teoria e prática.

Por se tratar de uma análise qualitativa, a referida pesquisadora esteve preocupada no contato e nas relações estabelecidas com os envolvidos. Em sua concepção, buscou gradativamente um contato com o grupo envolvido, na busca de um entendimento mais real e humano das relações analisadas. Todos os pesquisados puderam contar com os processos éticos que são condutores de uma pesquisa que visa qualidade e respeito.

Neste sentido, esta pesquisa seguiu as premissas da resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Pesquisa e do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos, procurando seguir as normas éticas norteadoras determinadas pelo Comitê de Ética da UNIVALI:

- obtenção do “Termo de Compromisso de Utilização de Dados” (APÊNDICE G);
- orientação de todos os participantes sobre a temática e a metodologia, esclarecendo da liberdade de recusar a participação antes e durante o curso do estudo;
- garantia de sigilo, privacidade e tratamento respeitoso quanto a autonomia de todos os informantes;
- respeito aos valores culturais e sentimentos expressos;
- apresentação dos dados e informações apenas para fins acadêmicos;
- nomes de instituições ou estabelecimentos privados substituídos por pseudônimos se assim o desejarem;
- nomes de instituições ou estabelecimentos públicos somente citados em eventos ou material escrito restritos ao meio ambiente acadêmico;
- em artigos ou livros sempre se manterá o anonimato das instituições ou estabelecimentos que não autorizem a citação dos mesmos por escrito.

## 2 GLOSSÁRIO

Neste tópico apresentamos os termos mais utilizados em nossa pesquisa. Os mesmos foram dispostos em ordem alfabética, com referências de autores de distintas áreas do conhecimento.

**AGRICULTURA:** “Arte de cultivar os campos; cultivo da terra; lavoura; cultura; conjunto de operações que transformam o solo natural para produção de vegetais úteis ao homem” (FERREIRA, 2006, p. 65).

**AGRICULTURA FAMILIAR:** Caracterizada pela produção diversificada – policultura. (...) além de buscar a auto-suficiência na produção de alimentos, também pode-se citar a utilização intensiva das exíguas áreas de terras favoráveis ao cultivo anual, aproveitamento da mão-de-obra durante todo o ano, diminuição dos riscos de perdas econômicas por frustração de safra e por flutuações de preços, e interação entre atividades visando uma sinergia econômica e ecológica (MELLO; SCHMIDT, 2003, p. 71 e 74).

**AGROTURISMO:** “Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e observação, vivência e participação nas atividades agropastoris. Destacam-se aqui dois grandes aspectos que distinguem esse segmento do turismo rural. O primeiro é a produção agropastoril em escala econômica que representa a maior fonte de rendimento da propriedade e, o turismo, receita complementar. O segundo é que as próprias atividades agropastoris constituem, em si mesmas, o principal diferencial turístico. Neste caso, os turistas, para viver a autêntica experiência da vida no campo, poderão ou não participar da rotina diária dos afazeres domésticos ou produtivos da propriedade” (BENI, 2003, p. 430).

**ASSOCIAÇÃO DE AGROTURISMO ACOLHIDA NA COLÔNIA (AAAC):** Grupo associativo fundador do Agroturismo na região das Encostas da Serra Geral Catarinense. Existe desde 1998 e tem por modelo a associação francesa “*Accueil Paysan*”, com o objetivo de oferecer serviços de hospedagem e produtos turísticos em colônias de agricultores familiares (AGRECO, 2007; ULLER, 2005; SILVA e CYRILLO, 2004a).

**CASAMENTO LAICO:** Derivada da expressão grega “*laos/laikos*”, mais tarde passando pelo latim, a palavra português leigo com o significado de não-clérigo. A expressão laico serve para designar um adepto ou um militante do laicismo para adjectivar essa sua postura ou sua ação. A lei fixa severos critérios formais, assecuratórios da liberdade e da espontaneidade da afirmação dos nubentes (MATEUS, 2008).

**ECOMAPA:** Eco [do gr. *echó*, pelo lat. *echo*], Mapa [do lat. *mappa*], Ecomapa (eco + mapa). 1. Representação gráfica que identifica a família e suas relações extra-familiar (FERREIRA, 2006, p. 617).

**GENOGRAMA:** Geno [do lat. *gena*], Grama [do fr. *gramme* < lat. *gramma* < gr. *grámma*], Genograma (Geno + grama). 1. Representação gráfica de uma família em um mesmo esquema (COUTANCIER, 2008, p. 1).

**GUILDA:** [do fr. *guilde*, *gilde* < lat. *méd. gilda*, f. latinizada do neerl, meio *gilde*, ‘reunião’, ‘banquete de natureza simbólica e religiosa’ ‘corporação’]. “Associação de auxílio mútuo constituída na Idade Média entre as corporações de operários, artesãos, negociantes ou artistas” (FERREIRA, 1986, p. 877).

**HEREDOGRAMA:** Heredo [do lat. *heres*], Grama [do fr. *gramme* < lat. *gramma* < gr. *grámma*], Heredograma (heredo + grama). 1. Genét. Diagrama da história familiar de um indivíduo por meio do qual se evidencia o aparecimento de determinada enfermidade hereditária, assim como o grau de parentesco do indivíduo afetado com o indivíduo em estudo (FERREIRA, 1986, p. 889).

**MUTIRÃO** [do Tupi *moti’rõ*]: Auxílio gratuito que prestam uns aos outros os lavradores (FERREIRA, 1986, p. 1175).

**PARDIEIRO:** [Do lat. *\*parietinariu* < lat. *parietinae*, ‘paredes arruinadas’, ‘ruínas’.] Edifício em ruínas, casa ou edifício velho (FERREIRA, 1986, p. 1269).

**PLURIATIVIDADE:** combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas como forma de se garantir rendas (MATTEI, 2007). Análise das atividades realizadas, em adição à atividade agrícola strictu sensu, tais como o assalariamento em outras propriedades, o

processamento de alimentos, outras atividades não-agrícolas realizadas na propriedade, como o turismo rural e as atividades fora da fazenda, referentes ao mercado de trabalho urbano, formal e informal (NASCIMENTO, 2008, p. 3).

**REDE:** Um conjunto de relacionamentos sociais que se reproduzem e apresentam padrões persistentes ao longo do tempo (RUSCHAMNN; SOLHA, 2006, p. 242). Sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivado desse conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados (MARTELETO, 2008, p. 2).

**RURAL:** O rural é definido como o que está fora do perímetro urbano (PAULILO; SCHMIDT, 2003, p. 288). Corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa (MARQUES, 2008, p. 15).

**TURISMO RURAL:** “Deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite para fruição dos cenários e instalações rurícolas (...) O turismo rural tem características próprias bem definidas em termos de permanência e de utilização de equipamentos, tanto pode apresentar instalações de hospedagem em casa de antigas colônias de trabalhadores e imigrantes dos distintos períodos agrários do Brasil, bem como em sede de fazendas e casas de engenho do ciclo do café de de cana de açúcar (...) como também em propriedade modernas, complexos turísticos e hotéis-fazenda, particularmente voltados ao turismo que busca lazer e recreação em atividades agropastoris”. (BENI, 2003, p. 429).

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Turismo rural - agroturismo

A prática turística se confirma como área de trabalho a partir do século XX, após a Segunda Guerra Mundial como consequência da produtividade empresarial, do poder de compra das pessoas e restauração da paz no mundo. Na atualidade, alguns países como Espanha, França e Estados Unidos, geram divisas expressivas com as atividades turísticas, e estas são apontadas como possibilidade de gerar rendas praticamente em todo o mundo, além de promoverem a revitalização e preservação dos espaços materiais e imateriais históricos culturais.

Neste século o turismo rural assume papel de destaque no desenvolvimento do país e é o terceiro setor da economia fazendo com que numerosas regiões se desenvolvam, gerando novos empregos, assim como o desenvolvimento sustentável de determinados lugares. Segundo Ruschmann e Solha (2004, p. 49), o turismo pode ser definido considerando-se inúmeros fatores:

A importância da definição extrapola sua importância conceitual e permeia suas inúmeras formas de manifestação, estando assim diretamente relacionado como fator gestão do negócio, já que no turismo rural a prestação de serviços turísticos com qualidade tem de conviver harmoniosamente com as práticas agrícolas e o modo de vida tipicamente rural.

Beni (2000, p. 428), define turismo rural como “o deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite para fruição dos cenários e instalações rurícolas”. O turismo rural como quase todos os segmentos do Turismo, possui ainda muitas e diferentes terminologias e conceitos como, por exemplo, de turismo interior ou agroturismo. Este último, o Agroturismo, é um segmento recente na exploração turística com características voltada à cultura local, aos costumes típicos, a vida social e sua interação com o meio rural, alojamentos nas próprias residências dos moradores locais, interação com o modo de vida local. Ainda existem as atividades agropecuárias e agroindustriais. “As fortes diferenças culturais entre o meio rural e o urbano manifestam-se na culinária, nas manifestações folclóricas resultantes do dia a dia no campo, na própria relação da população rural com a terra” (SILVA, 2007, p. 267).

Beni (2000) ainda afirma que existem duas diferenças entre o Turismo Rural e o Agroturismo, são elas: no primeiro, a produção agropastoril apresenta a maior fonte de renda

da propriedade e o turismo entra como renda complementar da propriedade, no segundo as atividades agropastoris por si só formam o principal referencial turístico da destinação.

Ruschmann e Solha (2004, p. 50) apontam que:

A melhor definição de turismo rural, apoiada pela Associação Brasileira de Turismo Rural - ABRATURR é a que conceitua como o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.

O Turismo Rural teve seus primeiros registros no final do século XIX na Europa – Suíça e Áustria. Somente a partir dos anos cinquenta aparece como uma atividade planejada principalmente na Itália, Espanha e França decorrente do desenvolvimento econômico dos países industrializados e democratização dos direitos à férias dos trabalhadores (SELVA, 1998).

Na Grã-Bretanha e em Portugal, bem como em outros países, a prática do turismo no espaço rural e hospedagem fica fortalecido com a valorização da cultura e história com a presença da arquitetura, arte antiga e medieval, assim como as vinícolas e culinária (TULIK, 2003).

Na América do Sul, de acordo com Portuguez (1999), o Turismo Rural se destacou nos anos 80, no Uruguai, nos Pampas argentinos, zonas de imigração européia no Brasil, nas rotas incas do Peru e nas fazendas de café da Colômbia.

O Turismo Rural no Brasil segundo Selva (1998), é uma atividade relativamente nova, surgida como uma alternativa de renda para amenizar os problemas decorrentes da crise do setor agrícola, que resultou no êxodo rural – a saída da população do campo para a cidade – que transforma a economia local. Como conseqüências se verificam fortes mudanças nas grandes cidades (crescimento desordenado, surgimento de favelas e bolsões de pobreza, etc), que conforme Rodrigues (2001, p. 90) é “a cidade alardeada como monstro causador de estresse”.

Na década de 70 na Europa, as atividades de lazer nos espaços rurais já eram praticadas como uma atividade de ócio e lazer em países como Itália, França e Reino Unido. A Comissão da Comunidade Européia estabeleceu um conceito de Turismo Rural válido para todos os países com base em três fatores:

1. o turismo rural é um conceito amplo que não envolve somente o descanso das férias em fazendas mas, todas as atividades turísticas que ocorrem no campo;
2. o turismo rural recobre, igualmente, toda atividade turística no interior do país;

3. turismo rural é um conceito que engloba qualquer atividade turística endógena a qual o ambiente humano e natural poderá suportar (COMISIÓN DE LAS COMUNIDADES EUROPEAS, 1990).

O Turismo Rural é considerado uma prática recente no Brasil, surgido na década de 80 no município de Lages - Santa Catarina – localizada no planalto catarinense, mais precisamente na fazenda Pedras Brancas, que em 1986, começou a acolher os visitantes para passar “um dia no campo”. Com este fazer, tinha como objetivo, novos investimentos e geração de ocupação da mão-de-obra local. O espaço de hospedagem para os turistas nas propriedades receptivas, o mobiliário e a decoração apontava a época da colonização, assim como as lidas campesinas que geravam a base do turismo rural em Lages. Outras fazendas pioneiras apontadas são as fazendas do Barreiro e a Boqueirão, por disponibilizarem pernoite e participação nas lidas do campo. As regiões Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul), Norte e Nordeste, atualmente, praticam esta atividade baseada no campo, porém, as regiões Sul e Sudeste já se destacavam no território nacional (RODRIGUES, 2001).

O Turismo Rural iniciado em Lages – SC, dissiminou-se, de acordo com Portuguese (1998, p. 237), “por diversos Estados da federação, como no Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e também no Espírito Santo [...]”. Atualmente, a atividade do Turismo Rural tem apresentado significativa expansão por todo o país, assim como uma possibilidade de melhoria de vida para os agricultores, principalmente para as pequenas famílias agricultoras.

### **3.2 Agroturismo**

No Brasil, através da política de crédito rural, a política agrícola está direcionada para atender médios e grandes produtores, e com isso privilegia as culturas de exportação em prejuízo das culturas domésticas, deixando os pequenos produtores de agricultura familiar desamparados. Este descaso com a agricultura familiar desencadeou o empobrecimento no campo (ELESBÃO, 2001). Para atenuar este quadro de penúria surge o Agroturismo, que segundo Graziano da Silva e colaboradores (2007, p. 8), são:

as atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade em maior ou menor intensidade. Devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc) a partir do “tempo

livre” das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra extra.

Para Tulik (2007, p. 8) o Agroturismo é uma “derivação do Turismo Rural, mas caracteriza-se por uma interação mais afetiva entre o turista com a natureza e as atividades agrícolas”.

Como atividade turística o Agroturismo vem sendo apontado como possibilidade de incremento de renda para as pequenas famílias agricultoras que somente com as atividades primárias agrícolas dificilmente conseguiriam sobreviver, fazendo com que alguns membros das famílias migrem para os centros urbanos em busca de rendas complementares com o abandono das propriedades. O Agroturismo surge então como uma possibilidade da permanência na área rural das pequenas famílias agricultoras, que podem exercer além dos serviços agrícolas outras atividades não agrícolas (pluratividade), no sentido de melhorar seu nível de vida e manter a população no espaço rural. Além dos benefícios citados acima, o Agroturismo promove uma maior conscientização do ambiente natural estimulando a manutenção e a conservação do mesmo, promove um resgate do patrimônio histórico-cultural da comunidade e, quando desenvolvido de uma forma solidária gera oportunidades de novos empregos não só para os envolvidos dentro do projeto como para outros agentes da comunidade (SILVA; CYRILLO, 2004).

Para o Ministério do Turismo,

a prestação de serviços relacionados à hospitalidade em ambiente rural faz com que as características rurais passem a ser entendidas de outra forma que não apenas focadas na produção primária de alimentos. Assim, as práticas comuns à vida campesina, como manejo de criações, manifestações culturais e a própria paisagem passam a ser consideradas importantes componentes do produto turístico rural e, conseqüentemente, valorizadas e valoradas por isso (BRASIL, 2007b, p. 8).

Importante se observar que o Agroturismo gera benefícios para as pequenas famílias agricultoras, porém, poderá haver transformações negativas segundo, Almeida e Riedl (2001, p. 165) sendo elas:

- a) degradação ambiental causada pelo lixo, esgoto, barulho, depredação de patrimônios naturais, sua flora e fauna;
- b) degradação da cultura local por interação da comunidade local com os turistas de diferentes origens, aumento de trânsito de pessoas e mobilidade populacional;
- c) aumento de demanda por serviços públicos, competindo com o atendimento da comunidade local;
- d) inclusão e exclusão de áreas e regiões podendo levar ao êxodo rural nas áreas excluídas;

- e) aumento da criminalidade, do uso de drogas e de depredações no patrimônio público por influência dos fluxos de populações urbana no meio rural;
- f) abandono das atividades agropecuárias confiando apenas no agroturismo como fonte exclusiva de renda familiar;
- g) aumento no custo de vida das comunidades residentes, devido ao aumento no custo das mercadorias e dos serviços, e do preço das terras, resultante da especulação imobiliária.

Entendendo a prática do Agroturismo como potencializador de um desenvolvimento com base local, se aponta como principal fator, capaz de alavancar o processo e o sucesso do empreendimento com o envolvimento consciente da comunidade local, levando-os a uma melhor qualidade de vida. Para Rodrigues (2007, p. 20),

pode-se definir o desenvolvimento com base local como um processo de desenvolvimento e transformação estrutural que, mediante a utilização de um potencial de desenvolvimento existente no território, conduz a uma melhora de bem estar da população local e ou regional. Quando a comunidade local é capaz de liderar este processo de transformação estrutural, diz-se que está em curso o desenvolvimento local ou endógeno.

Confirma ainda Rodrigues (idem, p. 94), a importância da participação das comunidades e das populações nativas, dos grupos sociais em um processo de desenvolvimento local e sustentável e a contextualização das realidades locais e regionais, a fim de intensificar o crescimento econômico e melhorar a qualidade de vida das comunidades locais como um espaço de solidariedade ativa, que envolve uma troca de atitudes e comportamentos entre grupos e indivíduos. “É um processo emergente de fortalecimento endógeno, que deverá surgir a partir das iniciativas e do dinamismo das próprias comunidades locais”.

### **3.3 Agricultura – conceito e história**

Para se falar de agricultura familiar pensamos ser interessante conhecer o conceito e a evolução histórica da agricultura no decorrer dos séculos como uma atividade ligada as transformações sociais da humanidade.

A agricultura é uma das atividades humana com os mais variados conceitos que vão dos mais sucintos aos abrangentes, tais como: “arte de cultivar o campo; arte de cultivar a terra e conjunto de operações que transforma o solo natural para produção de vegetais úteis ao homem” (FERREIRA, 2006, p. 65). Para Diehl citado por (DUMONT, 2007, p. 1) “a agricultura é a arte de obter do solo mantendo sempre sua fertilidade, o máximo lucro”. No

entanto um conceito sintético é apontado por Dumont (2007, p. 1) “a artificialização pelo homem do meio natural com o fim de o tornar mais apto ao desenvolvimento de espécies vegetais e animais, elas próprias melhoradas”.

Definir as atividades humanas é um processo complexo pois entendemos que a agricultura num sentido mais amplo decorre em determinado momento histórico, ambiente natural e contexto social. Na sua mais longa acepção a agricultura deve ser encarada como “fenômeno social total” com variações de acordo com condições ecológicas e sociais que diferenciam um lugar de outro.

Como atividade econômica reflete a estrutura e evolução social, contudo não podemos deixar de considerar os sistemas da agricultura como herança dos nossos antepassados envolvidos com esta prática. Para Almeida (2007, p. 1) “uma herança do passado e que parte da compreensão da sua estrutura e funcionamento nos advém do conhecimento da sua história”. Este mesmo autor afirma que a agricultura surgiu em torno de 10-12 mil anos passados na região entre os rios Nilo, Tigre e Eufrates conhecidos por “Crescente Fértil”, com o cultivo de cereais ocorrendo em um momento de transição de uma economia recoleitora para uma economia produtiva, baseada na exploração da terra, evidenciando o cultivo intencional.

### **3.3.1 Evolução e algumas das transições na prática agrícola**

O modelo de cultivo das plantas e domesticação dos animais propagou-se na Europa de Oriente para Ocidente e acredita-se ter chegado a Península Ibérica há cerca de 4 mil anos. Houve pouca alteração na prática da agricultura européia até o século XVII exceto a inclusão de algumas técnicas propostas pelos agrônomos romanos “Columela, Plínio e Varão”. Há traços mais marcantes da agricultura européia como a rotação bienal cereal-pousio herdada do Neolítico, tipo de alimentação baseada em carbono e produção animal marginal no sistema de ovinos e caprinos.

Na Holanda, no início do século XVII, surgiu um novo ciclo que decorreu na Inglaterra no século XVIII, quando introduziram-se alterações significantes nas técnicas da produção agrícola: tais como a abolição do *pousio*, surgindo lavouras mais profundas e freqüentes e a prática de novas rotações (rotação de *Norfolk*) surgindo com isso a chamada Revolução Agrícola, que juntamente com outros fatores dá base para a Revolução Industrial.

A rotação de *Norfolk* se constituía numa prática de cultura sachada (nabo) que abria a rotação, seguida de um cereal, e uma leguminosa (trevo violeta) e novamente um cereal. Essa prática aumentou e melhorou a alimentação dos animais conduzindo-a a intensificação da

pecuária e melhoramento das raças. Com o aumento do gado bovino, houve a disponibilidade de estrume que incorporado nos solos propiciou o crescimento da produtividade. A partir deste período, a terra passou a ser vista como meio de produção rentável e surge uma agricultura do tipo empresarial. Com isso os investimentos também são direcionados para outros segmentos como: os têxteis, no primeiro momento a lã e em seguida o algodão (ALMEIDA, 2007).

### **3.3.2 Duas transições importantes dos últimos cem anos no mundo**

Na visão de Buttel (1995) a história da agricultura em nível global dos últimos cem anos, apontou dois (2) processos distintos e importantes, que os denominou de transições agroecológicas: sendo a Revolução Verde o primeiro marco; e, o segundo, o atual processo de ecologização da agricultura.

O primeiro marca a “Revolução Verde” surge inicialmente nos países desenvolvidos, e, após nos países subdesenvolvidos. No Brasil esse processo tecnológico, elevou a um aumento da produtividade de algumas lavouras, principalmente daquelas visadas à exportação, ao setor agroindustriais e/ou a produção de biocombustíveis, por outro lado gerou o agravamento de diversos problemas, como defendem Muller, Lovato & Mussoi (2003 citado por Hespanhol, 2008, p. 3),

além do alto custo econômico de sua manutenção, a exploração excessiva da base dos recursos naturais levou as crescentes níveis de degradação e esgotamento dos solos, poluição das águas, intoxicações e contaminações de agricultores por agrotóxicos, além de perda de biodiversidade. Por outro lado as políticas de desenvolvimento agrícola que viabilizam a implementação desse modelo tecnológico foram direcionadas à modernização das grandes propriedades, aprofundando ainda as desigualdades e exclusão social no meio rural, principalmente em se tratando dos agricultores familiares.

De acordo com Buttel (1995) houve uma intensidade dos efeitos sociais e ambientais nos últimos trinta (30) anos em escala mundial, e, o questionamento ao modelo de agricultura produtivista, promovendo à segunda transição agroecológica. essa transição é destacada pelo crescente questionamento sobre a sustentabilidade do modelo produtivista defendido pela produção verde com destaque dominante, agravando sua crise. Na seqüência há a introdução de uma visão, com a valorização ambientais nas práticas agrícolas, na agenda política e opinião pública. Com esse novo pensar se abre a possibilidade de crescimento e de formas de produção, cujo princípio maior é a relação maior de respeito com a Natureza, no entanto seriam mais sustentáveis a médio e longo prazo.

Para Hespanhol (2008) nessas perspectivas que trazem como foco principal a sustentabilidade onde se pode inserir a Agricultura Alternativa e a Agroecologia, as quais surgiram inicialmente de forma marginal e em contraposição à agricultura convencional ou produtivista, e continua em expansão.

As tendências contra das perspectivas tecnológica, são representadas pelos movimentos ambientalistas e organizações não-governamentais que vêm como única forma de se garantir a sustentabilidade da agricultura. De acordo com Ehlers (1995) alguns desafios contidos na concepção de desenvolvimento e de agricultura sustentável envolve as transformações sociais, e econômicas e ambientais em todo o sistema agroalimentar. Além disso, mais a erradicação da fome e da miséria, a promoção de melhor qualidade de vida de milhões de habitantes, assim como democratização do uso da terra ou a consolidação de uma ética mais igualitária.

### **3.3.3 Agricultura no Brasil**

A transformação no modelo de produção agrícola transformou-se no decorrer dos séculos, não sendo uma atividade estática acompanha as evoluções sociais e econômicas desde o seu início.

A agricultura no Brasil foi iniciada durante o séc. XVI, e três foram os componentes fundamentais que marcaram a organização social do Brasil-Colônia: a grande propriedade fundiária (latifúndios herdados das capitânicas hereditárias e sesmarias), a monocultura de exportação (voltada ao atendimento de requisitos econômicos da Metrópole portuguesa) e o trabalho escravo, além de outras formas de exploração da natureza, dentre elas:

a pecuária extensiva nas regiões não muito distantes da costa marítima ou as pequenas lavouras de subsistência nas áreas de interstícios das grandes lavouras, que eram constituídas como atividades marginais e subordinadas à economia colonial, exercendo a função primordial da produção de gêneros complementares às culturas de exportação, fundamentalmente alimentos como mandioca, milho e arroz para consumo interno (OLIVEIRA, 1987, p. 02).

As pequenas lavouras de subsistência é a que hoje se conhece como pequena agricultura familiar.

No Brasil a evolução da Agricultura é apontada segundo alguns autores, dentre eles Graziano da Silva em quatro etapas distintas: 1850-1890, 1890-1930, 1930-1960 e 1960-1980. Aponta Graziano da Silva (1982) que neste período de 1850-1890 a lei Euzébio de

Queiroz põe fim no tráfico de africanos negros o que dificulta a ampliação e substituição da mão-de-obra escrava, dá início uma crise no setor agroexportador. Em muitas fazendas cafeeiras, a fim de resolver o problema da falta de mão-de-obra, introduziram a mão-de-obra livre dos imigrantes, inaugurando a categoria nomeada de colonato. No mesmo período houve um significativo desenvolvimento urbano, gerando incentivo a pequenas produções agrícolas de gênero alimentício, com isso, a montagem de indústria manufatureiras.

Ainda nesse período o Estado criou os “engenhos centrais”, fato importante no processo de modernização agrícola, mas os senhores de engenho mais ricos, tornaram-se usineiros, desenvolvendo as atividades agro (plantação de cana) e industriais (refino da cana).

Para Erthal (2008) no período decorrente de 1890-1930 o crescimento das cidades e expansão e diversificação nas suas funções, dentre elas, algumas localizadas nas regiões Sudeste e Sul passaram por um processo de industrialização principalmente de bens de uso e de consumo. É o surgimento da expansão do capital industrial que alcança o campo. Com isso, a Agricultura pode-se voltar ao mercado interno abastecendo-o com produtos alimentares e matérias-primas.

Enquanto a fazenda de café, passou a adquirir seus instrumentos de produção estreitando suas relações com as cidades. Na mesma época os ingleses investem em ferrovias no Brasil, que favoreceu a expansão cafeeira e surgimento de novas cidades. A integração espacial, pelas ferrovias configura uma nova era.

Outro fator relevante citado por Monbeig (1984) foi a atuação do Estado através de instituições científicas com seu trabalho voltado para o desenvolvimento da Agricultura. Como exemplo a pesquisa feita, em 1923 pelo Instituto Agrônomo de Campinas para expansão da cultura de algodão em São Paulo.

Entre 1930-1960 dentre as importantes transformações ocorridas nesse período – o “*cracking*” da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 – a crise que tomou o setor primário exportador, base da economia nacional. O setor agrícola desempenha cinco (5) papéis básicos mas importantes para acelerar a industrialização brasileira. Conforme Albuquerque e Nicol (citado por ERTHAL, 2008, p. 5) foram:

liberação da mão-de-obra às indústrias; fornecimento de produtos alimentares e matérias-primas a custos constantes ou descendentes; suprimento de capital para o financiamento de investimentos industriais; suprimento de divisas estrangeiras através das exportações de produto agrícolas, necessárias ao financiamento de importação para o setor industrial; criação de um mercado interno para produtos industriais.

No mesmo período o espaço produtivo agrícola brasileiro se reorganiza com o aumento da especialização a nível regional em determinados tipos de produtos e redesenha-se um novo modelo de divisão social de trabalho na Agricultura a nível nacional.

### 3.3.4 Agricultura familiar e a pluriatividade

No decorrer dos séculos a agricultura como prática econômica sofreu várias alterações, com a tecnologia a partir do pós-guerra inicia-se um processo crescente de homogeneização que contribuiu para fortalecer os grandes latifundiários, levando os pequenos agricultores ao empobrecimento. Para Mattei (2007, p. 1) “Este modelo se assentou nos princípios da Revolução Verde e teve como objetivo os ganhos de produtividade, via incorporação de ‘novos fatores de produção’, destaca-se ai o uso de sementes melhoradas, de adubos químicos dos agrotóxicos e da maquinaria agrícola”. Diante desse cenário, os pequenos agricultores buscam alternativas de melhor qualidade de vida, deslocando-se para as cidades, provocando o êxodo rural, levando o desequilíbrio aos centros urbanos, e o surgimento de bolsões de pobreza com aumento da violência e outros fatores negativos.

Ainda neste século, conforme Abramovay (2007, p. 4):

as cidades brasileiras continuam atraindo fortemente a população rural, sobretudo os mais jovens e, entre esses, cada vez mais as moças. Diferentemente do período que vai até o início dos anos de 1980, são cada vez menor as chances de que esta população consiga realmente integrar-se à vida urbana.

O êxodo rural, segundo o autor acima, teve início na década de 40, foi crescendo gradativamente chegando a atingir 5,6 milhões de indivíduos, conforme demonstra a Tabela 1.

<b>PERÍODO</b>	<b>POPULAÇÃO MIGRANTE (TOTAL)</b>	<b>TAXA LÍQUIDA DE MIGRAÇÃO (%)</b>
1950 – 1960	-110.824	-33,0
1960 – 1970	-11.464	-29,9
1970 – 1980	-14.413	-34,1
1980 – 1990	-12.135	-31,4
1990 - 1995	-5.654,4	-29,3

Tabela 1 – Estimativas de saldo líquido migratório rural-urbano e taxas líquidas de migração em 1000 habitantes - Brasil: 1950-1995

Fonte: Dados brutos: IBGE, Vários Censos Demográficos.

Para Abramovay (idem) ao comparar com as duas décadas anteriores os migrantes rurais mais especificamente no Sul do Brasil, durante a primeira metade dos anos 90, observa-

se uma significativa queda de 37,7% de habitantes rurais. Diante de uma situação grave que fica demonstrada através de dados quantitativos, se fez necessário repensar uma política de desenvolvimento rural para o país.

A partir de 1990, começa-se a estudar a produção familiar, e com isso a agricultura familiar foi apontada oficialmente como ator social e passa a ser olhada como campo de ação para a agricultura alternativa conforme descreve Marafon (2006, p. 2),

A agricultura familiar se afirma como uma categoria expressiva no meio rural brasileiro. [...] Agricultura familiar deriva, sobretudo, do estudo elaborado conjuntamente pela Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) (FAO)/Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) (1994) e que passou a orientar as políticas de desenvolvimento rural implementados pelo Estado brasileiro.

Em todo o território brasileiro a agricultura familiar passa por transformações na relação do rural com o urbano, e o Estado Catarinense não foge a nova lógica de pensar as relações de trabalho, no processo produtivo dos agricultores familiares.

Neste processo, o termo “agricultura familiar” é apontado por alguns autores como: “a diversificação da produção, buscando suprir a unidade familiar de alimentos” (PAULILO e SCHMIDT, 2003, p. 74).

Para os autores além de buscar a auto-suficiência na produção de alimentos, aponta outros aspectos tais como a utilização intensiva das exíguas áreas de terras favoráveis ao cultivo anual; aproveitamento da mão-de-obra durante todo o ano; diminuição dos riscos de perdas econômicas por frustração de safra e por flutuações de preços, e interação entre atividades visando uma sinergia econômica e ecológica (IDEM,).

Entende Bergamasco (2007, p. 4) que nas:

Características básicas da agricultura familiar: a direção da unidade produtiva é exercida pela família; as áreas dos estabelecimentos não ultrapassam quatro módulos fiscais; a mão-de-obra familiar é superior à contratada e propriedade dos meios de produção é da família. Os beneficiários são agricultores, pescadores artesanais, aquícultores, extrativistas, e membros das comunidades remanescentes de quilombos.

A concepção que prioriza a agricultura na família como unidade de análise centra-se nos estudos da FAO/INCRA no ano de 1994, que divide a exploração agrícola em modelo patronal e familiar (Quadro 2) e o estabelecimento do Programa Nacional de Produção Familiar – PRONAF. Com o objetivo de estabelecer diretrizes e ações que levem ao

desenvolvimento rural e à integração dos produtores familiares ao mercado e para tanto, realiza uma classificação dos agricultores familiares brasileiros conforme mostra o Quadro 3.

<b>PATRONAL</b>	<b>FAMILIAR</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Completa separação entre gestão e trabalho.</li> <li>▪ Organização centralizada.</li> <li>▪ Ênfase na especialização.</li> <li>▪ Ênfase nas práticas padronizáveis.</li> <li>▪ Predomínio do trabalho assalariado.</li> <li>▪ Tecnologias dirigidas a eliminação das decisões “de terreno” e “de momento”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Trabalho e gestão intimamente relacionados.</li> <li>▪ Direção do processo produtivo diretamente assegurada pelos proprietários ou arrendatários.</li> <li>▪ Ênfase na diversificação.</li> <li>▪ Ênfase na durabilidade dos recursos e na qualidade de vida.</li> <li>▪ Trabalho assalariado complementar.</li> <li>▪ Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.</li> </ul>

Quadro 2 - Diferença entre propriedades patronais e familiares

Fonte: VEIGA, 2001 citado por MARAFON, 2006.

<b>CONSOLIDADOS</b>	São produtores considerados empresários do setor, com boa liderança nas comunidades, buscam assistência técnica e creditícia, possuindo bom poder de análise e gerenciamento. São propriedades geralmente menores de 100 ha com concentração próxima à 50 ha.
<b>EM TRANSIÇÃO</b>	São produtores de menor esclarecimento que os consolidados, buscam em menor intensidade assistência técnica e creditícia, possuindo médio poder de análise e gerenciamento. São propriedades menores que 100 ha com concentração próxima de 20 ha.
<b>PERIFÉRICA OU DE SUBSISTÊNCIA</b>	A utilização de crédito rural é nenhuma ou incipiente, pois não possuem viabilidade econômica para ter acesso a ele. Geralmente tem dificuldades quanto ao gerenciamento da propriedade. Também considerado agricultor que mais se aproxima do camponês tradicional, onde a luta pela terra e contra as perversidades do capitalismo se faz presente. São propriedades geralmente menores de 50 ha com concentração abaixo de 20 ha.

Quadro 3 - Classificação dos agricultores familiares.

Fonte: FAO/INCRA, 2000 citado por MARAFON, 2006.

No Brasil o papel da agricultura familiar se destaca pela diversificação da produção, sendo responsáveis pelo grande percentual de produção alimentar, geração de trabalho e renda no campo, assim como a proteção do meio ambiente e a permanência dos indivíduos nas áreas rurais.

Como afirma o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a agricultura familiar é:

responsável por cerca de 60% dos alimentos que chegam às mesas das famílias brasileiras e pela matéria-prima por muitas indústrias representando 85% do total de estabelecimentos rurais do País. Além disso, contribui para o esforço exportador do Brasil a partir de várias cadeias produtivas de que participa, sendo responsável por cerca de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional. Ao todo, são aproximadamente 4,1 milhões de famílias agricultoras, pescadoras, extrativistas, ribeirinhas, integrantes de comunidades quilombolas e indígenas produzindo, gerando renda e respondendo por 77% das ocupações produtivas e empregos no campo (BRASIL, 2007, p. 1).

A agricultura familiar está destacando-se no cenário nacional, não somente pelo percentual da produção que abastece a mesa dos brasileiros, mas, também se destaca na preservação ambiental com manejos agroecológicos ou orgânicos. A importância da produção orgânica está vinculada a uma nova tendência do mercado consumidor. Que busca cada vez mais, um tipo de alimentação saudável, sem o uso de agroquímicos, fazendo o mercado de produtos orgânicos crescer em torno de 40% ao ano.

O modelo de produção orgânica das famílias envolvidas repercute sobre o ambiente sócio-ambiental, culturais e sobre a qualidade de vida das famílias produtoras como podemos observar.

### **3.3.5 Pluriatividade**

A modernização agrícola e o destaque da agricultura familiar exigem das pequenas famílias agricultoras um novo processo no cultivo dos produtos, com uma tendência cada vez maior da produção orgânica, surgimento de agroindústrias promovendo a multifuncionalidade das propriedades agrícolas direcionando-as à prática de tarefas agropecuárias e não-agropecuárias – pluriatividades, visando aumento na renda familiar.

Conjuntos de fatores apontam que a pluriatividade na propriedade agrícola auxilia e se faz como complemento do produtor rural. Para Menegati (2007, p. 1) “a pluriatividade apresenta-se como um dos processos engendrados no campo, que baseia-se em múltiplas formas de trabalho realizadas pela família rural, sobretudo através da combinação de atividades agrícolas com os empregos fora da propriedade”. Aponta ainda a autora, que a necessidade de estudos mais aprofundados sobre esta prática se faz necessário, já que a mesma ganha destaque no Brasil somente na década de 1990.

Gira em torno da pluriatividade nas famílias rurais brasileiras inúmeros questionamentos, estes concentram-se principalmente na questão: “quais as conseqüências das novas relações que se estabelecem devido à combinação de atividades agrícolas com outras atividades ligadas a outros setores da economia. Em outras palavras, a pluriatividade faz ‘bem’ ou ‘mal’ para a agricultura familiar?” (MENEGATI, *idem*, p. 1-2).

Como citado anteriormente a agricultura familiar surge no Brasil a partir de meados da década de 90. Nesta época ocorreram dois fatores com grandes impactos social e político expressivos no meio rural, principalmente na região Centro-Sul. No campo político, os movimentos sociais do campo, tendo a frente o sindicalismo rural ligado a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Em 1990, o movimento estava no auge com manifestações políticas que estendem-se até os dias atuais, como exemplo os eventos anuais com o “Grito da Terra”. Os motivos estavam ligados: a impactos da abertura comercial, falta de crédito agrícola e queda dos preços dos principais produtos agrícolas de exportação. Para Schneider (2003, p. 100):

a incorporação e a afirmação da nação de agricultura familiar mostrou-se capaz de oferecer guarida a um conjunto de categorias sociais, como, por exemplo, assentados, arrendatários, parceiros, integrados a agroindústrias entre outros, que não mais podiam ser confortavelmente identificados com as noções de pequenos produtores ou simplesmente de trabalhadores rurais.

O autor entende que o espaço e confirmação da agricultura familiar no cenário social e político da nação brasileira está ligado a legitimação que o Estado lhe conferiu ao criar, em 1996 o PRONAF, programa que veio para atender as pressões do movimento sindical rural.

Neste contextos de pressão e questionamentos se confirma cada vez mais a pluriatividade no meio agrícola. Schneider (2003, p. 100), acredita que:

em contextos internacionais, a dinâmica da própria agricultura no espaço rural vem sendo condicionada e determinada por outras atividades, passando a ser cada vez mais percebida como uma das dimensões estabelecidas entre a sociedade e o espaço entre o homem e a natureza. Talvez o exemplo emblemático dessa mudança estrutural seja emergência e a expansão das unidades familiares pluriativas.

No Brasil, segundo Menegati (2007) o modelo de industrialização praticada não interfere a pluriatividade. Contudo, a combinação de diferentes atividades é difundida com maior intensidade no espaço rural perto das grandes cidades, com maior possibilidade de empregos para alguns membros da família rural.

Para Carneiro (2007, p. 02),

a pluriatividade é decorrente de fatores que lhe são exógenos, como o mercado de trabalho não-agrícolas, mas é também uma prática que depende das decisões dos indivíduos ou das famílias. O fenômeno da pluriatividade exige, assim, que se oriente o olhar para a atenção resultante dessas duas forças: de um lado, a relação dos agricultores com o ambiente social e, de outro a dinâmica interna da organização social dessas unidades produtivas de caráter familiar.

A pluriatividade apontada como um fenômeno relativamente novo no Brasil, vai de encontro as práticas da agricultura como uma nova possibilidade de aumento na renda familiar, quando associada a trabalhos agrícolas. Esta nova forma produtiva une a prática agrícola a não-agrícola, que geram diferentes tipos de remuneração e receitas para os agricultores familiares.

### **3.4 O trabalho: algumas considerações**

Define-se trabalho, segundo Ferreira (1986, p. 1695), como a “aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”. No trabalho o homem se apropria da natureza e a transforma segundo as suas necessidades e aspirações. E segundo Engels (citado por RECCO, 2008), o homem ao contrário dos demais animais, domina e modifica a natureza e a obriga a servir-lhe.

Para Arendt (2007, p. 15):

O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo ‘artificial’ de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destina a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais.

O trabalho surge com a elaboração de instrumentos mais antigos que nos chegaram dos homens pré-históricos “pelo gênero de vida dos povos mais antigos registrados pela história, assim como pelo dos selvagens atuais mais primitivos. São instrumentos de caça e pesca” (RECCO, 2008, p. 1). Em épocas remotas o homem trabalhava para produzir o que consumia, seja em roupas, alimentos ou moradia. Com a constituição das primeiras sociedades, ou povos, o trabalho era recompensado por mercadorias (escambo), como uma espécie de troca. Foi com as alterações econômicas e sociais no decorrer dos tempos que o trabalho passa por transformações a serviço da economia capitalista. Inserindo o homem

numa determinada relação social distinta, estabelecendo uma subordinação ao modelo econômico.

Podemos entender com o exposto acima que o trabalho pode ser entendido como categoria social, como estruturante da organização da sociedade, o que implica em um conjunto de ações com dimensões variadas, embasadas nas concepções dos seres humanos como determinador de seu destino. Para Codo (citado por LANE e CODO, 1995, p. 139) as relações de trabalho determinam o comportamento humano, as suas expectativas, seus projetos, sua linguagem e seu afeto.

Ao longo dos tempos ocorreram alguns processos de transformações, de acordo com a história e o momento sociocultural dos povos, é assim que resumidamente podemos apontar as seguintes formas de trabalho:

1. Trabalho escravo;
2. Trabalho formal;
3. Trabalho terceirizado;
4. Trabalho informal;
5. Cooperativismo (CHAGAS, 2008, p. 1).

Em tempos idos, o trabalho já foi causador de repúdio e discriminação. Nas civilizações da antiguidade, o trabalho era designado a pessoas que estavam submetidas à força ou coerção de um modelo social. A possibilidade do uso do intelecto como recurso de percepção cultural e de transformação social, era exaltada por filósofos clássicos, uma vez que valorizavam a ociosidade. Cabia ao escravo ou ao servo (no sistema feudal) o papel de trabalhador. O crescimento e avanço dos processos produtivos mostraram aos detentores do capital e dos meios de produção, a necessidade de percepção do trabalho como realização primordial para o sucesso de seu objetivo. O homem passou, então, a vender aquilo que possuía: sua força de trabalho. Nesta relação de capitalista e empregado, surgiram acordos que estavam baseados em contratos jurídicos, ou seja, passou-se a contar com uma legislação trabalhista. As leis, porém, não puderam conter a submissão cristã, trazidas pelo protestantismo, que trouxe em sua ideologia a presença de Deus e as graças realizadas por ele como motivação de entrega a um trabalho exaustivo. Quanto mais se dedicava ao trabalho, mais próximo de alcançar uma graça estava o sujeito. O indivíduo realiza cegamente seu compromisso com Deus e com seu patrão, em nome de seus princípios religiosos (BORGES, YAMAMOTO, 2004).

As críticas feitas sobre o Período Moderno, são de várias vertentes. Lafargue (1999, p. 63), considera que:

Uma estranha loucura apossa-se das classes operárias das nações onde impera a civilização capitalista. Esta loucura tem como conseqüência as misérias individuais e sociais que, há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e sua prole. Em vez de reagir contra essa aberração mental, os padres, economistas, moralistas sacrossantificaram o trabalho.

Nenhum estudo e/ou crítica pode, porém, ser comparada aos estudos de Marx. No século XIX ao analisar a situação do proletariado, Karl Marx, buscava emitir a esses trabalhadores, uma consciência da condição na qual se encontravam. Não era uma ode ao trabalho, mas ao sistema alienador/castrador de alegrias e liberdades. O materialismo histórico, tema do qual trata o autor, aponta o indivíduo enquanto ser transformador, pois promove e se apropria do seu fazer e do meio ao qual está inserido, tornando seu trabalho expressivo. O trabalho sobre uma análise marxista é caracterizado com os seguintes adjetivos: alienante, explorador, humilhante, monótono, discriminante, embrutecedor e submisso. Para Marx, os operários deveriam unir-se e buscar por uma condição mais digna (BORGES; YAMAMOTO, 2004).

O pensamento marxista abriu caminhos para uma compreensão do papel do assalariado. O empregado do mundo contemporâneo herdou não só os direitos trabalhistas (jornadas de horas, férias, sindicalismo, direito à greve, etc.), mas também ideologias, senão cristãs (basta escutarmos os termos: “cabeça vazia oficina do Diabo” ou “o trabalho dignifica o homem”), mas acima de tudo capitalistas, pois a idéia de concorrência permeia os mais diversos tipos de emprego. Nos dias atuais relacionamos o trabalho a palavras como ocupação, emprego e carreira. Porém, esta noção só possui sentido quando pensada numa relação de atividade que gera produtos ou serviço para uso imediato ou troca. Mas existem ocupações que mesmo não sendo remuneradas são consideradas trabalho.

Nesta odisséia ligada ao trabalho consciente, com finalidades específicas e um objetivo o ser humano quer a realização do que almejou. A busca por recursos que o satisfaça, provém de suas necessidades fisiológicas e psicológicas que o motivam. Levando em consideração uma série de requisitos que geram as motivações e comportamentos dos homens (MASLOW, citado por CONTRERAS, 1999, p. 55), percebemos que:

1. O comportamento dos sujeitos é um todo integrado e organizado.
2. As ações dos sujeitos não são produzidas por uma única motivação, mas por motivações múltiplas unidas e relacionadas entre si.

3. Não se pode analisar de forma isolada as motivações dos sujeitos se não relacionando-as entre si.

Estes são elementos que compõem a pirâmide de Maslow, esta traz cinco níveis de necessidade. Para Maslow o que leva as pessoas a agir são as necessidades não atendidas e as pessoas satisfazem estas necessidades básicas antes de sentir altamente motivadas a satisfazer outras. De acordo com o autor, as pessoas tentam primeiro satisfazer as necessidades da base da hierarquia – as fisiológicas – como a de alimento e descanso. Quando as necessidades das categorias inferiores são satisfeitas, as pessoas movem-se para o atendimento das necessidades de categorias superiores como de segurança, sociais, estima e auto-realização.

Os indivíduos são sempre motivados a satisfazerem a necessidade que para eles estiver preponderante, ou mais forte, em um determinado momento. A preponderância de uma necessidade depende da situação do indivíduo no momento, de suas experiências mais recentes. Partindo das necessidades físicas, que são mais básicas, cada necessidade deve ser ao menos parcialmente satisfeita antes do indivíduo desejar satisfazer uma necessidade no próximo nível acima.

Culturalmente, os seres humanos criam condições produtivas tendo em vista que o trabalho não é um objeto natural, mas são as ações e talvez as necessidades citadas acima que estabelecem a relação entre o homem e a natureza e entre a sociedade e a natureza (ANTUNES, 1997) e com o mesmo irá se relacionar com o trabalho.

A maneira com que cada indivíduo se relacionará com o trabalho, está baseada em variações de acesso, que segundo Borges e Yamamoto (2004), são divididas em dimensões:

- **Dimensão concreta**, que se refere à tecnologia com a qual se pode contar para realizar o trabalho, e às condições materiais e/ou ambientais em que se realiza, incluindo segurança física e conforto;

- **Dimensão gerencial**, que se refere ao modo pelo qual o trabalho é gerido, segundo o exercício das funções de planejar, organizar (dividir e distribuir tarefas), dirigir e controlar o mesmo;

- **Dimensão socioeconômica**, que abrange a articulação entre o modo de realizar o trabalho e as estruturas sociais, econômicas e políticas em um plano macro da sociedade, incluindo aí aspectos como o ritmo de crescimento econômico societal, a prosperidade de um setor econômico, a renda média, o conflito distributivo, o nível de oferta em emprego, a força de trabalho e outros aspectos sociodemográficos;

- **Dimensão ideológica**, que consiste no discurso elaborado e articulado sobre o trabalho, no nível coletivo e societal, justificando o entrelaçamento das demais dimensões e, especialmente, as relações de poder na sociedade. Deriva diretamente das grandes correntes do pensamento;

- **Dimensão simbólica**, que abrange os aspectos da relação de cada indivíduo com o trabalho, segundo crenças, valores e sua rede de significados e sentidos.

Temos uma idéia do trabalho como sendo uma transformação econômica e cultural, de alguma matéria em produto, uma vertente que percebe este processo ligado ao lucro. Perceber o indivíduo como estando sujeito a trabalhar em prol do sucesso econômico do outro, requer uma análise dos movimentos ideológicos que constituem a história do trabalho e de suas formas de aceitação pelo homem enquanto naturalização do seu estado de submissão.

O homem contemporâneo, que visa carreira, que investe em sua profissão, que quer estar em dia com o mercado de trabalho, vive uma situação de naturalização do papel primordial que o trabalho possui em sua vida. A vida profissional é uma extensão da vida pessoal.

### 3.5 Divisão social do trabalho

O capitalismo surgiu para dividir e reinar organizando o processo de produção de forma fragmentada, desapropriando o homem do produto e do processo produtivo, tornando-o alienado. Gorz (2001, p. 41) nos fala das razões e das duas medidas decisivas adotadas pelos patrões para retirar dos trabalhadores o controle sobre o produto e sobre o processo de produção:

1<sup>a</sup>) o desenvolvimento da divisão parcelada do trabalho que caracteriza o *putting-out system* (“baseado na distribuição da matéria-prima aos artesãos a quem compra o produto acabado”, in Roland Marx, *La Revolution Industrielle em Grande-Bretagne*, A. Colin, Paris, 1970, p. 124. N. do T. francês);

2<sup>a</sup>) o desenvolvimento da organização centralizada, que caracteriza o sistema de fábrica (*factory system*). Ao invés de aumentar a produção sob fatores constantes, essas inovações na organização do trabalho foram introduzidas a fim de que o capitalista receba a fatia maior do bolo.

Para Adam Smith (1885 citado por ARENDT, 2007, p. 226) “na verdadeira divisão do trabalho, o trabalhador nada pode realizar no isolamento; se o esforço é apenas parte ou

função do esforço de todos os trabalhadores entre os quais a tarefa é dividida”. Neste processo produtivo todos os trabalhadores são iguais. Para Gorz (2001, p. 43):

a divisão social do trabalho, a especialização das tarefas é uma característica de todas as sociedades complexas e não um traço particular das sociedades industrializadas ou economicamente evoluídas; basta pensar na divisão do trabalho em castas e na hierarquia que acompanha, na sociedade tradicional hindu. A divisão técnica do trabalho, tão pouco, é exclusiva do capitalismo ou da indústria moderna.

Porém, o artesão membro de uma guilda controla o produto e o processo de produção. Fica claro que no processo de mudança produtivo, é que a divisão do trabalho de tipo corporativo, ainda na fala de Gorz (idem, p. 43):

(...) sucumbiu à divisão do trabalho capitalista, na qual a tarefa do trabalhador tornou-se tão especializada e parcelada, que ele não tinha praticamente mais o produto para vender, e em consequência, devia submeter-se ao capitalista para combinar o seu trabalho com o dos outros operários e fazer do conjunto o produto mercantil.

Como as atividades não foram divididas voluntariamente, o ato do fazer dos seres humanos se tornou uma força exterior de submissão e domínio, que o capitalismo se apropriou.

É marcante neste modelo segundo Dejours (1992, p. 14):

a jornada diária de trabalho, que atinge normalmente 12, 14 ou até 16 horas, o emprego de crianças nas indústrias, alguns casos de crianças a partir de 3 anos, e, mais freqüentemente, a partir dos 7 anos. Salários baixíssimos e freqüentemente insuficientes para as necessidades básicas. No período de desemprego ameaçava a sobrevivência da família, levando-as a morar em condições subhumanas (pardieiros), gerando uma vivência promiscua, esgotamento físico, subalimentação e uma condição de alta morbidade. A mortalidade cresce em razão inversa ao bem-estar. Outros segmentos sociais também eram atingidos, como o serviço militar. Diante da situação dos operários da época do século XIX, não cabia falar em saúde, mas sim era preciso que se assegurasse a subsistência, independente da doença,

Considerando o exposto sinteticamente neste tópico, entendemos a divisão social do trabalho como decorrência da organização do modo de produção capitalista, onde o homem passa a vender a sua força de trabalho. Uma transformação que gera a mais-valia, a transformação do trabalho em mercadoria gerando profundas transformações na sociedade humana e, também no comportamento humano.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Características sócio-espaciais de Santa Rosa de Lima

Santa Rosa de Lima situa-se na mesorregião Sul do Estado de Santa Catarina (Figura 3 e 4), com latitude de 28° 02' e longitude de 49° 67' 40", com uma área de 154 km<sup>2</sup> (MULLER, 2001). Altitude 250 metros acima do nível do mar. O clima é subtropical, temperatura média de 17°C. Distante da capital do Estado, Florianópolis 120 km, tendo como limites os municípios de Anitápolis ao Norte, São Bonifácio e São Martinho ao Leste, Rio Fortuna ao Sul e Oeste e Urubici a Oeste.

Santa Rosa de Lima está localizada entre o Parque Nacional de São Joaquim e a Serra do Tabuleiro, aonde a paisagem apresenta uma grande potencialidade cênica natural, com cachoeiras, rios, paisagens, compostas principalmente pela Mata Atlântica. A região das encostas da Serra Geral tem altitudes que variam entre 400 e 1800 metros acima do nível do mar. O lençol freático da região apresenta fontes de águas termais e minerais (GUZZATTI, 2003).

A seguir apresentaremos os símbolos do município de Santa Rosa de Lima são representados pela bandeira e o brasão (Figura 2) e as Figuras 5 e 6 com os aspectos urbano e paisagens naturais do município.



Figura 2 – Símbolos de Santa Rosa de Lima no Estado de Santa Catarina

Fonte: Sul-SC Online (2008, p. 1).

Segundo dados citados pela SANTUR – Órgão Oficial de Turismo (2006), o município de Santa Rosa de Lima conta aproximadamente com dois mil moradores habitando a área rural.



Figura 3 – Localização de Santa Catarina no Brasil  
 Fonte: Duplipensar (2007).

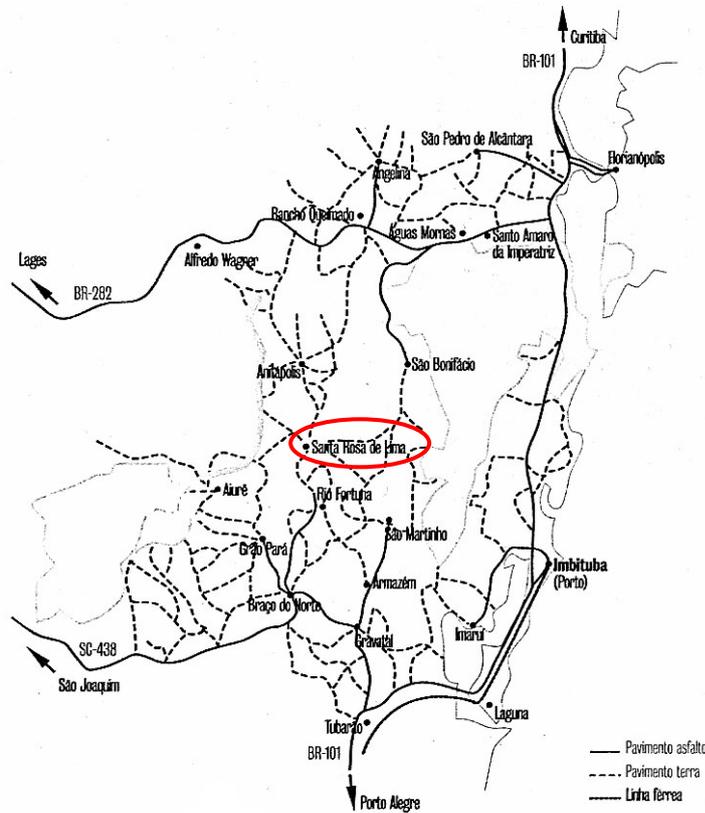


Figura 4 – Localização de Santa Rosa de Lima no Estado de Santa Catarina  
 Fonte: Fernandes Júnior (2006, p. 57).



Figura 5 – Aspectos urbano de Santa Rosa de Lima - SC  
 Fonte: A autora (2007).

- A – Igreja da Padroeira
- B – Ponte sobre o rio Braço do Norte que corta o centro
- C – Praça anexo a igreja
- D – Vista parcial da avenida central
- E – Vista parcial da avenida central
- F – Escritório da AAAC
- G – Vista parcial da avenida central
- H – Agência bancária



Figura 6 – Aspectos da paisagem natural no município de Santa Rosa de Lima - SC  
Fonte: A autora (2007).

## 4.2 O município – apresentações de suas origens e vida atual

Em 10 de maio de 1962, através da lei nº. 823, Santa Rosa de Lima passou oficialmente a município, sendo considerado o menor município do país e fazendo parte da Comarca de Braço do Norte. Sendo nomeado, na época, como prefeito o Senhor Adolfo Boenig.

Anterior a este período a produção do espaço de SRL fez-se a partir de determinações de bases sociais e econômicas, com sua origem, enquanto povoado, ocorrendo em 1905, quando os primeiros colonizadores que se estabeleceram eram de origem alemã e italiana. Sua história aponta a figura de Adão Wagner como líder de um grupo de colonos de descendência alemã. O município surgiu em face à necessidade de proteger os carregamentos de “charque” vindos do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo, este ficava nas rotas dos tropeiros que atravessavam as terras indígenas, o que gerou conflitos entre os indígenas e colonos, resultando no massacre dos índios. A partir de 1920, aumentou o fluxo migratório com a chegada de imigrantes italianos nos municípios da região (GUZZATTI, 2003).

A agricultura, no início, baseava-se no cultivo de mandioca, batata-doce, abóbora e milho que eram basicamente destinados para a engorda dos porcos, além do cultivo de outras lavouras de subsistência. Em, um novo ciclo produtivo, é o porco-banha, a produção de leite e a plantação do fumo que se tornam as maiores como fontes de renda. Com a desestruturação do mercado gerando dificuldade na venda desses produtos, e principalmente, no processo de cultivo do fumo, que requer adubos e agrotóxicos, o município promove a transição para a agricultura ecológica. Acontece então lembrando as afirmações de Rodrigues (1999), uma nova maneira de fazeres, um novo tipo de consumo do espaço.

Santa Rosa de Lima – SC hoje conhecida como a Capital Catarinense da Agroecologia, viu o Agroturismo surgir na localidade em decorrência das dificuldades com a crise da agricultura familiar e com a inexistência de políticas de ajuda. Em 1998, em um seminário promovido pelo Centro do Estudo e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) e pela AGRECO, foram discutidos os pilares de construção do Agroturismo em SRL. Conforme Guzzatti (2003), o CEPAGRO é uma organização não-governamental de âmbito estadual que surgiu em 20 de Abril de 1990, a partir da organização de um grupo de pequenos agricultores e técnicos interessados na promoção de agricultura de grupo, com o objetivo de elaborar propostas para a viabilização das pequenas propriedades rurais. Ao lado de parceiros brasileiros e franceses entre elas a Associação de Agroturismo “*Accueil Paysan*”, os agricultores elaboraram propostas de organização de atividades turísticas. Em 1998, inicia-

se o Agroturismo que ao lado da agroecologia estabelece a necessidade de aprimoramento dos agricultores, assim como promover trocas e visitas e outras experiências de produções similares. Para atender a esta demanda, em 2003 é organizado o Centro de Treinamento (Figura 8), com o objetivo de ser um espaço de capacitação de agricultores, bem como um local para recepção de visitantes interessados na experiência local (ARNHOLD JUNIOR, 2006).



Figura 7 – Centro de Treinamento (antigo casarão de 1933)

Fonte: A autora (2007).

A realização de novas atividades como elementos incrementadores da renda familiar e ativador da vida social das famílias rurais, também faz parte dos objetivos das associações que levaram a comunidade a agroecologia e ao agroturismo, como é o caso da AGRECO (2007, p. 1), que procura:

a redinamização do espaço rural, que passa pela criação de novas oportunidades de trabalho e renda para as famílias dos agricultores, principalmente, aquelas que possam envolver os jovens. O agroturismo é uma destas atividades. Ao oferecer como produto aos visitantes nosso modo de vida, nossa cultura, nossa história, as belezas naturais de nosso território e nossa hospitalidade, estamos transformando nossos potenciais locais em fonte de riqueza e bem estar para nós mesmos.

Nesta perspectiva, fica evidente que, a agricultura orgânica pode divulgar e promover o agroturismo como complemento de renda, e, o agroturismo não se estabelece sem a prática da agricultura familiar, que pode ser de origem orgânica ou não (HEUSER, 2003).

Como consequência do Agroturismo, surgiu:

A Acolhida na Colônia que foi criada em Junho de 1999. A região em torno de Santa Rosa de Lima estava em crise e sem perspectivas aos jovens que migravam para as grandes cidades, à procura de emprego. Era difícil tocar as pequenas propriedades agrícolas, pois a área do cultivo era reduzida, devido à topografia acidentada. O plantio de fumo era a principal atividade agrícola, mas os agricultores estavam desanimados (FERNANDES JÚNIOR, 2006, p. 56).

Para este autor, a associação trouxe valorização as atividades agrícolas familiares e tornou-se uma fonte alternativa econômica para incremento da renda familiar e a permanência dos agricultores na região (FERNANDES JÚNIOR, 2006).

A nova maneira de produção e comercialização dos produtos atrai para os municípios, técnicos e agricultores interessados em conhecer o projeto, bem como os consumidores incentivados em conhecer a região de onde originam os alimentos que consomem. Schmidt (2004 citado por ULLER, 2005), menciona que o novo processo produtivo atrai fluxo de visitantes, indicando um potencial para as atividades ligadas ao Agroturismo. Conforme Santos (2006b, p. 99) “a lei do valor também se estende aos lugares, cada qual representando, em dadas circunstâncias e em função do comércio de que participam um certo índice de valor que é, também a base dos movimentos que deles partem o que a eles chegam”. Para Uller (2005) foi um modelo de produção que atraiu os primeiros visitantes, interessados, nas paisagens naturais e no retorno às origens e redescobrimo as atividades antigas e os novos valores culturais e éticos.

O novo fazer agroecologia em SRL fez nascer o Agroturismo, modificando hábitos e a paisagem natural e construída com o replanejamento das edificações existentes que servem para acolher os turistas e adquirem novas funções (Figura 9). A mudança estrutural manteve as formas remanescentes, o que leva o turista a interagir em um espaço de formas rurais, confortável, porém rústico.

Como exemplos destas mudanças podemos citar as novas funções de antigas estufas e paiol. Estas transformam-se em pousadas, restaurantes e ambientes de recreação.



Recepção



Restaurante

Figura 8 – Antigas formas com novas funções  
 Fonte: A autora (2007).

Neste ambiente os meios de hospedagem apresentam tipologias de alojamento segundo o modelo de Crosby et al (1993, p. 105).

Deste modelo estaremos apresentando a seguir, aqueles que foram adotados em SRL:

1) Camping colonial: terrenos públicos ou privados, devidamente delimitados e com instalações e serviços necessários, conforme a legislação local;

2) Casas rurais: conjunto de habitação típica de uma região rural que se destina a hospedar os turistas. Pode oferecer hospedagem ou hospedagem e alimentação;

3) Granjas: casa de campo integrada, dentro de uma propriedade agrícola, onde os proprietários trabalham na atividade agrícola, também chamada de agroturismo. Pode oferecer, hospedagem, alimentação, e o turista participar das atividades desenvolvidas na propriedade. Pode ser alugada a casa ou os quartos por dia, chamada de “casa para compartilhar”;

4) Hotelaria rural: no formato de pousada deve ser respeitada a arquitetura tradicional do local onde está inserida. Pode ser uma casa rústica, um moinho desativado, que seja organizado para tal finalidade. Os serviços são oferecidos conforme a tipologia do hotel;

#### 4.2.1 Propriedades envolvidas com a Acolhida na Colônia

No modelo de Crosby (1993), as propriedades se adequaram e se organizaram da seguinte forma:

##### **Pousada (A) (Figura 10)**

Localização: comunidade de Rio dos Índios, a 4 km do centro.

Produção: baseada na agroindústria com produtos artesanais a base de cana-de-açúcar (melado e açúcar mascavo), ou de frutas como morango, laranja, jaboticaba e tangerina que geram geléias e licores.

Lazer: oferta de café colonial e trilhas ecológicas em mata preservada.

Capacidade de hospedagem: até 20 pessoas.

Construção: A pousada foi adaptada em uma antiga estufa de queima do fumo produzido na propriedade. Fica ao lado da casa do proprietário, de suas plantações e dos espaços voltados para as caminhadas em trilhas.



A



B



C



D

Figura 9 – Pousada A

Fonte: A autora (2007).

A – Placa de identificação da pousada

B – Pousada

C – Agroindústria

D – Lago no entorno da pousada

**Pousada (B) (Figura 11)**

Localização: 9 km da sede do município na comunidade de Rio do Meio.

Produção: é voltada para a apicultura.

Lazer: açudes de pesca, passeio de barco, trilha ecológica e uma pequena cachoeira.

Capacidade: de hospedagem: até doze pessoas em duas casas (sendo uma de madeira e uma mista).

Construção: possui duas casas, a de madeira era um chalé usado pela família para descanso (eles moram na zona urbana do município), a de alvenaria com madeira (mista) foi planejada por arquiteto e tem materiais alternativos e reciclados adotados para composição das paredes.



Figura 10 – Pousada B  
Fonte: A autora (2007).

- A – Placa de identificação da pousada
- B – Portal de entrada da pousada
- C – Casa de alvenaria
- D – Casa mista
- E – Agroindústria
- F- Caixa de abelhas sem ferrão (onde os turistas podem sugar o mel com canudos feitos de taquara)
- G – Lago para pescaria
- H – Lixeira artesanal

### **Quarto Colonial A (Figura 12)**

Localização: região central de Santa Rosa de Lima (possui vista para o Rio Braço do Norte).

Produção: queijo (em pequena escala) e verduras e legumes para consumo familiar e dos hóspedes.

Capacidade: 3 quartos coloniais com capacidade para 6 pessoas, TV com antena parabólica e água mineral (da região).

Construção: é a residência dos donos com adaptações paisagísticas naturais (jardim) e construídas (mais quartos e banheiros), recebem hóspedes preferencialmente de segunda a sexta, na faixa etária acima de quarenta anos e sem o acompanhamento de filhos.



Figura 11 – Quarto colonial A  
 Fonte: A autora (2007).

- A – Placa de identificação da pousada
- B – Casa da família (com quartos coloniais)
- C – Pérgula
- D – Jardim

**Quarto Colonial B (Figura 13)**

Localização: a 6 km da sede do município e localizada na comunidade do Rio dos Índios.

Produção: cana-de-açúcar, milho, legumes, verduras e peixe orgânico.

Lazer: observação das atividades rotineiras da família e a convivência com as belezas naturais locais em trilhas rústicas.

Capacidade: 2 quartos coloniais com capacidade para 4 pessoas.

Construção: estilo da colônia, simples e servindo de moradia para três gerações desta família.



Figura 12 – Quarto Colonial B

Fonte: A autora (2007).

- A – Placa de identificação da pousada
- B – Casa da família (com quartos coloniais)
- C – Lago
- D – Entorno da residência

### 4.3 Manifestações culturais

Dentro das manifestações culturais mais importantes de SRL destaca-se a *Gemüse-Fest*, a festa que resgata a cultura dos colonizadores de origem alemã da região. Esta festa acontece a cada dois anos, com o *Gemüse*, mais tradicional prato dentro da gastronomia no território das encostas da Serra Geral, sendo o “carro-chefe” desta festa.

Durante os acontecimentos festivos, ocorre o desfile cultural que resgata a história de S.R.L., desde a colonização até os dias atuais. Dentre outras atrações pode-se citar o topeador manual, o jogo de futebol e as danças típicas alemãs (ACOLHIDA NA COLÔNIA, 2008).

Nas ilustrações a seguir, a representação da festa ocorrida em maio do corrente ano.



A



B



C



D



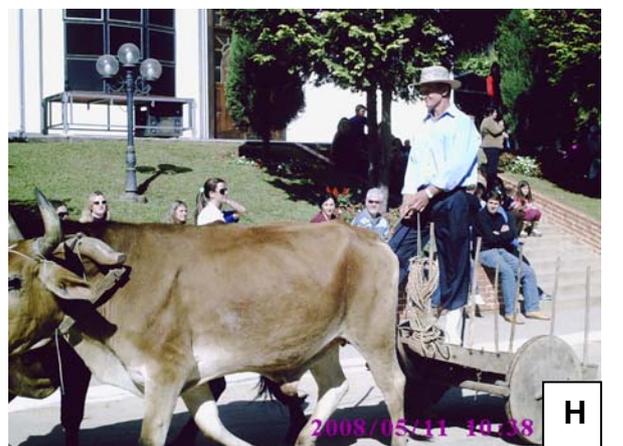
E



F



G



H



Figura 13 – Manifestações culturais e religiosas no município de Santa Rosa de Lima - SC  
Fonte: A autora (2007).

A – Faixa de Boas Vindas

B – Missa de abertura da festa

C – Abertura do evento com a entrega do “Diploma”/Certificado de Capital da Agroecologia

D – Bandeiras do Estado

E – Banda local

F – Representação do massacre indígena

G, H, I – Representação dos meios de transporte ao longo dos anos

J – Grupo de dança folclórica com trajes típicos alemães

K – Centopéia (triciclo alegórico) – relíquia recuperado pela UFSC

L – Topeadeira em dupla (serrote manuseado por duas pessoas)

M – Apresentação de dança típica da terceira idade

N – Barraca com produtos agroecológicos

Na comunidade em que realizamos nossa coleta de dados, a característica básica é a da formação de colônias para a agricultura de subsistência e a criação de pequenos animais. As famílias em sua maioria são de origem alemã, nascidos na região das Encostas da Serra Geral, em SRL ou municípios vizinhos. No universo de pessoas entrevistadas, estão homens e mulheres que se envolveram com a agricultura orgânica acreditando ser este o caminho para melhores condições de saúde. Aliada a esta premissa, se integraram ao Agroturismo, movidos pela necessidade de garantir uma renda melhor e o futuro dos filhos.

Para apresentar esse grupo de pessoas e entender a dinâmica das relações familiares, elaboramos genogramas e ecomapas, representativos graficamente do contexto vivido pelos mesmos.

Para compreendermos melhor o uso destes dois instrumentos, vamos apresentar alguns conceitos e um pouco de dados históricos sobre ‘família’, uma vez que a essência do estudo realizado se ampara nas redes de relações familiares e em famílias de agricultores.

A denominação do termo “Família” é derivada do latim “*famulus*” que significava “escravo doméstico”. O termo foi utilizado pela primeira vez na Roma Antiga para nomear um novo grupo social que surgiu entre tribos latinas introduzidas na prática agrícola e também na escravidão legalizada. A estrutura familiar predominante era a patriarcal com um grande número de pessoas se submetendo a uma autoridade masculina respeitada [ou temida] pela maioria dos grupos que ali compartilhavam terras. Ainda neste período não havia as ligações matrimoniais que se iniciaram na Idade Média. Esses matrimônios, a maioria eram acordos comerciais nascidos de muitas outras ligações matrimoniais de origem paterna e materna. Os casamentos laicos, no modelo parecido com os atuais, surgiram no Ocidente com a Revolução Francesa. Na Revolução Industrial em função do grande movimento migratório para os centros urbanos maiores em redor dos complexos industriais, as alterações demográficas ocorridas estabeleceram laços familiares mais fortes que os do passado, gerando as uniões familiares dos dias atuais (VITÓRIO, 2008).

Neste modelo Ocidental, a concepção sobre família em tempos mais modernos é a de que a mesma é um sistema relacional inserida em vários contextos, constituídas por pessoas que compartilham sentimentos e valores, solidariedade e reciprocidade, com objetivo e funcionamento próprio. Para Peixoto e Cicchelli (2000) a família é entendida como uma

unidade social complexa, articulada por um sistema de valores, crenças, conhecimentos e práticas, como espaço psicológico e físico relevante ao processo de socialização e humanização de seus membros. Contudo, não podemos esquecer que a família, ainda hoje é o instrumento fortalecedor da organização social e sustentável da sociedade. Além dos ‘elos’ emocionais de ligação entre seus membros, existem também os ‘elos’ econômicos que levam ao desenvolvimento e crescimento das famílias e do grupo em que se encontra inseridos.

#### 4.4 Atores sociais envolvidos: genogramas e ecomapas

A seguir traçamos um pequeno perfil (Tabela 2), das famílias com quem efetivamente nos relacionamos, embora durante todo o estudo, muitas outras famílias agricultoras tenham sido alvo de algumas observações nossas durante nossa estada em Santa Rosa de Lima.

Informantes	Faixa Etária	Escolaridade	Nativo	De outra localidade	Estado Civil
Mulheres	20 – 40 ( 1 )	Fundamental (3)	3	1	Casadas ( 4 ) Solteiras ( 0 )
	41 – 60 ( 2 )	Médio (1)			
	61 – 70 ( 1 )	Superior (0)			
Homens	20 – 40 ( 0 )	Fundamental (3)	4		Casados ( 4 ) Solteiros ( 0 )
	41 – 60 ( 3 )	Médio (0)			
	61 – 70 ( 1 )	Superior (1)			

Tabela 2 – Perfil de informações básicas dos informantes

Fonte: Entrevistas/ Observações de campo (2006/2007).

As pessoas deste perfil, todas nascidas em Santa Rosa de Lima, a exceção de uma senhora nascida em Braço do Norte, tem como característica comum as origens germânicas e italianas. Junto a esta ‘marca’ européia vêm os qualificativos comuns aos descendentes em que os mesmos sentem a necessidade constante de realizar trabalhos exaustivos, participar um mínimo possível de atividades festivas e lembrar sempre os sacrifícios que suas famílias viveram.

A faixa etária de três (3) casais estão mais ou menos iguais, entre eles e o quarto casal existe uma grande diferença cronológica, contudo apesar da idade ambos são muito ativos, nas atividades como agricultores no Agroturismo e socialmente.

Um fator relevante que queremos ressaltar é sobre o grau de escolaridade dos respondentes. Levando em consideração contexto em que nasceram e suas gerações, todos são alfabetizados.

No universo dos atores no total de oito (8) pessoas seis (6) pessoas cursaram o ensino fundamental até a quarta série, o que era normal na época já que tinham que ajudar os seus pais nas lidas diárias. Porém um dos casais possui maior grau de escolaridade, ela o ensino médio completo e ele o superior completo. O desejo comum de todos os casais é que seus filhos e netos tenham a oportunidade de se graduarem, já que alguns deles (pais) não tiveram.

Em épocas de mudança, quando a política e a formatação do modelo agrícola na região se modificam, percebemos nas famílias também mudanças de paradigmas e, portanto de ideais. Embora a idéia do sacrifício ainda seja uma marca forte, as famílias possuem hoje um novo ideário para os membros mais velhos, seus filhos e netos.

Nesta política de mudanças, a organização social familiar modificou-se em função das discussões e debates que as Associações locais levaram a região sobre o valor da união do coletivo. Ou seja, da união entre as famílias para que aja um crescimento real de todos, com compartilhamento econômico, educacional e social.

Óbvio que é muito mais fácil discutir todas estas questões do que colocá-las em prática, entretanto, percebemos durante nossas visitas, que as famílias envolvidas com o Agroturismo, conseguiram compreender bem mais o significado deste compartilhamento. A compreensão desta mudança nos modelos de vida destas famílias produziu e ainda vão produzir muitas mudanças na dinâmica familiar. Os genogramas e ecomapas a seguir fornecem uma idéia do que existe hoje, segundo nossa percepção após as entrevistas e visitas que realizamos. Entretanto a dinâmica de hoje não significa a permanência dela, uma vez que o processo de mudanças ainda está em desenvolvimento.

Construímos, durante o período de nossas visitas genogramas e ecomapas de todas as quatro (4) famílias envolvidas na pesquisa, com a intenção de que os gráficos visuais revelassem o modelo de família em SRL. Constatamos que as quatro (4) famílias investigadas apresentam o casal nuclear (pai e mãe) e, apenas um casal está no segundo casamento com a mulher separada e o homem viúvo que se uniram consensualmente.

No genograma de três (3) famílias consideramos três (3) gerações e em uma (1) foi considerado quatro (4) gerações devido a segunda união conjugal. Em cada linha horizontal está representada uma geração com os símbolos padrão representando o sexo masculino, sexo feminino, morte, separação etc. O círculo maior em cada genograma representa a unidade familiar, com traçado contínuo descrevendo a relação afetiva entre os membros do grupo familiar (em todas as famílias o traçado foi contínuo).

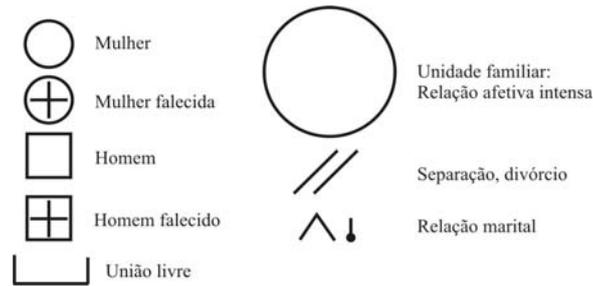


Figura 14 – Legenda do genograma

Fonte: Coutancier (2008).

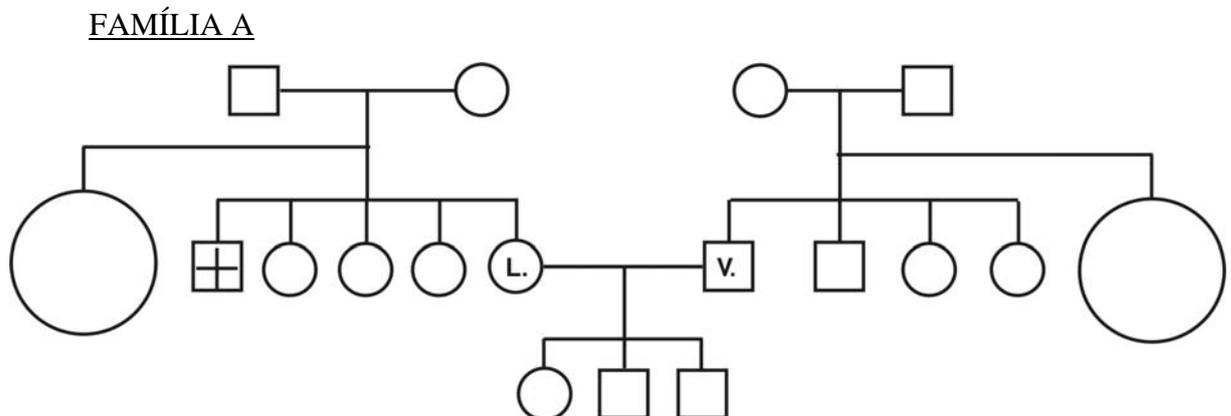


Figura 15 - Genograma da família Pousada A<sup>3</sup>

Fonte: A Autora (2008).

Esta é uma família com formação nuclear em várias gerações com todos morando em SRL, local também de nascimento. V., chefe da família, que dá continuidade a um modelo de família nuclear, porém mais focado no patriarcal onde o homem é responsável pelo bem-estar da família. Oriundo de uma família de tamanho médio de quatro (4) filhos: dois (2) homens e duas (2) mulheres é um participante ativo do Movimento Agroecológico e do Agroturismo.

L., dona de casa, está mais envolvida com a hospedagem e os trabalhos na Agroindústria. Vem de uma família de tamanho médio de cinco (5) filhos: quatro (4) mulheres e 1 (homem – falecido). Mantém um bom relacionamento com seus pais, assim como, com os membros da família de seu esposo. O número de gestações é três (3): dois (2) homens e uma (1) mulher.

A unidade familiar tem uma relação afetiva intensa, em que, mesmo estabelecida no modelo patriarcal, é caracterizada pelo respeito e a divisão de tarefas e decisões.

<sup>3</sup> Adaptação do símbolo no esquema gráfico, que representa a unidade familiar (o círculo maior) pela autora.

A partir do genograma da família de V. e L. podemos perceber a estrutura familiar, com ambos vindos de famílias de estrutura média (quatro (4) e cinco (5) filhos). A família de L. apresenta uma perda significativa (morte trágica do irmão e duas sobrinhas). Os pais de L. residem perto de sua residência e a visitam com frequência. Já a família de V., residente próxima, possui uma estrutura com três (3) gerações morando na mesma casa e uma relação forte com todos os membros da família “A”. Os filhos do casal, V. e L., dois estão em casa com os pais (rapazes) e a filha está estudando em outra localidade. Esta visita os pais ocasionalmente (feriados prolongados) e também passa as férias escolares em casa.

Quanto ao grau de escolaridade do casal, ambos têm o Ensino Fundamental incompleto. Já os filhos conseguiram chegar além da escolaridade dos pais: o rapaz concluiu curso técnico voltado para Agricultura no Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR). O curso tem como objetivo trabalhar na formação de competências, humanas, técnicas e gerenciais levando em consideração as situações coletivas e individuais. A moça está cursando a universidade (Agronomia) e o filho mais novo frequenta o jardim de infância.

Observamos nesta família várias preocupações importantes, embora a idéia dos filhos saírem do interior para isto não seja entre eles a grande motivação. A escola e os estudos não visam hoje a saída do meio agrícola e sim a especialização para cuidar melhor da terra e do futuro da família. A unidade familiar evidencia-se pelos cuidados e disponibilidade incondicional dos mesmos uns aos outros. Percebemos que o convívio familiar é mantido e fortalecido com os encontros entre pais e irmãos em eventos privados e públicos. Normalmente aos domingos, quando possível, ou ainda no final da tarde em uma rodada de chimarrão.

O Ecomapa foi construído a partir das entrevistas desenhando a rede de apoio sociais dos atores. Para entendermos melhor como ocorrem às relações de apoio dos atores envolvidos na pesquisa, se faz necessário em primeiro lugar elucidar o significado de rede.

A palavra rede para Ruschmann e Solha (2006, p. 242) “deriva do latim *rete*, e significa “entrelaçamento dos fios, cordas, cordéis, arames, com aberturas regulares fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido”. Ainda conforme as autoras, em uma leitura da rede e sua correlação na área das organizações, estas comparam a “fios” linhas ou as relações entre os atores e organizações, sendo estes últimos representados pelas “malhas ou nós”. Duas características são apontadas por Ruschmann e Solha (Idem, p. 242), que são: “regularidade e interligação”, que se encontram presente nos tecidos e que podem corresponder à “igualdade e complementariedade” nos arranjos sociais e organizacionais.

Para Lopes e Moraes (2000, p. 4-6 citado por RUSCHMANN E SOLHA, Ibidem) a rede social é como um conjunto de relacionamentos sociais que se reproduzem e apresentam padrões persistentes ao longo do tempo.

No ecomapa da família “A”, instituições, pessoas, situações sociais e grupos diversos, são apoio e sustentação do cotidiano desta família.

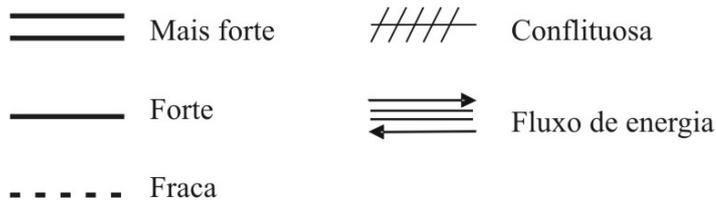


Figura 16 – Legenda do ecomapa  
Fonte: Landim et al (2004).

Na seqüência apresentamos o Ecomapa sobre as relações sociais da família A:

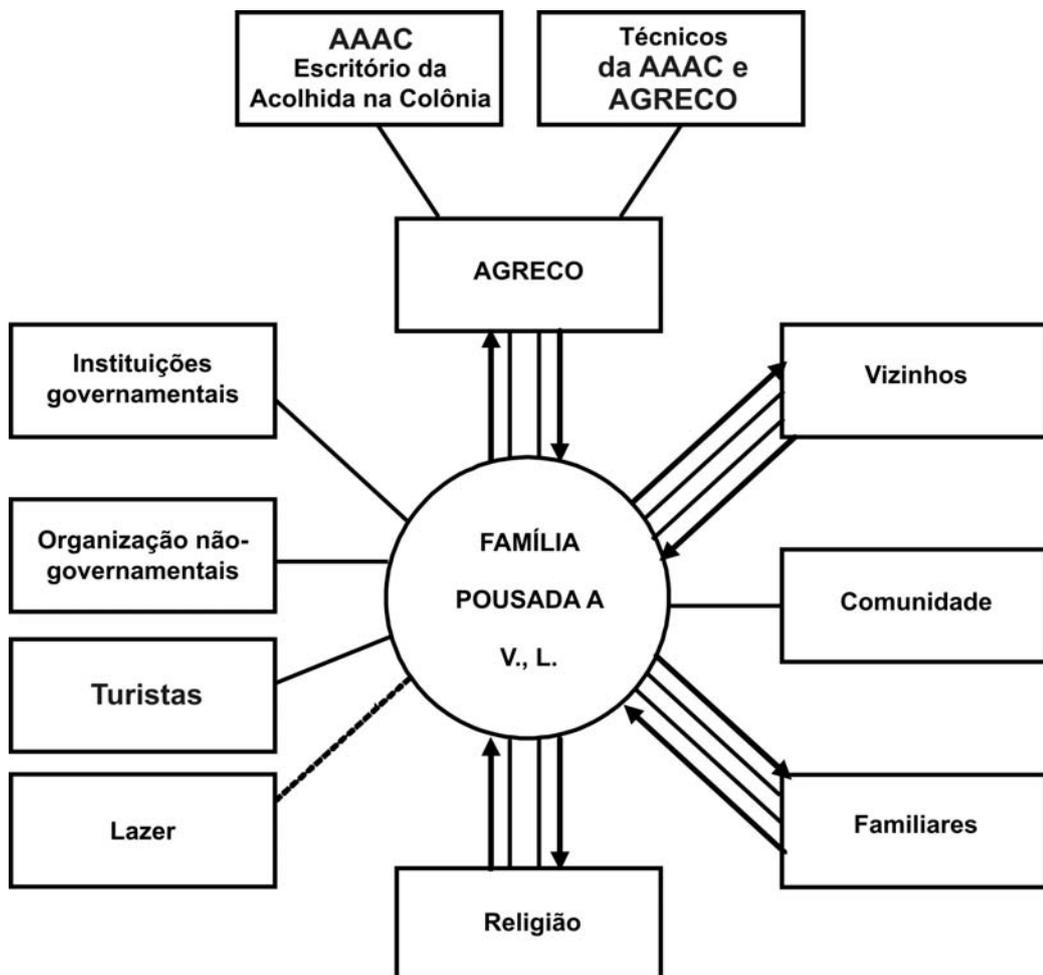


Figura 17 – Ecomapa da família A  
Fonte: Entrevista/Observação de Campo (2006-2007).

A família A representada no centro do círculo, mantém forte conexão com os membros familiares – irmãos, pais, mães, que segundo eles é o primeiro elo de ajuda que procuram nas situações difíceis. Em segundo lugar vêm os vizinhos. Nas falas fica evidente o sentimento de solidariedade e a disponibilidade entre os vizinhos. O apoio técnico parte da AGRECO e seus técnicos, assim como, do escritório da Acolhida na Colônia. A religião praticada pelas famílias é a católica. Na vida dessas famílias a religiosidade é significativa e parece ter aumentado com a participação nas associações locais. O chefe da família representado por V voltou a participar do coral da igreja e tem se inserido em outras atividades quando chamado. Também aparecem como ponto de apoio da família outras instituições e organização não-governamental. O lazer nessa família aparece com fraca conexão, segundo V. “temos pouco tempo livre e não temos carro, aí fica difícil”.

Na verdade a idéia de lazer é à saída do espaço de trabalho, o lar, que é o lugar em que a família mantém a pousada, as plantações e a criação de animais. Se pensarmos que animais e plantas não possuem dias feriados, já evidenciamos que o trabalho nunca para em uma propriedade agrícola. Com o turismo esta relação de trabalho se torna mais intensa porque a recepção aos hóspedes, o atendimento de suas necessidades e a vigilância constante a novos pedidos de explicação sobre o plantio, a gestão da pousada ou uma visita a agroindústria, tudo isto toma tempo.

### FAMÍLIA B

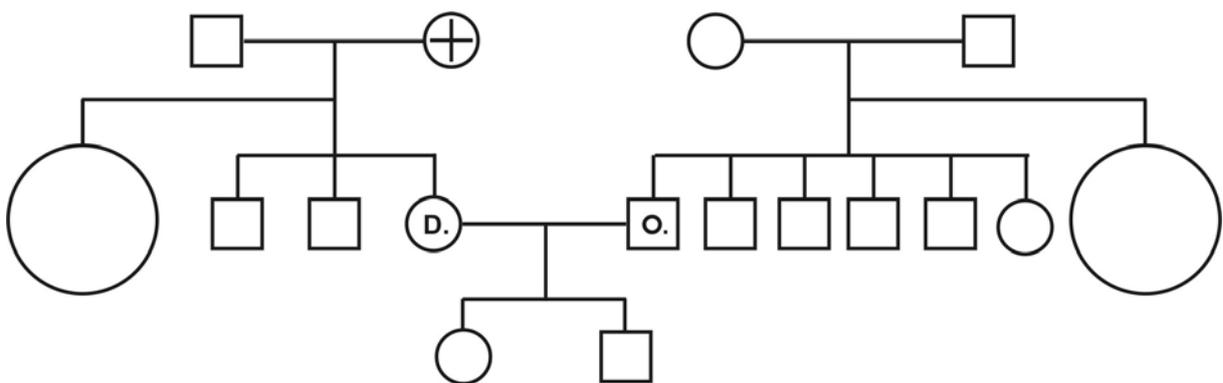


Figura 18 - Genograma da família B  
Fonte: A Autora (2008).

Os dados da Família B foram fornecidos pela esposa e marido representados aqui como O e D. O homem (O) vem de uma família de estrutura grande com seis (6) filhos, sendo

cinco (5) homens e uma (1) mulher. A mulher (D) vem de uma família pequena de três (3) filhos, dois (2) homens e uma (1) mulher. O casal são pais de dois (2) filhos, um (1) homem e uma (1) mulher. D teve na sua estrutura familiar duas (2) perdas bastante significativas, a mãe e um sobrinho. Os dois tem grau de escolaridade acima da média na região, 'O' com curso superior completo, e 'D' com ensino médio completo. A filha cursa o técnico no CEDEJOR voltado para o desenvolvimento do jovem rural e o filho está cursando o ensino médio. Os dois (2) filhos moram com os pais. A unidade familiar apresenta fortes relações afetivas e proximidade entre os membros da família.

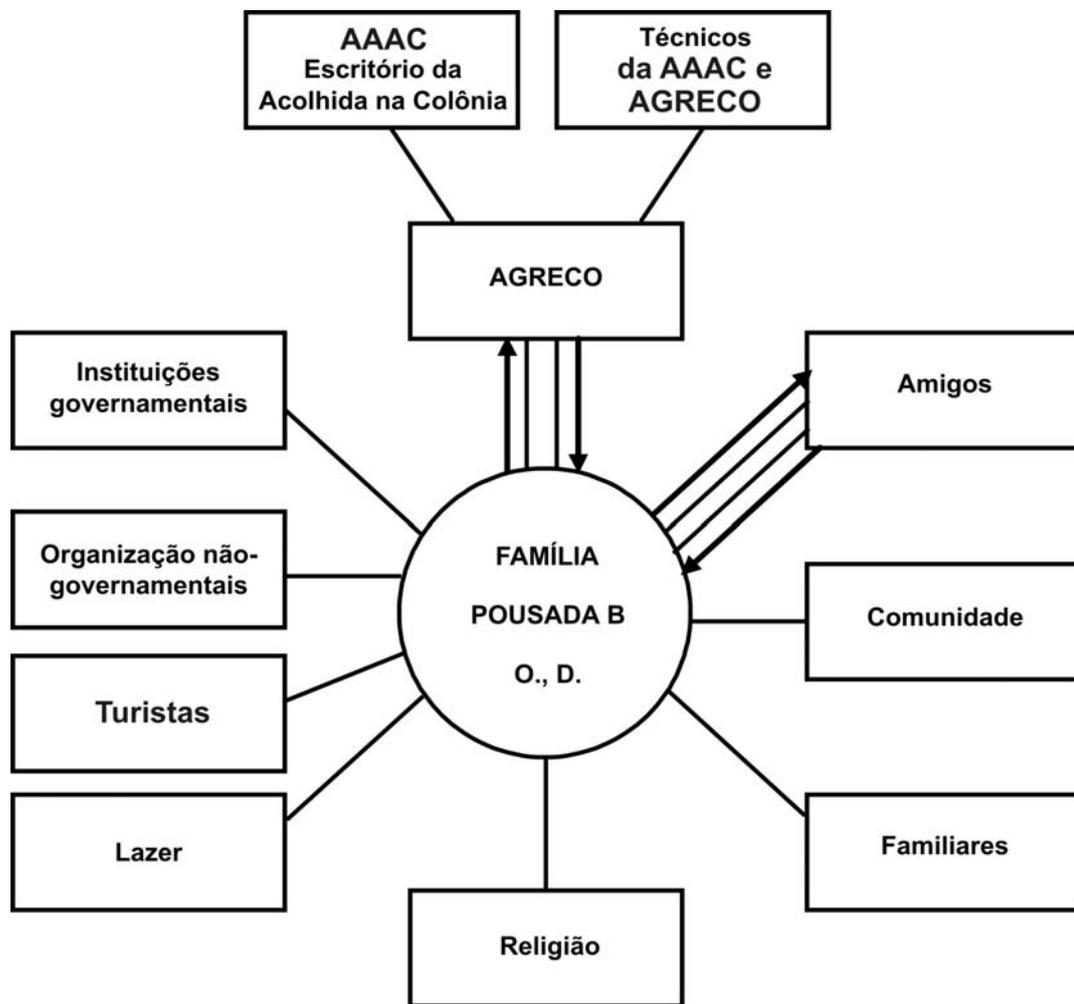


Figura 19 – Ecomapa da família B  
Fonte: Entrevista/Observação de Campo (2006-2007).

A família de O e D estão representadas no centro do círculo. A dinâmica da rede de apoio social da família demonstra forte conexão com os amigos e familiares. Segundo D eles buscam ajuda na família e nos amigos e o apoio técnico através da AGRECO. Durante a entrevista 'O' estava convalescendo de uma grave enfermidade e naquele momento D

evidencia o apoio dos amigos com os quais ela diz que “... a qualquer momento que precise, eles estão sempre dispostos a ajudar a gente”. Nos discursos dos atores existe diferença entre amigos e vizinhos. Os vizinhos são aqueles (amigos) que residem nas proximidades da unidade familiar, já os amigos citados residem afastados ou em outras localidades. Em relação ao lazer os momentos são vividos em família, pelo menos “uma semana por ano a família tira férias e viajam juntos”. Com relação ao envolvimento associativo, a família é associada a AGRECO e D tem a função de coordenadora na associação que atua diretamente com o agroturismo (Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia) e enquanto hospedeiros trabalham com hospedagem e alimentação. A família possui em associação com os pais de D uma Agroindústria de produção do mel orgânico, assim como outros projetos para preservação do patrimônio histórico do município de S.R.L., como, por exemplo, a restauração de uma antiga igreja da comunidade – Igreja de Santa Catarina. No caso de D, como não pode no momento contar com o apoio integral de seu marido, suas funções acumularam-se mais ainda, tornando sua participação no processo de trabalho na região mais comprometido e com vários papéis.

Importante lembrar que antes de sua enfermidade, O era tão comprometido quanto à esposa no processo de mudança de paradigma na região. Entretanto, também é fundamental lembrar que seu envolvimento político partidário e sua atuação como candidato ao cargo de vereador na região, deixou a família um pouco afastada da comunidade e dos familiares que residem próximos nos últimos quatro anos.

#### FAMÍLIA C [QUARTO COLONIAL A]

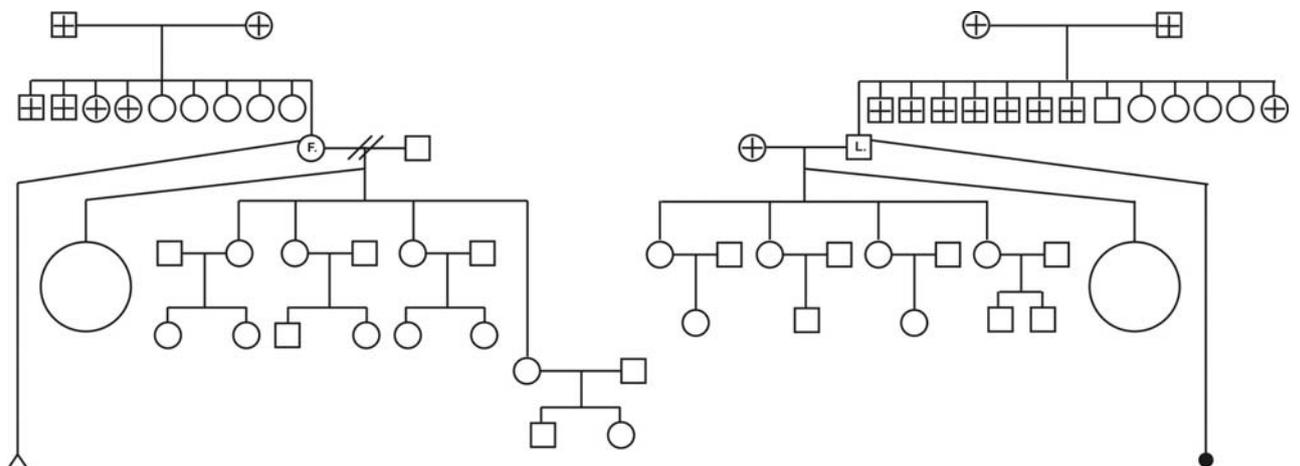


Figura 20 - Genograma da família C [Quarto Colonial A]  
Fonte: A Autora (2008).

O casal L. e F. apresenta um genograma mais complexo. Descendentes de uma família numerosa com modelo nuclear, 'L' vem de uma família de quatorze (14) filhos sendo nove (9) homens e cinco (5) mulheres, dessa geração oito (8) são falecidos, sete (7) homens e uma (1) mulher. 'F' descende de família de dez (10) filhos, sendo dois (2) homens e oito (8) mulheres, nessa família quatro (4) irmãos são falecidos, dois (2) homens e duas (2) mulheres. L. teve sua primeira união que gerou quatro (4) filhas, sua primeira mulher é falecida. F. vem de uma separação do primeiro casamento, onde gerou quatro (4) filhas. L. e F. ele viúvo e ela separada, vivem uma união estável há mais de cinco (5) anos. Ele é nascido e sempre morou na localidade de S.R.L. Ela é nascida em Braço do Norte, município próximo de S.R.L.

Ambos possuem ensino fundamental incompleto (até quarta série). As filhas de L. são todas casadas, assim como as filhas de F. As mesmas residem próximas a S.R.L. em outras localidades, exceto uma que mora ao lado da casa do pai. Mesmo morando em outras localidades se vêem com frequência. Salvo exceções o casal não recebe hóspedes nos finais de semana a fim de que os quartos fiquem prontos para a recepção de filhas, genros e netos.

Nos aspecto de lazer e festividades existe uma dinâmica diferente e aparentemente aceita como um acordo ligado às redes internas da família. F. diz que "nós nos damos bem, não tem diferença, mas a gente comemora as festas de Natal, Dia das Mães, Aniversário separado, uma festa com as filhas dele (L.), e uma festa no outro dia com as minhas filhas". Esse caso evidencia uma dinâmica diferente na relação familiar, boas relações afetivas, porém dividida, mostrando muito claramente que a família uniu pessoas e tradições nominalmente, mas, que não conseguiu unir afetivamente todos os membros. Esta característica é importante porque demonstra que estas pessoas não tentaram e não querem tentar disfarçar sentimentos que não existem entre adultos que cresceram e têm vidas separadas. Contudo, as relações dos filhos de F e L com eles são aparentemente sem conflitos.

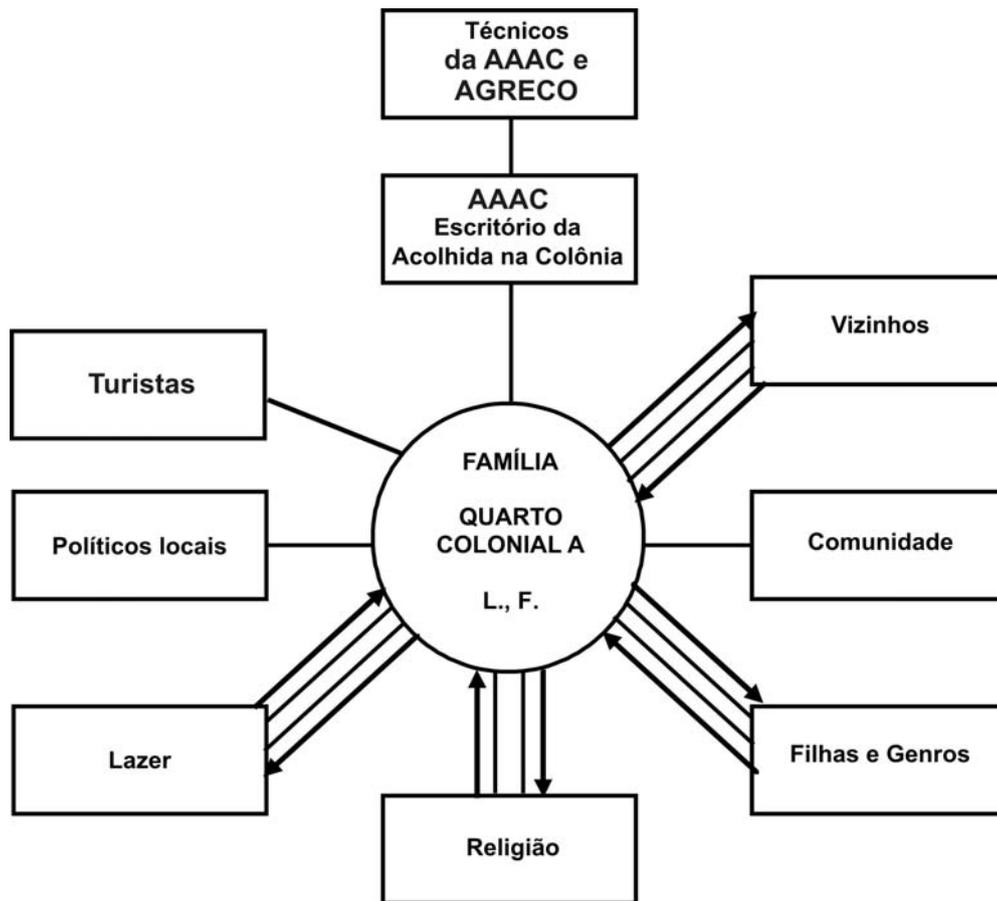


Figura 21 - Ecomapa da família C [Quarto Colonial A]

Fonte: Entrevista/Observação de Campo (2006-2007).

A família de L. e F. está representada no centro do círculo. A representação gráfica aponta os grupos mais fortes na rede social de apoio dessa família. O discurso do casal ressalta que em primeiro lugar procuram os vizinhos por serem os mais próximos da sua residência e com os quais mantêm boa relação, em segundo lugar a família procura as filhas e genros. Em relação a Acolhida na Colônia buscam o apoio dos técnicos da AGRECO quando necessário – porém eles não são associados da AGRECO, mas há utilizam através dos seus técnicos. Os mesmos possuem fortes vínculos sociais com a comunidade, onde interagem regularmente com o grupo de danças típicas da terceira idade com encontros semanais e apresentações em S.R.L. e nas localidades vizinhas em eventos especiais. Percebemos através de observações e entrevistas que de todos os atores participantes da pesquisa esse casal, é o que mais reserva tempo para a socialização e lazer. Outro grupo apontado na rede de apoio social é o religioso onde são praticantes ativos, também possuem um canal de relação com os políticos locais.

FAMÍLIA D [QUARTO COLONIAL B]

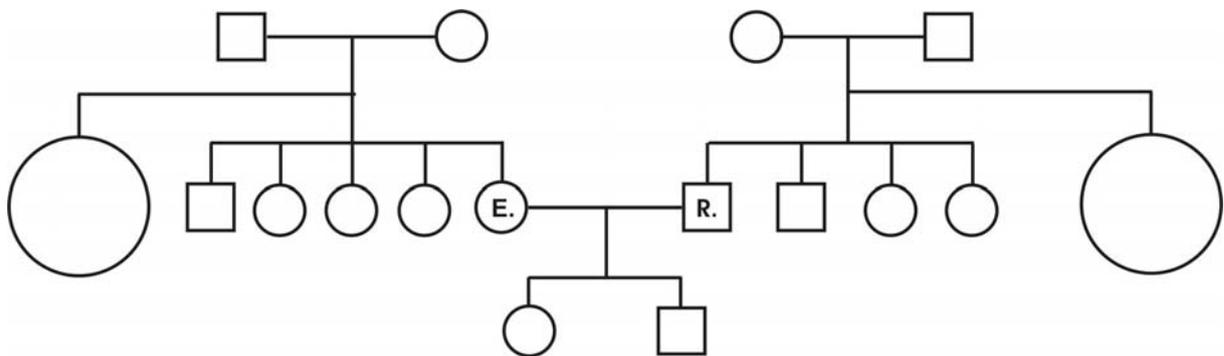


Figura 22 - Genograma da família D [Quarto Colonial B]

Fonte: A Autora (2008).

Nos dados obtidos a partir do genograma da família de R. e E. identificamos a estrutura familiar como de modelo nuclear com ambos nascidos e residindo em SRL. Na residência do casal vivem três (3) gerações (os pais de R.). R. chefe da família é membro de uma família de tamanho médio de quatro (4) filhos sendo dois (2) e duas (2) mulheres. E. dona de casa, agricultora e envolvida com a hospedagem auxilia na Agroindústria, no processamento de melado. E. vem de família com cinco (5) filhos. O casal são pais de dois (2) filhos, um (1) rapaz adolescente e uma (1) menina pré-adolescente. O grau de escolaridade do casal é o ensino fundamental incompleto. Os filhos estão cursando o ensino fundamental no momento. Nesta dinâmica familiar fica evidente a forte relação afetiva, além da manifestação de um modelo social intrínseco na cultura local, que é o cuidado aos pais durante seu envelhecimento. Esta família é associada a AGRECO e a AAAC participando ativamente das decisões destas duas associações, embora, particularmente, não tenham conseguido melhorar suas condições de vida após a entrada nas duas organizações.

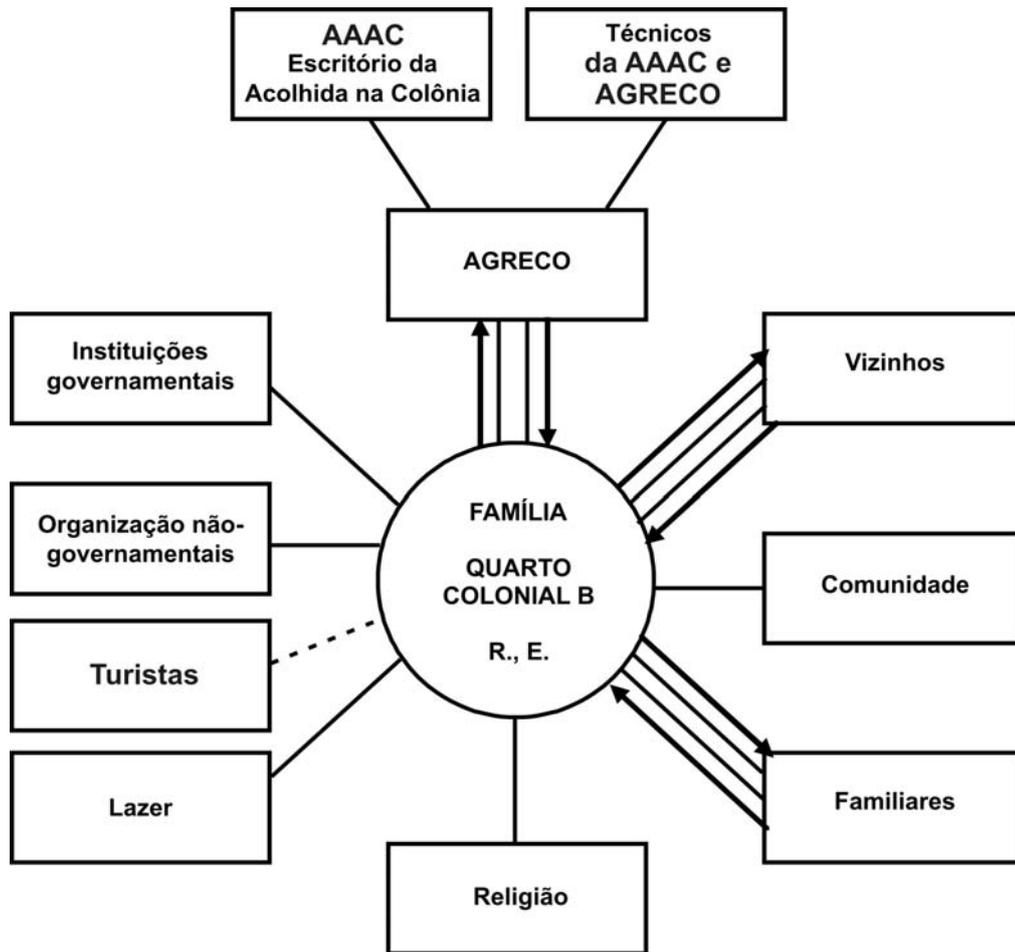


Figura 23 - Ecomapa da família D [Quarto Colonial B]  
 Fonte: Entrevista/Observação de Campo (2006-2007).

A família de R. e E. estão representadas no centro do círculo. As conexões mais fortes são: familiares, vizinhos e técnicos da AGRECO. Para eles as relações mais fortes estão na família e vizinhos que auxiliam com os problemas relativo as doenças, necessidades financeiras e emocionais, já o apoio técnico vem dos técnicos da AGRECO. Todos os membros dessa família são católicos e têm como prática de vida a ida a missa aos domingos e a participação na organização de festas e eventos religiosos. Em relação aos turistas a ligação é fraca, já que recebem poucos hóspedes e existe pouco retorno destes ao lugar embora todos afirmem ser esta uma família simpática e acolhedora.

#### 4.5 Análise geral dos genogramas e ecomapas

Os dados obtidos a partir dos genogramas nos dão a representação das quatro famílias, porém foram nas entrevistas e observações *in loco*, que conseguimos identificar melhor os

arranjos familiares e o modo de funcionamento das mesmas. O genograma permite visualizar outras gerações, mas, nessa pesquisa analisamos apenas a geração dos casais envolvidos na pesquisa. Aceitamos como definição de arranjo familiar a união de membros da família consangüíneos ou não, residentes no mesmo domicílio, e com um modelo de funcionamento da familiar viabilizado por diferentes motivos.

As quatro famílias participantes de nossa pesquisa, são de um modelo nuclear tradicional, muito comum em sociedade rurais ocidentais, seguindo um padrão de autoridade patriarcal, fundamentado na primazia do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos e o dos mais velhos sobre os mais novos. Seguindo esse modelo familiar, a organização doméstica é fundamentada na divisão sexual, onde o homem é o provedor e a mulher dona-de-casa. Este modelo não é diferente nos meios urbanos de quem mora no Nordeste ou no Sudeste do Brasil, o que se observam são mudanças na dinâmica e nos acordos familiares. No caso de Santa Rosa de Lima, o que foi possível observar, é que neste modelo nuclear, as dinâmicas das famílias apresentam mudanças significativas com relação ao que se conhece sobre as famílias do meio rural, nestas observamos os homens compartilhando tarefas, que eles mesmos nos disseram serem consideradas tarefas das mulheres. Exemplo: em duas das famílias os homens (marido e filho) ajudam as mulheres com tarefas domésticas (na cozinha). Quando questionados sobre porque assumiram ter este novo desempenho na família, as respostas foram semelhantes, mostrando esta uma nova dinâmica ocorre nos últimos anos, a partir da inserção dos atores nas atividades do Agroturismo onde a mulher agricultora teve mais tarefas acumulada as existentes, que não eram poucas.

A lógica da solidariedade norteia as ações das famílias com quem convivemos. Muitos consideram necessário o abrigo dos parentes necessitados, em particular os mais velhos [pais e avós]. Mas, esta lógica voltada para os interesses ou necessidades do grupo familiar e a forma solidária de agir não se limita ao grupo de parentes, é comum estender-se aos vizinhos. Entendemos como uma dinâmica natural do espaço internalizada pelos atores e passada de geração para geração. Essa dinâmica aponta para uma vertente interna e mais simbólica, resultante da incorporação de aspectos presentes na ideologia dos descendentes, onde a ajuda mútua era uma questão de sobrevivência e que perdura até hoje entre os atores. As famílias nucleares como afirma Bilac (1995), no meio rural brasileiro ainda tem como característica a sua ampliação através do abrigo aos parentes consangüíneos ou por afinidade. Esse caso ocorre em uma das famílias pesquisadas em que os pais e uma hóspede estrangeira viúva compartilham com eles a mesma residência e todas as atividades cotidianas nos últimos de três anos. Conforme reflexão de Santos (1998 citado por GUTIERREZ, LEMOS e HIGUCHI,

2008), as pessoas delimitam seu lugar no espaço de acordo com sua inserção social, traduzindo à sua maneira, os valores sociais e culturais construídos nas relações com as pessoas e ambiente.

Em relação à natalidade das famílias podemos perceber que a exemplo de outras regiões e pequenos municípios da região sul, houve uma queda na taxa de natalidade. No passado as famílias agricultoras tradicionais, para manter a força de trabalho tinha uma estrutura familiar numerosa, que segundo dados da Prefeitura Municipal de Santa Rosa de Lima – SC consistia de uma boa parte das famílias nunca ter menos de dez (10) filhos trabalhando muito da infância à velhice em todas as atividades da roça e da casa. Hoje esta estrutura possui diferenças marcantes com todos os casais envolvidos na nossa pesquisa com números de natalidade em torno de dois (2) a quatro (4) filhos. A média dessa população amostral é de 2,75 filhos por casal. Para Zakabi (2004, p. 1), “a queda nas taxas de natalidade no Brasil é contínua desde os anos 60, quando se acelerou a migração do campo para a cidade. Dos 5,8 filhos por mulheres em 1970 chegou-se hoje a 2,4 filhos na média”. A autora citada atribui a que a diminuição da natalidade ocorre por conta das mudanças das estruturas no lar brasileiro.

A diminuição da taxa de nascimentos talvez explique em parte a rede de trocas e relações das famílias apresentada em nosso Ecomapa. Esta parece ter adquirido uma dinâmica particular, em que existe uma relação de trocas, parcerias permeadas por velhos e novos valores culturais. Entre os velhos valores permanecem a lealdade e algumas obrigações subordinadas ao modelo de família que aprendemos a construir em nossa sociedade. Entre os novos valores está a associação a instituições coletivas, vendo-as como parte da família ou uma continuidade dela.

Esses valores evidenciam-se nas atitudes e comportamentos que beneficiam tanto uma única pessoa, uma família e / ou grupo social no qual estão inseridos, demonstrando uma prática solidária em que uma pessoa se sente bem em se submeter ao grupo maior: grupo familiar e comunitário. Confirma Arruda (2008, p. 1),

a cultura está silenciosamente presente nos gestos, palavras, olhares, ações do nosso cotidiano. Está presente na maneira como nos vemos e vemos o mundo, e nas maneiras de nos relacionarmos conosco mesmos, com a natureza, com a sociedade, com cada pessoa com quem convivemos diariamente, com os nossos ancestrais e com os seres que nos sucederão em infindáveis gerações futuras. A cultura está presente até na maneira como protestamos, nos indignamos, nos revoltamos contra ela e os modos de ela se expressar em nós e na sociedade.

Seguindo o raciocínio de um viver mais coletivo entre as famílias e das trocas entre não parentes, se destacam um novo modelo cultural significativo com a formação de redes não comuns em um passado recente. Considerando que esta rede em Santa Rosa de Lima se inicia com a agroecologia e se amplia com o agroturismo, as famílias de agricultores vivenciam na sua prática cotidiana os quatros marcos conceituais citados por Adyr B. Rodrigues (citado por SEABRA, 2007, p. 22-23),

- Como marco valórico objetiva-se a prática da democracia, a justiça, a ética e a solidariedade, entendendo que o ser humano, como um indivíduo e como sujeito coletivo vive em sociedade e tem antes de tudo um compromisso com os seus semelhantes.
- Como marco material ou instrumental colocam-se os recursos materiais, as condições de pleno emprego com dignidade, a distribuição equitativa dos benefícios e uso de tecnologias de baixo impacto, com o incentivo ao resgate dos saberes tradicionais, elementos fundamentais para empreendimentos de ecoturismo, só para citar um segmento.
- Como marco sinérgico a assumpção de um pacto coletivo que desenhe cenários tendenciais prováveis e desejáveis, que expresse um projeto, onde os sujeitos locais engajados numa rede de relações estabelecem vínculos de cooperação, de solidariedade, de ajuda mutua.
- Como marco endógeno há que se valorizar o capital cognitivo, cultural, simbólico, priorizando a memória coletiva o patrimônio, valores importantes a serem priorizados em de turismo rural, por exemplo. Aqui também colocam-se valores cívicos e institucionais, sinalizando que neste modelo é imprescindível a participação do Estado, pois não se prega o desrespeito às instituições, não se confundindo com o anarquismo, muito pelo contrário, o setor publico é fundamental para dar respaldo material e jurídico aos projetos.

Todos os pesquisados evidenciam o apoio dos familiares e vizinhos, e quando necessário o apoio técnico que buscam junto aos técnicos da AGRECO e da AAAC. Para execução de tarefas em primeiro lugar buscam ajuda de familiares e vizinhos. Essa prática vem ocorrendo através dos tempos de forma natural – cultural do grupo.

Falamos na confiança anteriormente, que faz parte da configuração da rede social de apoio dos mesmos, porém a rede é bastante flexível, uma vez que os atores estabelecem confiança com outros grupos, integram-se a esses formando um novo nó ampliando as parcerias. Percebemos ainda que a ligação entre os grupos tornam visíveis um fluxo de energia equilibrada estabelecendo uma relação sinérgica sem uma dependência pejorativa entre as famílias.

Na visão de Mance (2007) essa dinâmica solidária tem sido construída no interior de redes em que pessoas colaboram ente si objetivando transformações das diversas relações

sociais e culturais, avançando em direção ao processo construtivo de uma globalização solidária.

#### 4.6 O cotidiano e a dinâmica das atividades na colônia

As atividades múltiplas das famílias confirmam o modelo “pluriativo” dos agricultores familiares, bem como as múltiplas funções de todos os envolvidos, embora a mulher esteja em um patamar de mais sacrifício. Uller (2005), já mostrava este quadro em pesquisa realizada de 2004-2005 em SRL, deixando claro em sua análise que mesmo com as atividades divididas entre homens e mulheres, permanece uma sobrecarga grande em função da confiança estabelecida na mulher e no seu poder de resolutividade dos problemas. Na prática, este excesso de confiança na mulher, coloca em suas ‘costas’ as responsabilidades inclusive de gerenciamento financeiro, algo que em Santa Rosa de Lima passa a ser uma atribuição, principalmente na hora de prestação de contas com os turistas, abertura de contas bancárias e administração das despesas com hospedagem e alimentação. Por outro lado, os homens também passaram a assumir algumas tarefas diferenciadas e novas, se pensarmos no ‘constructo’ cultural dos mesmos.

Os registros fotográficos a seguir ilustram alguns momentos da rotina que os atores desempenham enquanto, agricultores, agropecuaristas e hospedeiros. Rotina que demanda horas de trabalho diariamente. Todas as atividades são iniciadas nas primeiras horas do nascer do dia em torno de cinco (5) horas, com término sem previsão, quando estão com hóspedes.



Figura 24 – Pessoas em atividades rurais  
Fonte: A Autora (2007-2008).

A – Ordenha

B – Trato para os animais



Figura 25 – Cotidiano espacial do trabalho agrícola

Fonte: A Autora (2007-2008).

A e B – Horta

C – Animais no estábulo

D – Psicultura e criação de pequenos animais

E – Plantação (cana de açúcar, matéria-prima para a produção de melado)



A



B



C



D



E

Figura 26 – Cotidiano espacial do trabalho no agroturismo  
 Fonte: A Autora (2007-2008).

- A – Preparo de alimento para os hóspedes
- B – Organização da cozinha
- C – Produção de melado na Agroindústria
- D – Melado
- E – Confecção de enxoval de cama para a pousada

As atividades apresentadas ocorrem com mulheres e homens assumindo distintas funções ao longo do dia. Observamos que todas as mulheres envolvidas têm em comum vários papéis, cabe-lhes a administração da casa, o trabalho na agricultura, a lida com as criações, serem mães, esposas, hospedeiras e participantes do processo de produção agroindustrial [produtos orgânicos]. Neste processo apenas uma entrevistada não participa oficialmente do movimento agroecológico associado ao agroturismo, embora desempenhe todas as funções das demais mulheres. Com relação aos homens, observamos que três dos respondentes são agricultores ativos, mantendo uma rotina diária com as lidas da terra – plantio, colheita, trato das criações, sendo que dois ainda desempenham atividades relativas ao processamento de produtos orgânicos na agroindústria. O quarto respondente é funcionário público, participa na produção na agroindústria em períodos sazonais [férias].

Através das observações em campo e registros de uso do tempo das tarefas cotidianas, podemos perceber que as mulheres exercem uma jornada diária em torno de quinze horas – dividida em várias tarefas, inclusive nos finais de semanas quando ocorre o maior fluxo turístico - o que as limita com relação a organização de um tempo livre voltado para as práticas sociais e para si mesmas. Um dos casos analisados apresenta uma exceção, pois de alguma forma a respondente consegue ministrar seu tempo, não abrindo mão semanalmente de contato social e de lazer, participando de encontros semanais em um grupo de danças típicas e os bailes oferecidos no final da tarde.

No registro que mostramos a seguir do uso do tempo, podemos perceber, principalmente em dias de hospedagem, que o tempo pessoal para o atendimento das necessidades básicas é mínimo.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 16 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
7:00	Inicia a preparação do café para os hóspedes	Uma hora	
8:30	O café é servido	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos	Os hospedeiros e família participam junto com os hóspedes do café da manhã.
9:15	Recolhe a louça da mesa, limpa a cozinha, limpa a geladeira.	Quarenta e cinco minutos	Neste dia teve ajuda de duas estagiárias de Nutrição na organização da cozinha.
10:30	Começou o preparo do almoço e amassa pães.	Uma hora e trinta minutos (prepara quatorze pães).	O preparo dos pães, um processo que toma tempo, já que a massa precisa ser bem trabalhada.
12:30	Põe-mesa para o almoço		
12:45	Servido o almoço	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	Existe diálogo descontraído durante a refeição.
13:30	Recolhe a louça do almoço e a sobremesa é servida.	Uso de tempo: dez minutos.	
13:40	Lavar a louça	Uma hora e trinta minutos para lavar a louça e organizar cozinha.	Estagiárias.
13:40	A hospedeira		Começa o preparo do forno de rua (acende o fogo) para assar os pães.
14:25	Coloca os pães para assar	Aproximadamente trinta minutos para assar os pães.	
15:00	A hospedeira retira-se para sua residência.	Uma hora e trinta minutos (descanso).	Ela leva seu filho de três anos para dormir.
16:30	Retorna à pousada e prepara o café da tarde.	Quarenta e cinco minutos.	Somente alguns hóspedes tomam o café da tarde.
18:30	Começa a organizar o jantar.	Uma hora e trinta minutos.	Preparou duas opções: café e jantar.
20:00	Serviu o jantar	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	Ambiente alegre e descontraído.
21:15	Recolhe a louça do jantar e organiza a cozinha.	Uma hora e trinta minutos.	Estagiárias.
21:15	Hospedeira prepara um bolo para o café da manhã	Uma hora e trinta minutos.	Normalmente os doces e sobremesas são preparados à noite para o outro dia.
22:45	Retira-se para sua casa		
23:00	Colocando roupa para lavar (toalhas de mesa).		Sua tarefa em relação à pousada ainda não havia acabado neste dia.

Tabela 3 – Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas no Agroturismo

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

Se pensarmos no modelo de Maslow sobre estas necessidades, veremos que o excesso de atividades, pode, muito rapidamente afetar a base fisiológica das pessoas envolvidas.

Isto significará em um futuro próximo, talvez, o aumento de doenças e/ou a quebra de redes e elos por falta de tempo e energia para a fortificação dos mesmos.

Embora as transformações socioculturais observadas, demonstrem uma relação familiar bastante solidária e até “igual” entre homens e mulheres, ainda assim, faz-se necessário medidas de reflexão sobre este quadro junto com estas famílias.

O turismo e a agroecologia ampliaram horizontes, que ao longo do tempo devem ser alvo de discussão e reflexão. Neste sentido é importante solidificar mais ainda as redes familiares, mas, ao mesmo tempo elaborar propostas de distribuição das atividades principalmente aquelas não comuns a rotina dos agricultores. Na dinâmica de organização do trabalho, seria fundamental, conhecer o “conforto” de cada membro (homem/mulher) da família no papel e nas funções que assumiu nos últimos anos.

#### **4.7 Expectativas X transformações: os discursos dos atores sociais**

Nas questões elaboradas para nossas entrevistas, tivemos desde o início do estudo a intenção de, através das falas, confirmar nossas observações. Os discursos apontam as transformações, as dinâmicas cotidianas e as expectativas de cada família participante do Agroturismo já apresentadas nos Genogramas e Ecomapas de cada família.

É importante ressaltar que nestas famílias o processo de entrada no Agroturismo aconteceu em momentos diferentes. Portanto, existem compreensões também diferentes sobre o funcionamento da AAAC, bem como sobre o que “esperar” de futuro. As idades das pessoas, a inserção no movimento agroecológico, as experiências no processo de discussão para formação da AGRECO e AAAC, não foram vivenciadas com o mesmo olhar e compreensão por todos os envolvidos.

Ainda assim, mesmo a família não associada e não participante, demonstra bastante afinidade com os objetivos do movimento que associou a Agroecologia do Turismo. Na figura a seguir uma síntese sobre a participação na AGRECO e AAAC:

ECH	IC
<ul style="list-style-type: none"> <li>- AGRECO</li> <li>- Acolhida na Colônia – 8 anos</li> <li>- Agroturismo Oficial em 2000</li> <li>- Alimentação – 2002</li> <li>- Hospedagem – 2005</li> <li>- Pioneiros – 11 anos</li> </ul>	IC1 – O Agroturismo Oficial existe desde 2000, sua base foi a AGRECO. Porém nem todas as famílias são associadas e a entrada na AAAC com oferta de hospedagem e alimentação foi gradativa entre 2000 e 2005

Quadro 4 – Participação na AGRECO/AAAC

Fonte: Entrevistas/observação em campo (2006-2007).

Os DSCs que emergem destas ECH e da IC que elaboramos a partir dos termos/frases dos informantes foi:

O Agroturismo é oficializado com a consolidação da AGRECO em 2000.

DSC 1 – Reconhecimento Legal do Agroturismo

As famílias entraram gradativamente no Agroturismo, uma destas famílias não é associada, mas este fato não impede a participação.

DSC 2 – Reconhecimento da Flexibilidade da AAAC

Os serviços e produtos turísticos ligados à alimentação e hospedagem ocorreu em momentos distintos entre 2000 e 2005.

DSC 3 – Período da Oferta Turística

Sintetizando todas estas falas, percebemos que o Agroturismo teve seus pioneiros (família com onze (11) anos de participação) e tem os associados e participantes mais recentes<sup>4</sup>. Porém, em 1998 quando o AAAC foi fundada, o serviço de hospedagem existia sem as estruturas atuais.

Em 1998, ao receberem os hóspedes, os associados da AGRECO e da AAAC iniciada muito recentemente, ofereciam acomodações improvisadas em suas casas ou no hotel que fica no centro do município. A alimentação era ofertada neste hotel e em algumas vezes (quando os visitantes estavam em SRL nos dias de reuniões dos associados), era realizada uma

<sup>4</sup> Hoje a AAAC está em 30 municípios de Santa Catarina construindo um “Agroturismo” para cada região. Mesmo em SRL, hoje com mais pousadas – duas (2) novas famílias associadas, - o processo sofre adequações a realidade da cidade e das pessoas.

refeição coletiva na estrutura (que antes funcionava como local de reuniões e refeições) localizada nas “Quedas”<sup>5</sup>.

Hoje os serviços de Agroturismo são planejados e organizados segundo diretrizes da AAAC, com alimentos e produtos orgânicos (entre 50% e 70%) e habitações adaptadas atendendo aos quesitos mínimos de conforto, segurança e higiene (HEUSER; PATRÍCIO, 2006).

Embora muito ainda tenha que ser realizado, percebemos ao longo da permanência em SRL, que as famílias participantes entrevistadas apontam muito mais perspectivas positivas do que limitantes.

Quando questionadas sobre como percebem sua atuação (trabalho) no Agroturismo, as respostas demonstram este aspecto positivo.

No diagrama abaixo uma síntese das ECH sobre a percepção do trabalho.



Figura 27 – Percepção do trabalho no Agroturismo

Fonte: Entrevistas.

<sup>5</sup> Principal cachoeira da região situada no Rio Braço do Norte próximo cinco (5) quilômetros do centro de SRL com pequenas praias para banhos e piqueniques da população local. Atualmente não é mais usada com este propósito em função da construção de hidrelétrica no local.

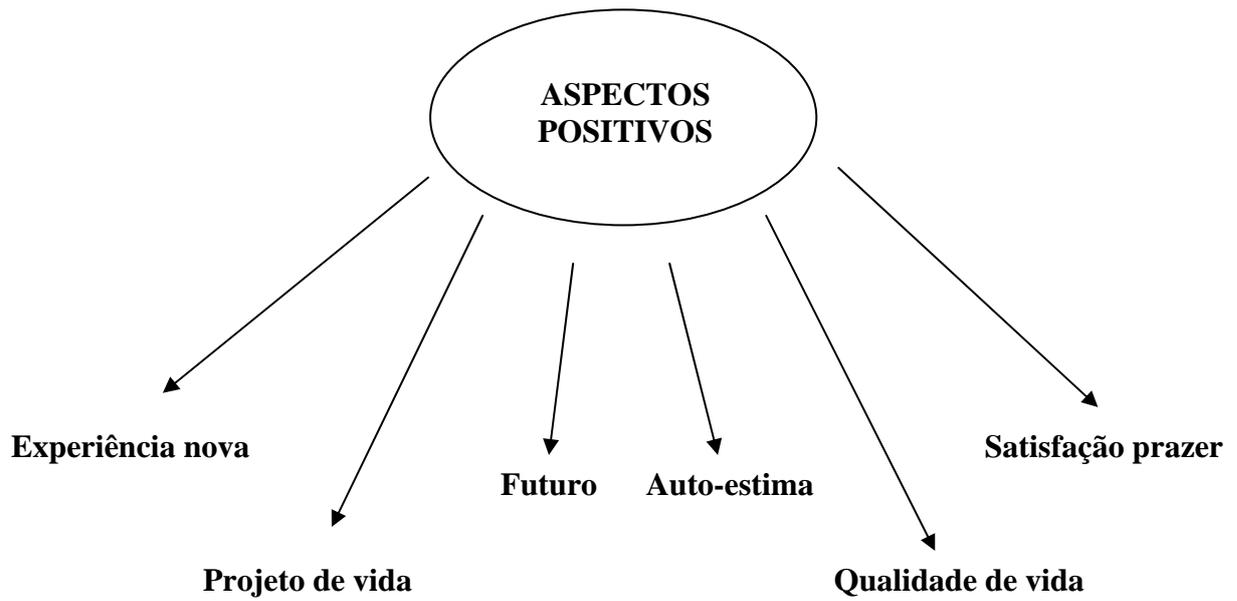


Figura 28 – Aspectos positivos do Agroturismo  
Fonte: Entrevistas.



Figura 29 – Fragilidades do Agroturismo  
Fonte: Entrevistas.

DSCs	
POSITIVO(S)	FRAGILIDADE(S)
<p>I. Uma nova experiência no Brasil com a agricultura orgânica, que surge com a AGRECO, como um projeto de vida. Faz mais de dez (10) anos que não usamos nada químico, trabalhamos na linha natural, com orgânico, provando que é possível.</p> <p>II. Nós temos qualidade de vida e consciência da preservação ambiental. Nós temos orgulho de ser agricultor, a gente está ficando conhecido.</p> <p>III. Está fazendo algo que tu já gostava de fazer, trocar experiências, poder oferecer alimentos naturais para as pessoas, nos dá alto-estima. Com a AGRECO e o Agroturismo o trabalho da mulher foi muito valorizado.</p> <p>IV. Estou bem contente e vejo um futuro para meus filhos, antes eles pensavam em sair e arranjar emprego, com o projeto do Agroturismo e a Acolhida eles estão gostando bastante e eles mesmo falam que é futuro para eles ficar aqui. E como mãe a gente gosta de ter eles por perto.</p>	<p>V. A gente se organiza para fazer uma coisa e na última hora avisam que a noite ou na manhã seguinte vem turista, a casa não fica sempre limpa aí carrega muito e a gente fica agitada tem que pular para dar conta. Se fosse uma pousada separada seria melhor porque com a gente dentro de casa não é fácil.</p> <p>VI. O serviço da mulher agricultora é pesado, ela fica exposta ao tempo se está chovendo ou ao sol. Com a pousada o trabalho é bastante e aumentou, ainda que seja mais leve.</p>

Quadro 5 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Percebemos que os atores envolvidos com a produção orgânica e o Agroturismo revelam suas subjetividades. A subjetividade para Gonzáles (1999 citado por BOCK, 2003, p. 146), é “a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como, nos diferentes espaços sociais que o sujeito atua”. Podemos entender que a subjetividade indica as formas complexas e concretas de expressão do psicológico, em dois níveis: individual e social. Para Bock (idem) a subjetividade individual são as configurações de sentido e de significado em que o psicológico se expressa nos indivíduos concretos; o segundo nível são as figurações de sentido e de significado que caracterizam os diferentes espaços sociais onde o sujeito está inserido.

Os atores envolvidos em nossa pesquisa revelam através das suas subjetividades o significado para eles do Agroturismo, e de como novos conhecimentos e o encontro com pessoas diferentes tiveram o papel de agentes transformadores que deram um novo sentido a vida. Conforme Geertz (1987 citado por SILVA E CYRILLO, 2004, p. 212),

[...] a cultura pode ser conceituada como uma série de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, algo é construído e modificado de acordo com as necessidades humanas, o que significa dizer que a cultura é dinâmica, é formal, é informal, é uma série de representações em que se insere a idéia de transformações contínua de acordo com a vontade dos seres humanos.

No discurso ficam evidentes as trocas culturais que levaram as transformações individuais, auto-estima elevada e o orgulho de serem conhecidos. Os fatores desencadeantes foram as manifestações positivas dos visitantes em relação ao que podiam desfrutar. A valorização por parte dos visitantes além de promover a auto-estima e a auto-valorização, os estimula.

Confirma Book (2003, p. 147) “que o sujeito o sujeito psicológico que se relaciona com os outros nos contextos sociais em que está inserido, vivencia emoções, toma decisões e constrói representações da realidade”.

Nos discursos das respondentes fica evidente qual o significado do trabalho da mulher agricultora. Segundo elas, o trabalho da mulher agricultora é pesado, já que a mesma desempenha suas tarefas expostas aos fatores climáticos, mas, hoje com o Agroturismo segundo elas está mais leve, mesmo com o aumento do serviço. Acreditamos que esta percepção em relação ao trabalho da mulher agricultora modificou-se por conta das transformações positivas ocorridas com os atores, tais como: melhora no nível de vida, valorização pessoal e social, aquisição de novos conhecimentos técnicos e intelectuais.

Conforme aponta Herzberg, Mausner, Snyderman (1959) a valoração do trabalho está ligada aos fatores extrínsecos e intrínsecos. O que nos leva a entender que os atores antes percebiam o trabalho somente por fatores extrínsecos, exemplo, condições climáticas. Hoje as respondentes percebem mais os fatores intrínsecos, ou seja, dão ênfase nos resultados do trabalho, que podemos observar como fatores positivos, como o desenvolvimento pessoal, com a implementação do projeto de Agroturismo que resignificou o trabalho dos agricultores, em especial o trabalho da mulher agricultora, valorizando-o, ainda que ressalte também a sobrecarga de trabalho. Ainda conforme o autor, essas transformações são características intrinsecamente compensadora. Levando em consideração que as atividades agrícolas, embora tenham adotado um novo modelo produtivo – Agricultura Orgânica, as tarefas são realizadas no mesmo espaço e sob as mesmas condições climáticas do município. Logo entendemos que realmente houve uma resignificação do trabalho pelas mulheres agricultoras que participam ativamente como associadas do Agroturismo em SRL em Santa Catarina.

É importante ressaltar que o DSC trás a visão ecológica dos atores quando falam com orgulho do cuidado da natureza, que podemos traduzir a consciência da interdependência de homem e natureza, uma religação com a Terra. Para Boff (2004, p. 1996) este tipo de consciência traduz “o pensamento holístico da realidade que articula o todo nas partes e as partes no todo, pois vê tudo como um processo dinâmico, diverso e uno”.

Os atores sociais assim como seus filhos percebem a possibilidade de permanecerem em S.R.L. devido ao projeto de Agroturismo e Agricultura Orgânica. Os pais expressão felicidade em relação a essa perspectiva.

Como pontos frágeis podemos detectar a sobrecarga de trabalho e interferência nas rotinas diárias, por conta dos visitantes que muitas vezes chegam de última hora. Esse fato provoca agitação e nervosismo em quem hospeda. Krippendorf (2001) concorda que o turismo pode oferecer vantagens, como incrementação de renda para os (camponeses), mas também tem freqüentemente inconvenientes múltiplos. E, mesmo que apenas uma família tenha relatado esta fragilidade, sabemos que este é um problema de todas as famílias.

Mas o cotidiano familiar neste ambiente possui muitas outras ações e atividades que demonstram o caráter pluriativo de todos os envolvidos. Nos quadros a seguir pontuamos com o uso das falas dos entrevistados estas experiências e a síntese de seus discursos sobre o significado das mesmas em suas vidas.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plantamos;</li> <li>- Criação;</li> <li>- Apiário;</li> <li>- Fazemos queijo, nata, manteiga;</li> <li>- Vendemos;</li> <li>- Os dois trabalham;</li> <li>- Cunhada, filho e irmão;</li> <li>- Empregada;</li> <li>- Todos trabalham;</li> <li>- Trabalho pesado de outubro a março;</li> <li>- De 02 a 04 horas por dia com o trato dos animais;</li> <li>- Roça mais criação dá 07 horas por dia;</li> <li>- Rotina diária com hóspede das 05 às 22 horas;</li> <li>- Sem hóspedes das 06, 06h:30min às 21 horas;</li> <li>- Depende do horário do café;</li> <li>- Já levantei às 05 horas;</li> <li>- Até 23 a 23:30, 00 horas;</li> <li>- Rotina diária varia de 15 a 17 horas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>(IC) I. Plantamos: arroz, feijão, batata doce, cana, etc.</li> <li>(IC) II. Criamos: frango, peixe, porcos, vacas, etc.</li> <li>(IC) III. Nas lidas diárias com os animais o casal é encarregado</li> <li>(IC) IV. Uso do tempo nas rotinas diárias com animais;</li> <li>(IC) V. Uso do tempo na produção nas Agroindústrias, no processamento de melado e no apiário com coleta e processamento de mel orgânico.</li> <li>(IC) VI. Uso do tempo nas rotinas diárias com e sem hóspedes.</li> </ul>

Quadro 6 – Atividades das famílias

Fonte: Entrevistas.

DSCs	
POSITIVO(S) - Diversidade	FRAGILIDADE(S)
<p>I. No dia a dia plantamos, criamos animais, trabalhamos nas agroindústrias para levar os produtos embalados, limpos e prontos para uso na mesa: doces, mel, melado, açúcar, verduras, legumes, galinha, queijo, ovos e conforme o período pães e biscoitos;</p> <p>II. Aprendemos com os hóspedes como melhorar na agricultura e no serviço de hospedagem na pousada;</p> <p>III. Damos cursos e palestras para outros agricultores para que eles façam o que fazemos em suas cidades;</p> <p>IV. Viajamos para lugares que nem sonhávamos, fomos a França, aos Estados Unidos e já corremos o Brasil todo;</p> <p>V. Estamos cansados mais temos futuro.</p>	<p>I. O cansaço é muito. Há momentos que precisamos parar para ir ao colégio do filho, jogar futebol ou visitar um parente;</p> <p>II. As palestras me cansam às vezes gostaria de não ter que viajar;</p> <p>III. É difícil lidar com alguns hóspedes e também ter todas as tarefas de casa para terminar.</p>

Quadro 7 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Podemos entender a partir dos DSCs que os atores têm uma prática diversificada agrícola orgânica, o que possibilitou a implantação do Agroturismo na região segundo um modelo de sustentação não apenas econômica, mas também social e ecológico. As tarefas apresentadas no quadro 9 em sua maioria são realizadas pela agricultora, e estas vão do plantio a colheita junto com o marido, ou sozinha. Este é o caso de uma das participantes que cuida dos animais, da alimentação da família, da organização da casa e dos filhos. Observamos que em apenas uma família ocorreu à contratação de uma pessoa da família (cunhada) para ajudar na organização ocasional (quando tem muito hóspede ou quando tem problemas de saúde) de quartos e na cozinha.

Estas atividades assumidas pelas mulheres, enquanto capacidade produtiva ultrapassa a unidade familiar. São elas que estão à frente do trabalho da AAAC, na hospedagem com o preparo dos alimentos e pouso. Para uma das agricultoras que ocupa o cargo de coordenadora da AAAC, a função exige quase que diariamente sua atenção para a busca de soluções em várias resoluções. Todos esses papéis assumidos e desempenhados pelas mulheres tornam evidente uma rotina sobrecarregada. Na entrevista e registro de uso de tempo nas rotinas diárias que fizemos no período de observação (2006-2007), confirmamos uma jornada de trabalho das mulheres envolvidas com o Agroturismo em torno de 15 ou mais horas diárias. Confirma Heuser (2003, p. 99) que a

participação ativa das mulheres com o Agroturismo tem gerado algumas restrições na vida das mesmas, pois acontecem, na maior parte dos casos uma sobrecarga de afazeres. Elas acumulam todo o trabalho do lar com algumas atividades da produção primária e praticamente tudo o que se refere ao bem estar dos visitantes (pouso e alimentação).

Em relação as tarefas dos homens, podemos observar que estão mais voltadas para o trabalho com a produção agrícola, agroindustrial e com a AAAC e AGRECO. Entre as atividades realizadas por eles estão a participação em cursos e palestras fora do município, a atuação no receptivo, quando os visitantes chegam, conversando, mostrando o entorno ou falando do processo produtivo orgânico para os grupos que querem conhecer o projeto, pesquisadores e visitantes interessados.

Na nossa pesquisa, apenas um homem dentre os casais assumiu como atividade sua diária (e não ocasional) o auxílio a mulher em várias tarefas domésticas consideradas tipicamente femininas. Ele arruma a mesa para as refeições, retira a louça no término das refeições, seca a louça e guarda e varre a cozinha. A mulher (agricultora) comenta que ele sempre a ajuda “nós dividimos, eu ajudo ele, e ele me ajuda”. Mesmo quando não tem hóspede. Percebemos que na dinâmica dessa família existe uma divisão de trabalho igualitária entre o casal o que resulta numa parceria harmônica.

Nas ilustrações que seguem abaixo, é possível identificar como os atores percebem as relações familiares no contexto em que vivem, e como ocorrem as dinâmicas nos grupos de apoio (rede social), assim como as expectativas futuras das famílias. Os diagramas a seguir apresentam uma síntese das expressões chaves e idéias centrais sobre relação familiar, e expectativas futuras.



Figura 30 – Percepções das relações familiares  
Fonte: Entrevistas.

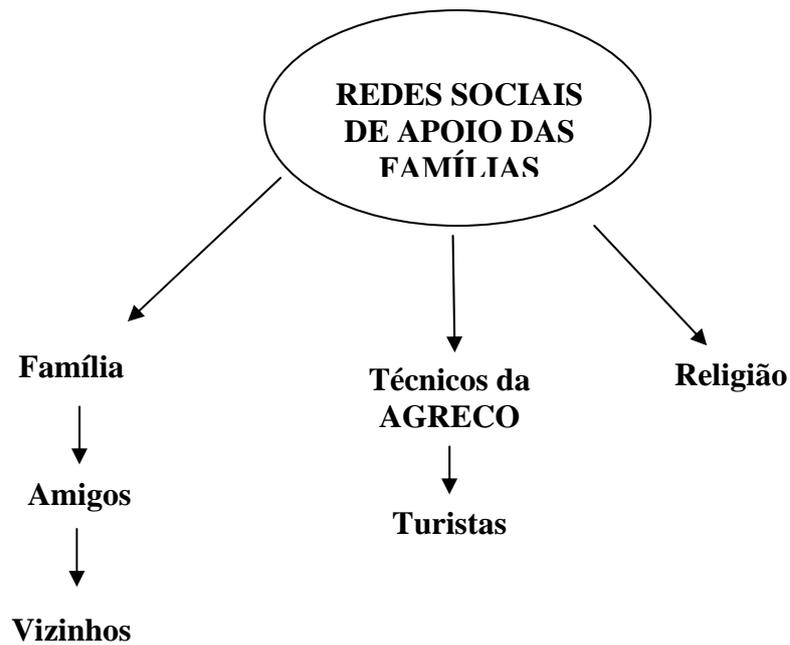


Figura 31 – Pessoas e/ou grupos que ajudam as famílias  
Fonte: Entrevistas.

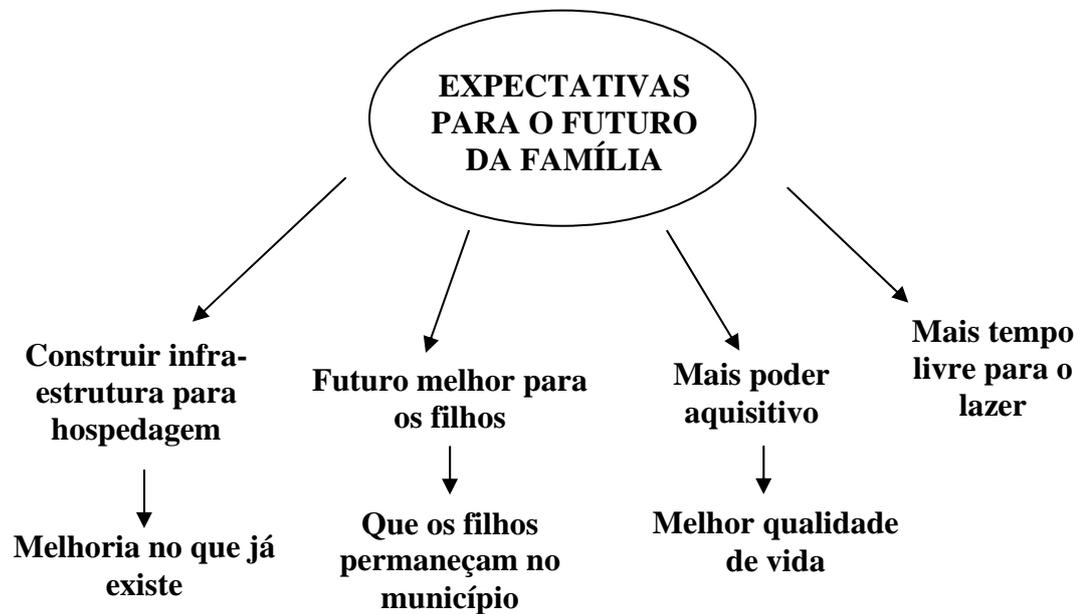


Figura 32 – Expectativas/sonhos  
Fonte: Entrevistas.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- A gente se dá com todo mundo;</li> <li>- Não é aquela coisa;</li> <li>- Abraços e beijos;</li> <li>- São todos iguais;</li> <li>- Trabalha junto;</li> <li>- Conversa, discute;</li> <li>- Uma relação normal;</li> <li>- Convivência legal;</li> <li>- Bom relacionamento entre pai, mãe e irmãos;</li> <li>- Os filhos;</li> <li>- Se dá bem;</li> <li>- Passa exemplo;</li> <li>- O trabalho dignifica;</li> <li>- Homem;</li> <li>- Não é aquela coisa de amassos;</li> <li>- Tem que ser rígido;</li> <li>- Não tenho que reclamar deles;</li> <li>- São bons alunos;</li> <li>- O que aprendi, é isso;</li> <li>- Um pouco duro;</li> <li>- A gente se criou num estilo severo;</li> <li>- Bom relacionamento com eles;</li> <li>- Os segredinhos eles contam para ela (mãe);</li> <li>- Para mim ele esconde;</li> <li>- Conversa melhor com ela (mãe);</li> <li>- Me ajuda;</li> <li>- O pessoal se admira;</li> <li>- Na nossa região;</li> <li>- Homem não lava louça e nem ajuda na cozinha;</li> <li>- A filha vem e bota mão;</li> <li>- Procuo conversar;</li> <li>- Nunca levou surra;</li> <li>- As vezes dá bronca;</li> <li>- Ensinar;</li> <li>- Muito pouco;</li> <li>- Antes nós saía mais;</li> <li>- Atividade;</li> <li>- Amarra;</li> <li>- As vezes sai junto;</li> <li>- Excursão;</li> <li>- Não tem carro;</li> <li>- Com amigo;</li> <li>- Não tem a facilidade de antes;</li> <li>- Domingo;</li> <li>- Passear nos parentes;</li> <li>- Pessoas na propriedade;</li> <li>- Finais de semana e feriados muito ocupado;</li> <li>- Dinâmica diferente de trabalho;</li> <li>- Volta ao normal;</li> <li>- Levamos uma vida corrida;</li> <li>- Uma vez por ano;</li> <li>- Uma semana;</li> <li>- Parque aquático;</li> <li>- Fazer compras;</li> <li>- A família inteira;</li> <li>- Pede opinião um para outro;</li> <li>- Ir em festas;</li> <li>- Dançar;</li> </ul>	<p>(IC) I. Com a família a gente se dá bem, pai, mãe e irmão. Não tem aquela manifestação com beijos e abraços. Os segredos os filhos contam para ela (mãe). Meu filho me ajuda na cozinha, as pessoas se admiram.</p> <p>(IC) II. Quando vem turista ela (mãe) tem menos paciência com os filhos. Uma vez por ano a família tira férias. A gente continua passeando, vem pouca gente aqui. Costumamos sair menos.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Não tenho que reclamar;</li> <li>- Nunca brigamos;</li> <li>- Turma de idosos;</li> <li>- As vezes xingam um pouco;</li> <li>- Ela tem menos paciência com os filhos;</li> <li>- Eles não dão bola;</li> <li>- Continuam revirando;</li> <li>- Casa;</li> <li>- Eles fazem para incomodar;</li> <li>- Deixa limpo;</li> <li>- Não adianta;</li> <li>- Pouca gente aqui;</li> <li>- A gente continua passeando;</li> <li>- Família.</li> </ul>	
--	--

Quadro 8 – Relacionamento familiar

Fonte: Entrevistas.

DSCs	
POSITIVO(S)	FRAGILIDADE(S)
I. As famílias que estão no agroturismo conseguiram viver de forma mais unida e com igualdade; II. As famílias continuam suas rotinas de saída, ir a festas, visitam parentes e tentam se organizar para quando o turista está na pousada; III. As famílias não se relacionam abertamente entre os estranhos, mas se gostam e se respeitam, filhos e filhas, homens e mulheres fazem tudo junto.	I. Com turistas na casa o trabalho aumenta e as tensões também, os filhos continuam suas vidas com brincadeiras e brigas e as vezes as mães perdem a paciência.

Quadro 9 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

As relações familiares revelam-se nos discursos dos atores como interação harmônica, de respeito e de disponibilidade incondicional. Esse cuidado de um para com o outro ficou evidente para a pesquisadora durante o período de observação. Para Boff (2004, p. 91-92),

cuidado inclui duas significações básicas, intimamente ligadas entre si. A primeira, a atitude de desvelo, de solicitude e de atenção para com o outro. A segunda, preocupação e de inquietação porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvido e efetivamente ligado ao outro. (...). O cuidado sempre acompanha o homem porque este nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém.

Com relação aos filhos se percebe a preocupação em passar bons exemplos relacionados ao trabalho, mostrando que este é que proporciona aos seres humanos dignidade e uma base para o desenvolvimento de caráter. Gomez (1994) mostra que é através de um olhar sociológico que a família se constitui no agente primário da socialização e psicologicamente a família consiste no centro das trocas afetivas, que reproduzem os padrões que determinam a qualidade das relações humanas.

Ainda que nos discursos os agricultores afirmem sobre as demonstrações afetivas, que “fomos criados num estilo severo”, ainda assim as demonstrações de afetividade evidenciam-se no cuidado entre eles, na proteção mútua mesmo quando estas manifestações são contidas e formais. A afetividade se traduz como uma mistura de vários sentimentos que tem como objetivo cuidar. Capelatto (2008) sugere que o sujeito cuidador é aquele que impõe limites necessários com autoridade, sem ser autoritário. O bem cuidar implica aproveitar adequadamente os momentos de fragilidade e de frustração que está passando o indivíduo cuidado para lhe dar uma referência para que, quem está sendo cuidado cresça sadio e equilibrado.

Em relação ao tempo livre e lazer das famílias pesquisadas podemos perceber as transformações mais radicais ocorreram em duas das quatro famílias estudadas. Como associados da Acolhida normalmente nos finais de semanas e feriados recebem visitantes. Com isso hábitos como visitar os parentes, ir à missa ou encontrar os conhecidos após a missa deixou de acontecer, diminuindo a socialização entre os conhecidos, vizinhos e compadres. O lazer familiar passou a ser mais ocasional - “a gente sai quando pode” - evidenciando uma transformação negativa, já que aponta privação de momentos de descontração e bem estar.

Vale à pena destacar a dinâmica de um casal que recebe os visitantes em quartos coloniais com regras específicas: acolher durante a semana no máximo até sexta-feira, não recebem crianças, somente adultos (salvo exceções). Nos finais de semana e feriados a casa fica a disposição para receber os filhos e netos que são casados e moram em outras localidades, ou o casal fica livre para passear e descansar.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sempre família;</li> <li>- Amigos;</li> <li>- Dispostos;</li> <li>- Depende do Tipo;</li> <li>- Ajuda;</li> <li>- Trabalho;</li> <li>- AGRECO;</li> <li>- Sempre consegue;</li> <li>- Hóspedes;</li> <li>- Necessidade;</li> <li>- Cultura das famílias;</li> <li>- Mutirão;</li> <li>- Roça;</li> <li>- Tradição;</li> <li>- Dá um jeito;</li> <li>- Tá se perdendo;</li> <li>- Um pouco;</li> <li>- Atividades diferentes;</li> <li>- Colheita está no meio do mato;</li> <li>- Motivo de doença.</li> </ul>	<p>I. De acordo com o problema o agricultor tem ajuda da família, de amigos e até de hóspedes;</p> <p>II. Na roça sempre existiu a cultura do mutirão, embora seja uma tradição que já está se perdendo;</p>

Quadro 10 – Pessoas e/ou grupo que ajudam a família

Fonte: Entrevistas.

DSCs	
POSITIVO(S)	FRAGILIDADE(S)
<p>I. A ajuda vem de todas as pessoas;</p> <p>II. As famílias tentam manter a tradição;</p>	<p>I. As transformações nas atividades e os novos modelos trazidos para o campo estão mudando as tradições.</p>

Quadro 11 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Queremos ressaltar que a prática de mutirão entre as famílias da localidade ainda está bastante presente e representa uma cultura informal, sua prática é regulada e organizada pelos agricultores quando existe a necessidade de reforço na colheita, roçado ou plantio, ou ainda para auxiliar famílias em situação difícil. Na fala de um dos agricultores respondentes de nossa pesquisa ele disse: “na roça sempre existiu a cultura do mutirão mas, é uma cultura que está se perdendo, com a entrada de outras tarefas diferentes”. No entanto, durante os períodos de nossa observação podemos perceber em alguns momentos a prática de mutirões com a participação dos atores em tarefas voltadas para as atividades agrícolas. O mutirão também poderá ser organizado para outros fins: como melhorar estradas, construir casas, etc. Nesses casos a alimentação do grupo fica por conta do beneficiado e é nestas ocasiões que os homens assam a carne e a salada fica por conta das mulheres. O mutirão além de ajudar alguém da comunidade, fortalece vínculos sociais. Essa prática entre os atores de nossa pesquisa reforçam uma prática apreendida culturalmente com seus antepassados. Conforme Martins

(1995, p. 213) “existem mecanismos reguladores que a população mobiliza para reforçar seus costumes e práticas culturais e situações sociais coletivas que permitem aos motivos assegurarem alguns elementos identitários de sua cultura”.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mudanças eu sinto no engenho, lá o rapaz quase não ajuda e gostava de estar ajudando;</li> <li>- A mulher está à frente da pousada, se satisfaz. Tem mais atividade diversificada;</li> <li>- Nos fins de semana as vezes queremos só a casa e os filhos, não pega turistas;</li> <li>- Porque a gente fica só trabalhando o filho mais novo, não entende;</li> <li>- Relação com o dinheiro: o filho mais velho está disposto a ajudar porque ele adora ta recebendo;</li> <li>- A filha ajuda;</li> <li>- Tem dia que apura;</li> <li>- Deixar as coisas em dia;</li> <li>- Lado bom conversar, trocar idéias;</li> <li>- Atividade mais fácil;</li> <li>- Outras pessoas;</li> <li>- Mais uma renda;</li> <li>- Fazer uma roça;</li> <li>- Esperar para colher e não saber se colhe.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>I. As mudanças são fortes na agroindústria, principalmente no engenho, o filho mais velho as vezes não quer ajudar, mas ele entende que esta é uma forma de ganhar dinheiro e também adora receber os hóspedes;</li> <li>II. Os filhos jovens (muito crianças) às vezes não compreendem porque os pais precisam trabalhar no final de semana;</li> <li>III. A filha ajuda principalmente nos dias em que ‘apura’;</li> <li>IV. O lado bom e mais fácil é o de conversar com as pessoas, diferente da roça.</li> </ol>

Quadro 12 – Hospedagem e transformações nas famílias

Fonte: Entrevistas.

DSCs	
POSITIVO(S)	FRAGILIDADE(S)
<ol style="list-style-type: none"> <li>I. Existe um trabalho em parceria realizado pelo casal e os filhos;</li> <li>II. A mulher assume funções administrativas e independência nas decisões relativas às pousadas e outras atividades do turismo;</li> <li>III. Existe perspectiva de trabalho e futuro para os filhos;</li> <li>IV. A família tem capital e os filhos percebem isto, bem como vislumbram o uso deste dinheiro;</li> <li>V. Os filhos mais velhos têm uma compreensão positiva e tentam participar do processo de trabalho agrícola e turístico;</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>I. As crianças menores por não compreenderem o processo de trabalho atual dos pais, questionam não poder escolher os finais de semana para passeios, visitas e brincadeiras só com a família;</li> </ol>

Quadro 13 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Os discursos apontam mudanças ocorridas na vida de três das famílias envolvidas com a acolhida. Esta não unanimidade decorre também das diferenças cotidianas entre as famílias entrevistadas. Para uma das famílias, a decisão de entrar no turismo significou a diminuição

da participação da esposa nos trabalhos relacionados a agricultura. Para o marido esta não participação da esposa resultou numa sobrecarga de trabalho no engenho e na roça.

Este aspecto do turismo demonstra que as famílias de certa forma estão desconstruindo antigos padrões de comportamento na dinâmica de seus cotidianos. Novas funções foram estabelecidas dentro do contexto de trabalho dos agricultores, com objetivos e metas, gerando novas responsabilidades e partilha de poderes. Os homens ocupam-se mais com os afazeres da Agroindústria, produção e venda e áreas externas roça e entorno da pousada, e as mulheres ficam mais com as atividades que estão no entorno do privado, plantando próximas a residência legumes e verduras para os hóspedes, assim como mantendo criação de galinhas e outras possibilidades de alimentos. Também são responsáveis pela organização da casa, do ambiente paisagístico e natural do entorno desta e outras tarefas relativas a função hospedagem e recepção de visitantes. Para Heuser (2003) a participação das mulheres nestas atividades e outras como aulas de idiomas, gastronomia, marketing entre outras, estão fortalecendo sua personalidade, poder de participação e ampliando seu espaço e autoridade nas tomadas de decisões junto a família e comunidade.

Outra transformação positiva é em relação à renda familiar. Nos discursos estas famílias consideram que o turismo trouxe mais segurança financeira e equilíbrio, visto que eles tentam contrabalançar o que recebem de ambas as atividades e não existe hoje uma dependência exclusiva do cultivo e da criação de animais. Outra transformação apontada, a diminuição do tempo livre questionada pelos filhos mais jovens, demonstra que este pode ser um ponto de tensão que deverá ser parte de um diálogo ou acordo para o estabelecimento de critérios para recepção e hospedagem dos visitantes que fiquem claros para todos os membros das famílias, mesmo os mais jovens.

É importante destacarmos que o estabelecimento de regras de recepção e hospedagem é possível, uma vez que em uma das famílias não houve mudanças relacionadas ao uso do tempo livre em função de uma programação planejada que reflete a dinâmica do trabalho adotada pelos mesmos de uma forma positiva e harmônica, já que os mesmos não recebem hóspedes nos finais de semana. Contudo este planejamento somente foi possível porque esta é uma família de adultos maduros [em processo de envelhecimento], com filhos já estabelecidos, com não dependência financeira da lavoura e do turismo [o casal possui aposentadoria]. Neste sentido, a harmonia estabelecida no cotidiano desta família, demonstra que os casais mais jovens ainda têm muito a aprender, assim como ainda têm muitas ‘fendas financeiras’ a encobrir, para que no futuro possam chegar a este padrão de escolhas. Cooper citado por (ROSSI, PERREWÉ, SAUTER, 2005, p. 8) afirma que devemos “desenvolver e

manter uma ‘sensação de bem-estar’ no trabalho” independente dos resultados financeiros ou pelo menos sentindo que não é apenas com o propósito financeiro que trabalhamos. Entretanto, as necessidades das pessoas e a sobrevivência das mesmas, na maioria das vezes implicam em uma série de buscas nem sempre as mais harmônicas, até que finalmente as pessoas possam sentir que o que desenvolvem pode lhes trazer segurança.

Na visão do autor acima além dos resultados financeiros é importante que as questões de qualidade de vida, tempo com a família e carga de trabalho administráveis devam ser temas de discussão. Na prática em SRL, apenas uma famílias das entrevistadas, conseguiu estabelecer o que deseja reservando os fins de semana para os filhos e outras atividades que para eles melhoram a qualidade de vida dos mesmos, com respeito aos limites físicos, biológicos e psicológicos do casal e demais membros da família. Porém, como ressaltamos anteriormente, esta realidade foi possível a partir das condições já citadas, desta família.

Outras mudanças importantes no cotidiano da família e mais relacionadas ao agroturismo compreendem:

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- O conhecimento;</li> <li>- A gente fica mais com pessoas e conversa;</li> <li>- A gente vê as coisas diferentes;</li> <li>- Dá valor as coisas aqui ao redor;</li> <li>- Vê com outros olhos;</li> <li>- Alguns cursos que a gente fez;</li> <li>- Preocupação de manter a propriedade;</li> <li>- Condição de ser visitada;</li> <li>- A questão da limpeza;</li> <li>- Antes do projeto;</li> <li>- A propriedade era bagunçada;</li> <li>- Tem que melhorar bastante;</li> <li>- Revisar de novo o jardim;</li> <li>- Aprendi com o turista;</li> <li>- Agroturismo;</li> <li>- Os filhos aprendem;</li> <li>- Nosso mundo clareou;</li> <li>- Em relação;</li> <li>- Aprendeu;</li> <li>- Pesquisam na internet.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>I. Com o Agroturismo, na convivência com as pessoas as famílias agricultoras aprenderam muito;</li> <li>II. A diversidade, a valorização pelo ambiente de moradia e trabalho com melhorias, organização e planejamento do jardim a casa, são mudanças importantes para todos;</li> <li>III. Os filhos e todos os membros da família vivenciam experiências de aprendizado diverso: da limpeza à relação com a natureza.</li> </ul>

Quadro 14 – Mudanças relacionadas diretamente a atividade turística

Fonte: Entrevistas.

DSCs
I. Com o Agroturismo o que mudou foi o conhecimento. Na convivência com as pessoas, conversando e alguns cursos que a gente fez. Nós passamos a dar mais valor as coisas aqui ao nosso redor. Ver com outros olhos. E com o turista a gente aprendeu e aprende muito.
II. Nós vemos as coisas diferente. Antes do projeto a propriedade estava toda bagunçada, agora a preocupação de manter a propriedade em condições de ser visitada. Tem a questão da limpeza que tem que melhorar. Precisamos revisar novamente o jardim.
III. Uma (agricultora) vejo que aprendi muito. Meus filhos aprendem com os visitantes, entram na discussão e quando chegam em casa ainda vão pesquisa na internet, sobre aquele assunto. Eu percebo que nosso mundo clareou muito.

#### Quadro 15 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

As transformações positivas vivenciadas no dia-a-dia das famílias são bastante relevantes. Os ganhos relativos ao conhecimento geral e específico promoveram enriquecimento técnico, cultural e estético a partir das relações de trocas na convivência com o turista. Quando se estabelece diálogo entre os visitantes e a família, nessa relação interpessoal os sujeitos – tanto turista quanto agricultores, recebem e transmitem conhecimentos, que pode auxiliá-los no processo de mudanças estruturais nas relações e comportamento e resignificação existencial. Freire citado por (HEUSER, 2003, p. 98) confirma que:

nesse lugar de encontro, não ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Fé no seu poder de refazer, criar e recriar, fé na sua vocação de ser mais, entendendo que isso é direito de todos os homens.

Outro fator transformador positivo que os discursos apontam com o processo do Agroturismo, é a ampliação do conhecimento relacionado ao espaço residencial e seu entorno que é onde ocorrem as práticas turísticas. A preocupação estética, bem como a de preservação da fauna e flora como parte da paisagem natural, são elementos positivos que entre os membros da família já é visto como fator de harmonia, descanso e prazer. A ‘bagunça’ como eles mesmos afirmam que existia antes na propriedade, demonstra também alguns aspectos culturais étnicos e laborais. Isto porque é muito forte ainda entre os agricultores a não associação da beleza e prazer como um direito destes trabalhadores. Neste sentido, casa e jardim bonitos não condiz com a condição de sacrificado ou totalmente voltado para o trabalho, uma vez que o cansaço permanente demonstra a cultura do ‘bom’ trabalhador descendente do europeu alemão ou italiano, o que se sacrifica e é mais ‘trabalhador’ do que qualquer outro. Diferente dos ‘brasileiros’ vistos como preguiçosos e mandriões com tempo para lazer, festas e decoração da moradia.

Outro fator importante observado e relevante de transformação é a participação no processo de hospedagem de filhos e pais e a boa relação estabelecida com os hóspedes. Para os informantes filhos e pais hoje, a partir das conversas com os hóspedes, aprendem, trocam informações, se auxiliam e a relação vai além daqueles dias de hospedagem.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Arrumação na casa;</li> <li>- Esperança que melhore mais;</li> <li>- Construir mais duas casas e um refeitório;</li> <li>- Agroturismo no início é sacrificante;</li> <li>- Todo fim de semana é comprometido com o turista;</li> <li>- Queremos combinar com a Associação a possibilidade de poder ter um dia de lazer com a família;</li> <li>- Com o Agroturismo sabemos que os filhos têm como trabalhar, se formar e viver na propriedade ou região;</li> <li>- Mais conforto para a família;</li> <li>- Melhorias para os filhos e um futuro;</li> <li>- Hoje queremos colocar a situação em ordem;</li> <li>- Levantar uma grana, comprar carro.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>I. As casas devem ser melhoradas para a família e os hóspedes, de modo que a família e estes possam preservar-se com conforto;</li> <li>II. O Agroturismo ainda é sacrificante porque falta estabelecer com a Associação os dias e momentos da família;</li> <li>III. O Agroturismo trouxe futuro positivo para a família e os filhos, estes podem confiar de ter trabalho, formação e ainda morar na propriedade e região;</li> <li>IV. Para o futuro é promover melhorias e o equilíbrio da família ter um suporte financeiro que permita comprar inclusive um carro.</li> </ol>

Quadro 16 – Expectativas da família

Fonte: Entrevistas.

DSCs
<ol style="list-style-type: none"> <li>I. Nós queremos construir duas casinhas pequenas e um refeitório para trabalhar mais tranquilos. Também pensamos em alternar com outras propriedades a recepção dos turistas, de modo que diminuamos o comprometimento de nossos finais de semana com a família. O agroturismo ainda resulta em muito sacrifício, mas isto vai mudar.</li> <li>II. As melhorias já estão ocorrendo, mas queremos levantar uma grana e comprar um carro para nosso conforto e colocar a situação em ordem. Os filhos hoje podem se formar, e permanecer na propriedade ou num emprego na região.</li> </ol>

Quadro 17 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Os discursos nos trazem as expectativas apontadas pelos atores, como ampliação da infra-estrutura na propriedade, na compra de bens e no ingresso dos filhos na educação formal, emprego e permanência na região. Podemos visualizar que eles vêem o projeto do Agroturismo com projeções positivas de continuidade, considerando o tempo de existência do projeto e as expectativas futuras. Estas expectativas demonstram o bom trabalho desenvolvido na AAAC, que a partir das atividades desenvolvidas, promove transformações com o atendimento de algumas necessidades importantes do grupo associado, aumentando a motivação para novas propostas de continuidade.

Milhollan & Forisha (citado por BERGAMINI e CODA 1997, p. 85) afirmam que cada homem é norteado por “uma realidade subjetiva, própria a ele, privada e pessoal cheia de sentimentos, emoções e percepções que não pertencem se não a si mesmo e que, portanto, a ele é dado orientar-se na direção que considere melhor.” Ainda aponta Kanaane (1999) que várias abordagens sobre a motivação humana apontam o conceito de necessidade e expectativa. A necessidade determina o comportamento do trabalhador, mas o trabalhador percebe se as condições existentes dentro do sistema são facilitadoras ou não para a realização de seus objetivos e necessidades. Por outro lado a motivação corresponde às ações selecionadas pelo indivíduo na trajetória do alcance de suas necessidades. Este pensamento a nosso ver faz parte do contexto vivido pelas famílias agricultoras em SRL.

Importante ressaltar, que os filhos destes agricultores [a exceção do casal mais maduro], têm hoje uma relação de interação constante e forte com a AGRECO e AAAC. Para eles, a proposta deste trabalho coletivo com seus pais aumentou as possibilidades destes do ponto de vista econômico, social, cultural e educacional. Estes demonstram através de ações positivas que este futuro de inclusão traz benefícios para todos e isto os encoraja na participação em todas as atividades agrícolas e também turísticas. Não se trata aqui de ‘trabalho infantil’ ou uso da mão de obra das crianças e adolescentes sem tempo para outras atividades. Muito pelo contrário, ainda que os pais não tenham tempo para o lazer de uma forma mais contínua, seus filhos conseguem ter uma vida social e cultural bastante diversificada daquela que seus pais tiveram no passado com escola, viagens, festas, capacitação, entre muitas outras possibilidades.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Atraso dos Turistas;</li> <li>- Mudanças dentro de casa;</li> <li>- Estrada e telefone;</li> <li>- Comunicação para a nossa função;</li> <li>- Maior procura dos quartos coloniais;</li> <li>- Chalezinho para os turistas;</li> <li>- Ter o meu espaço;</li> <li>- Trabalhar;</li> <li>- Um refeitório;</li> <li>- Meu trabalho é muito invadido;</li> <li>- Definição de papéis na associação;</li> <li>- Ter qualidade de vida;</li> <li>- Melhorar a Agroindústria;</li> <li>- Resolver problemas de insalubridade;</li> <li>- Fazer chegar à matéria prima mais fácil;</li> <li>-Ter área de lazer para as crianças e atividades de pesca;</li> <li>- Mais bancos na cidade.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>I. Faz-se necessário estabelecer com os Turistas horários e regras de hospedagem;</li> <li>II. Faz-se necessário construir refeitório e um ambiente mais privativo para quem hospeda;</li> <li>III. É preciso melhorar a comunicação, existem falhas inclusive de divulgação;</li> <li>IV. A associação precisa estabelecer melhor os papéis de atuação de seus membros;</li> <li>V. Faz-se necessário uma melhor salubridade nos trabalhos da agroindústria que é associada ao agroturismo em função das visitas aos locais;</li> <li>VI. É importante ter área de lazer para as crianças e atividades de pesca nas pousadas.</li> </ol>

Quadro 18 – O que gostariam de mudar nas atividades

Fonte: Entrevistas.

DSCs
<ol style="list-style-type: none"> <li>I. Gostaríamos que melhorasse a relação da pousada com o Turista, visto que às vezes os turistas marcam, vamos chegar tal hora, agente faz o jantar e espera, é dez, é onze, é meia-noite, e eles não chegam. A gente fica esperando e às vezes a comida já não fica tão boa e isso é ruim. A gente perde muito sono.</li> <li>II. Eu gostaria de mudar o local, construir um refeitório para eu poder trabalhar, porque quando tem hóspede o meu trabalho é muito invadido (pelo hóspede).</li> <li>I. Eu acho que, a comunicação falha na nossa função, principalmente a divulgação dos quartos coloniais que não são tão procurados. É necessário fazer quartos independentes, porque os turistas preferem chalezinho principalmente aqueles grupinhos que não são conhecidos e não gostam de se misturar.</li> <li>II. Mais adiante queremos desenvolver mais a área voltada ao lazer, principalmente para crianças, porque a gente não tem quase nada. Usar os açudes para atividades de pescas e colocar bancos na sombra.</li> <li>III. Queremos abrir novas áreas de cana (ampliar área de plantio), construir estradas menos inclinadas, para transportar e chegar com a matéria-prima mais fácil no engenho. Porque nos dias de chuva é perigoso subir e descer. Às vezes as caminhonetas chegam a ficar em pé.</li> <li>IV. Na indústria tem que fazer melhorias. Na hora da fervura forma muito vapor (processo produtivo do melado). Mexer com o caldo, ter que estar em cima daqueles tachos fervendo, isso faz muito mal para quem trabalha lá dentro. Porque você sai do calor e vai à água fria para lavar as mãos frequentemente. É a questão do contato com calor e o frio, muita insalubridade.</li> <li>V. Dentro da Associação tem algumas coisas que eu gostaria que mudassem a organização, a falta de responsabilidade de certas pessoas. Porque se eu organizo um grupo, eu sou responsável por aquele grupo. A Associação já existe há oito anos, e não podem acontecer mais certas falhas. Como sou coordenadora e moro próximo acabo tendo que resolver problemas que não era para eu resolver. Como trabalhamos numa Associação, acho que cada um tem que se dispor a ajudar. Porque é para o bem de todos. Hoje temos um monte de reclamações, com nossa secretária. Minha filha já trabalhou como voluntária na Associação e ainda acaba sobrando coisas para ela, que não é papel dela e isso me incomoda bastante, dá um desgaste muito grande. Então, eu mudaria isso. Porque eu dentro da Associação e na pousada faço o meu trabalho por amor e com prazer. Hoje eu vejo que não vale ter, ter, ter dinheiro e não ter uma qualidade de vida.</li> </ol>

Quadro 19 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Nos discursos mudanças para melhorar o trabalho, o sistema de comunicação, a dinâmica interna na divisão de trabalho dos associados da AAAC, que segundo a coordenadora possui várias falhas na organização dentre as quais ela dá ênfase a falta de responsabilidade, e o não comprometimento de alguns dos associados em relação a assumir ou partilhar funções. Esses problemas tornam as atividades da coordenadora e de outras pessoas da direção da AAAC uma sobrecarga com desgastes físicos e emocionais para todos.

Rossi (2005) demonstra que existem diferenças entre a percepção de *stress* ocupacional por parte de homens e mulheres, porém há um consenso geral sobre os estressores mais disfuncionais. Os resultados apontam cinco (5) que tem maior impacto negativo no bem-estar psicossocial de homens e mulheres, estes são:

1. Sobrecarga de trabalho;
2. Incerteza;
3. Falta de controle;
4. Incapacidade de administrar seu tempo;
5. *Stress* interpessoal.

A autora ainda mostra que as mulheres identificam a sobrecarga de trabalho como o primeiro fator estressor disfuncional, ao contrário dos homens que é a incerteza. Frech e Kaplan (citado por ROSSI, 2005, p. 16) “identificam a carga do trabalho em dois níveis: tem que fazer mais do que o tempo ou a capacidade permite”. Os autores ainda apontam que as mulheres identificam a carga de trabalho em ambos os níveis.

Conforme Bateman et al (citado por ROSSI, 2005, p. 9),

o stress relacionado ao trabalho põe em risco a saúde e que de 50 a 80% de todas as doenças tem fundo psicossomático ou estão relacionadas ao nível de stress. Até o presente momento estudos indicam que o ambiente de trabalho, a estrutura corporativa e diversas outras interações contribuem para as respostas individuais de stress e tensão. Conseqüentemente, a organização acaba tendo problemas de desempenho ruim.

Ainda acredita-se que a falha na comunicação entre os participantes de organizações ou outros grupos produtivos e o conflito interpessoal estão associados a várias manifestações de *stress*. E que um grande número de manifestações comportamentais tanto física quanto emocionais estão associadas ao *stress* ocupacional. Corrobora Kanaane (1999, p. 22) com muita propriedade que,

através do trabalho o homem pode modificar seu meio e modificar-se a si mesmo, à medida que passa exercer sua capacidade criativa e atuar como participante do processo de construção das relações de trabalho e na

comunidade na qual se insere. A interdependência entre o homem e o seu trabalho é medida por vetores administrativos, tecnológicos, sociais, políticos, ideológicos, comportamentais e etc, que interferem continuamente na dinâmica estabelecida em tal relação. O processo de transformação da sociedade a partir das ações dos indivíduos e grupos requer um movimento constante entre ação e reação dos envolvidos.

Nas relações de trabalho a interdependência do grupo com constante dinamismos nas interações sociais, poderá no decorrer do tempo acentuar os conflitos e impactos nas relações interpessoais. Continua Kanaane (1999, p. 62) “o homem social não se basta por si mesmo a medida que passa a atuar em diferentes grupos e comunidade que exigem dele papéis diferenciados, que implicam incorporação, aprendizagem e reaprendizagem de novos papéis e condutas compatíveis com o grupo de referência”.

EXPRESSÕES - CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dinheiro;</li> <li>- Prefeitura;</li> <li>-Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE);</li> <li>- Negativo;</li> <li>- Para investir;</li> <li>- Turista;</li> <li>- Demora em receber;</li> <li>- Sugam a gente no máximo;</li> <li>- Eles vêem o trabalho;</li> <li>- Demora;</li> <li>- Não saber dizer não;</li> <li>- O agricultor é inocente;</li> <li>- Na Acolhida não sabemos por limites;</li> <li>- Poucas famílias;</li> <li>- Projeto que está crescendo;</li> <li>- Somos chamados;</li> <li>- A Acolhida somos nós;</li> <li>- Tudo isso tira tempo;</li> <li>- Tem a expansão no Estado;</li> <li>- Dar curso;</li> <li>- É remunerado, mas não compensa;</li> <li>- O dia que sai a propriedade para o prejuízo aparece;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>I. A maior dificuldade hoje é o dinheiro ele não entra logo e falta auxílio da Prefeitura, do SEBRAE e mesmo da Associação, que hoje tem poucas pessoas, a Acolhida somos nós.</li> <li>II. O turista suga o máximo, e não sabemos por limites.</li> <li>III. Nós somos a AGRECO e Acolhida, o projeto está crescendo no Estado e temos que viajar muito, dar curso com uma remuneração que não compensa os prejuízos de sair da propriedade.</li> </ul>

Quadro 20 – Limitações (dificuldades) “negativas”

Fonte: Entrevistas.

DSCs
<p>I. Uma coisa negativa pra nós, é que às vezes para receber, quando vem as excursões pelo SEBRAE e pela Prefeitura demoram muito para nos pagar, leva um (1) mês, dois (2) meses como em uma ocasião. Isto dificulta o investimento na pousada ou na tentativa de construir uma obra separada da casa.</p> <p>II. Vejo como uma coisa negativa em primeiro lugar é o turista. Vem pra cá, são maravilhosos, mas eles também sugam a gente. Não sei se a gente não consegue passar o propósito do trabalho que fazemos, a nossa lógica. Percebo que eles vêem o trabalho maravilhoso que fazemos, mas mesmo assim, eles te sugam ao máximo. Acho que a gente começou sem experiência de turismo, de estar atendendo as pessoas, só o tempo vai fazer com que a gente aprenda. Outra coisa que eu acho negativo dentro da Acolhida, o agricultor é muito inocente, não sabe ainda por limites, mesmo percebendo coisas erradas as vezes não consegue dizer não.</p> <p>III. Nós somos a AGRECO, nós somos a Acolhida. É um projeto que está crescendo. Como são poucas as famílias associadas, então tudo que envolve o projeto nós somos chamados para discutir se precisa melhorar. Tem ainda a expansão no Estado, as viagens, os cursos e palestras. A remuneração não compensa. O dia que você sai a propriedade para, passa época do plantio aí no próximo ano você sente a diferença e aparece o prejuízo. Tudo isso tira tempo.</p>

### Quadro 21 – Discurso do Sujeito Coletivo

Fonte: Entrevistas.

Podemos perceber a tensão que existe em função da sobrecarga de trabalho, já que todos têm muitas funções [principalmente os que exercem função também na Acolhida], e o turista quer sua atenção exige disponibilidade de um tempo que não existe. Muitos pesquisadores falam dos efeitos psicológicos do excesso de atividades, que para Rossi (2005, p. 10) se traduzem como “manifestações de tensão relacionadas a ela como: ansiedade, depressão etc, ocorrem em resposta à sobrecarga ambiental que impõe uma demanda sobre o indivíduo que este percebe como insuportável”. Este tipo de tensão leva também ao desequilíbrio porque as exigências são maiores do que a capacidade das pessoas de realizá-las.

Outra questão evidenciada que queremos ressaltar é a dificuldade aparente da administração do tempo diante das várias e diferentes tarefas dos agricultores envolvidos com a AGRECO e a AAAC, o encadeamento das tarefas já existentes nas lidas diárias dos mesmos. Com a implantação do Agroturismo as famílias agricultoras acumularam outras atividades não agrícolas, praticadas dentro das propriedades, como hospedagem e alimentação para os visitantes, assim como práticas fora da propriedade enquanto participantes da associação. Essas novas atividades identificam segundo Schneider (2003, p. 100) uma organização para o trabalho como multiplicidade de ações e, portanto funções e papéis. Para ele:

essa forma de organização do trabalho familiar vem sendo denominado pluriatividade e refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar a o exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas não necessariamente ligadas a agricultura ou ao cultivo da terra.

Poderíamos nos perguntar por que os agricultores se deixam levar por este caminho, e o que podemos responder baseando-nos em nossas observações em SRL, é que o sacrifício no trabalho sempre foi imenso entre eles, entretanto com a entrada no turismo é que pela primeira vez eles têm respostas diferentes e mais positivas de atendimento as suas necessidades econômicas. Essas atividades sugerem a possibilidade de aumento de renda da unidade agrícola e propicia a permanência principalmente dos filhos dos agricultores na área rural. Essas atividades sugerem a possibilidade de aumento de renda na unidade agrícola, gerando maior poder aquisitivo, melhoria na qualidade de vida, e novos conhecimentos técnicos e pessoal assim como melhoria nas infra-estruturas existentes e construção de novas, para melhorar o conforto da família e hóspedes, assim como oferecer aos filhos uma formação escolar que eles (pais) não puderam ter, e que os filhos possam após concluir os estudos voltar e trabalhar junto com os pais na unidade agrícola ou na região. Os discursos evidenciam esta possibilidade da permanência dos jovens na área rural, além de outras expectativas que levaram os atores a ingressar na AGRECO e AAAC em SRL em Santa Catarina.

Para Fuller (1990 citado por SCHNEIDER, 2003, p. 105) “a pluriatividade como unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração” tem sido uma resposta as dificuldades das famílias de pequenos agricultores. É importante ressaltar que o espaço rural no período Fordista tinha apenas como função as produções agrícolas e alimentares, e hoje com estas novas atribuições [múltiplas atividades produtivas e ocupacionais] as famílias agricultoras vislumbram a inclusão de sua família na sociedade, a valorização do que fazem e perspectivas de oferecer a sua família outras oportunidades se assim desejarem.

Entretanto, qualquer mudança desta natureza, produz transformações intensas nas matrizes culturais das pessoas e suas comunidades. Isto porque se faz necessário um tempo para adequação a novos modelos de vida que interferem também no processo associativo, na unidade produtiva, e no cotidiano privativo familiar. De repente estas pessoas saem de suas casas para dar cursos, afastando-os de suas rotinas, obrigações e responsabilidades que para muitos eram intocáveis e sem possibilidade de reformulação ou mudança. Como eles mesmos dizem em SRL: ‘depois aparece o prejuízo’. Parece-nos evidente a preocupação dos atores de SRL diante das responsabilidades as quais eles têm que dar conta, contudo, deixam claro que querem fazer o que estão fazendo hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa realizada de 2006-2007 com as famílias envolvidas com a AGRECO e o Agroturismo através da AAAC em SRL nos traz as transformações socioculturais ocorridas até o momento no contexto familiar e associativo, refletindo-se nas mudanças na dinâmica da família, e na divisão de trabalho entre mulheres e homens. Considerando este contexto, entendemos que conseguimos e alcançamos os objetivos que nos propomos buscar nesta pesquisa.

Com relação às transformações o que podemos visualizar emerge dos DSC e se apresentam como mudanças de distintas naturezas. Classificamo-las como:

- De caráter coletivo: auto-valorização profissional (orgulho de ser agricultor); desenvolvimento intelectual e técnico a partir das trocas nas relações com os turistas e técnicos; o despertar da consciência da sua relação com o meio-ambiente; proteção de todos os sistemas, e orgulho de estar fazendo algo apontado como uma das prioridades de ordem mundial;

- De caráter familiar/pessoal: porque melhora a qualidade de vida dos envolvidos e promete atender outras expectativas mais melhorias a longo prazo; possibilidade de seus filhos permanecerem na propriedade ou região; motivação para novas realizações; relação mais igual entre homens e mulheres, ainda que este seja o ponto também de fragilidade no tocante a questão da carga de trabalho feminino. Com a entrada das atividades não agrícola, o trabalho da mulher foi acrescido de outras atividades dentre as muitas já existentes.

No caso de SRL a mulher está à frente do trabalho com a hospedagem e esse fato reduziu o seu tempo livre para cuidar de si própria, para o lazer e para a família. Em relação aos homens eles estão mais envolvidos com o projeto na Agroindústria, e tem sempre um trabalho mais coletivo com outros homens da família, com viagens, no receptivo dos visitantes além das atividades rotineiras de lida na roça e criações. A princípio esta relação demonstra sobrecarga só de um lado, o feminino. Entretanto este processo não é unilateral, grande carga de trabalho envolve homens e mulheres em distintas situações e hoje entre eles está aberta uma discussão sobre como equilibrar este processo.

Apenas uma família, a do casal não associado e que vivem consensualmente é que existe uma divisão de trabalho aparentemente mais igualitária, com homem e mulher,

partilhando de todas as tarefas juntos, seja na agricultura, na lida com as criações, na manutenção do entorno e nas tarefas domésticas. Porém, é importante lembrar que este homem está aposentado, tem renda externa, não precisa viajar para dar cursos, não tem obrigações com agroindústria e sua rotina é absolutamente distinta da de qualquer homem dos demais casais. Daí porque eles conseguiram organizar seu tempo, impuseram condições para acolher os visitantes e com isso conseguem ter tempo livre para si. O casal tem atividades sociais todas às semanas quando participam do ensaio do grupo de dança típica da localidade participam de bailes, viajam para visitar os filhos ou para participar de festas. Essa maneira de ser de ambos, e sua organização nas tarefas têm um reflexo positivo, porque quando recebem os visitantes o fazem de maneira alegre, com entusiasmo fazendo com que o visitante sintam-se muito bem<sup>6</sup>.

Percebemos que a dinâmica nas relações e as redes de apoio entre os associados da AAAC apresentam conflitos de natureza intra-familiar e intra-grupal. Existe reclamação de sobrecarga de atividades na associação, que há necessidade de organização e de que outros associados assumam e se comprometam com o processo. Nas falas da coordenadora da AAAC, ela ressalta suas necessidades de tempo livre para a família e lazer, pois seu filho a questiona se precisa trabalhar todos os fins de semana. Contudo ela pouco reflete sobre a sua incapacidade de dizer não às demandas que não pode assumir, embora discuta atualmente com outros associados a necessidade de rever a distribuição entre os hospedeiros dos visitantes para que cada um possa ter um fim de semana livre, com a alternância de recepção aos turistas.

Observamos particularmente que esta informante possui um acentuado nível de estresse ocasionado pelo acúmulo de funções em função da sobrecarga de trabalho que está muito aquém da sua capacidade de assumir, principalmente emocional. Ela mais do que outros informantes, verbaliza que o turista, invade seu trabalho e sua vida, em outro momento se refere a tensão que sente, por conta da carga excessiva de trabalho e da sua impotência diante das situações que geram conflitos. Percebemos que situações como estas refletem a necessidade de avaliação do modelo de trabalho assumido pelo grupo, que parece ainda ter medo de verbalizar ou colocar na ‘mesa’ estas discussões. A própria agricultora, assim como os demais, não percebeu ainda que a aceitação deste trabalho partiu essencialmente dela e dos demais associados e que os critérios de aceitação para colocar em prática as ações da AAAC não são permanentes se eles assim definirem.

---

<sup>6</sup> Não podemos deixar de ressaltar que este casal está na fase de maturidade, possuem os filhos “criados” e independentes e tem renda advinda de suas aposentadorias.

Outro aspecto negativo percebido e explicitado por um dos casais – que oferece quartos coloniais é a insatisfação em relação à Acolhida. Dizem que não recebem muitos turistas, já que os mesmos preferem hospedar-se fora da casa da família, em pousada. Eles recebem mais excursões e dizem que os excursionistas gostam porque o objetivo deles é conhecer o projeto. O casal tem como expectativa poder construir uma pousada. A mulher traz em seu discurso que é muito difícil para ela, fica muito apurado quando vêm turistas, pois a casa não está sempre limpa, aí ela tem que correr para dar conta, e os filhos não colaboram. Esse fato faz com que a esposa fique nervosa, e segundo o marido, suas atitudes geram conflitos entre ela e os filhos.

Diante dos discursos e dos resultados apreendidos, evidenciamos que está havendo a necessidade de repensar e planejar algumas ações por parte dos associados, tanto no processo de hospedagem como no processo de gestão em relação à divisão do trabalho atribuída ao funcionamento e expansão da AAAC por parte dos envolvidos.

Para desenvolver um programa junto ao grupo, em primeiro lugar é necessário considerar o modelo de organização associativa, onde a participação de todos os envolvidos é fundamental para a implementação de melhorias, no processo de gestão.

Diante dos discursos se revelaram os fatores que interferem na vida das pessoas envolvidas e no desenvolvimento da AAAC, a partir destas respostas sugerimos:

- O fortalecimento do grupo de associados que poderia ser efetuado a partir de encontros: primeiro, apresentar os itens evidenciados nos DSCs como pontos frágeis levando-os a uma auto-reflexão; segundo, promover um *Brainstorming*, perguntando-se o que poderá ser feito?; terceiro, estruturar resultado para análise do grupo, das idéias viáveis e definir ações com objetivo de melhorar as relações internas e divisão de trabalho equilibrada entre os participantes.

- Formação contínua dos envolvidos na AAAC em relação ao espaço interno e externo, e higiene. Percebemos que os atores não dispõem de muito tempo livre, devido ao acúmulo de tarefas dos mesmos, mas, por outro lado como prestadores de serviços turísticos também devem levar em consideração alguns pré-requisitos, que influenciam na demanda pelo turista, que engloba infra-estrutura, entorno e os serviços oferecidos pelos hospedeiros. Sabe-se ainda que o visitante faz a valoração a partir dos sentidos: visão, olfato, audição, e etc. Os resultados poderão ser positivos ou negativos, o que influencia na divulgação do destino. Após essas considerações os envolvidos com a AAAC devem fazer uma reflexão se devem buscar ajuda para fortalecer os pontos fracos, tendo como objetivo aumentar a demanda turística.

- Um planejamento voltado para os quartos coloniais levando em consideração a estrutura da família, seus conhecimentos, capacidade de melhorar alguns requisitos de higiene e organização da vida familiar;

- Trabalho junto aos atores que estão envolvidos no Agroturismo voltado para a qualidade de vida com o enfoque na carga de trabalho. Este trabalho poderá ser feito com os atores através de um encontro onde será pontuado a importância da “escuta” do que seu corpo manifesta, e como estão suas emoções. Neste encontro deve-se transmitir informações sobre saúde e segurança no trabalho, como uso de painéis para identificar problemas de saúde (físicas e emocionais), assim como, estratégias voltas a prevenção.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, s.l., v. 28, n. 1, 2, 3 e v. 29, n. 1, p. 4, jan./dez. 1998, jan./ago. 1999. Disponível em: < [http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=lang\\_pt&q=cache:fVHO3kw7VnsJ:www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos\\_cientificos/1999/Agricultura\\_familiar.pdf+abramovay+autor:r-abramovay](http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=lang_pt&q=cache:fVHO3kw7VnsJ:www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos_cientificos/1999/Agricultura_familiar.pdf+abramovay+autor:r-abramovay)>. Acesso em: 22 ago. 2007.

ACOLHIDA NA COLÔNIA. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.acolhidana.com.br/destinos/santa-rosa/>>. Acesso em: 05 maio 2008.

AGRECO – Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral. **AGRECO – Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral**. Disponível em <<http://www.agreco.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2007.

ALMEIDA, Joaquim Anecio; RIEDL, Mario (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

ALMEIDA, Domingos P. Ferreira de. **Evolução histórica da agricultura**. Disponível em: <<http://dalmeida.com/ensino/historia.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

ANTUNES, R. Apresentação. In: LESSA, S. **Trabalho e ser social**. Maceió: EUFC/EDUFAL, 1997.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARNHOLD JUNIOR, Marcos. **Turismo rural ético: o agroturismo em Santa Rosa de Lima – SC**. 2006. 81 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria). Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Balneário Camboriú, 2006.

ARRUDA, Marcos. **Aliança por um mundo responsável e solidário: pólo de um socioeconomia solidária - Ficha PACS-DPH**. Disponível em: <[www.pacs.org.br/artigos\\_publicados/Fi%20marcos%20port.rtf](http://www.pacs.org.br/artigos_publicados/Fi%20marcos%20port.rtf)>. Acesso em: 15 abr. 2008

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: Senac, 2000.

\_\_\_\_\_. **Análise estrutural do turismo**. 9. ed. São Paulo: Senac, 2003.

BERGAMASCO, Sônia. **Agricultura familiar predomina no Brasil**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/ppublicas/07.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2007.

BERGAMINI, Cecília W.; CODA, Roberto (org.). **Psicodinâmica da vida organizacional: motivação e liderança**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BILAC, E. D. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. In: I. RIBEIRO & A. C. RIBEIRO (Orgs.) **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Edições Loyolas, 1995.

BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez: 2003.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 10. ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

BORGES, Livia de Oliveira & YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. O mundo do trabalho. In: ZANELLI, José Carlos, BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo & BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo – Secretaria de Políticas de Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil - 2003-2007**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/diretrizes>>. Acesso em: 08 ago. 2007a.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Agricultura familiar: escolhas e desafios**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/index.php?ctuid=13482&scid=137>>. Acesso em: 22 ago. 2007b.

BUTTEL, F. H. Transiciones agroecológicas em el siglo XX: análisis preliminar. **Agricultura y Sociedad**, s.l., n. 74, jan./mar, 1995.

CAPELATTO, Ivan Roberto. **Educação com afetividade – coleção jovem voluntário, Escola Solidária**. Disponível em: <<http://www.facaparte.org.br/newn/oad/capelatto.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2008.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix 1982.

CARNEIRO, Maria José. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dezenove/zeze19.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2007.

CHAGAS, Maristela Inês Osawa. **História do trabalho: um pouco sobre a história do trabalho**. Disponível em: <<http://www.rhinfo.com.br/rhinfo.html>>. Acesso em: 27 fev. 2008.

COMISIÓN DE LAS COMUNIDADES EUROPEAS. **Medidas comunitárias para el fomento del turismo rural**. Bruxelas: s.n., 1990.

CONTRERAS, Juan Manuel. **Como trabalhar em grupo: introdução à dinâmica de grupo**. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 1999.

COUTANCIER, Sandrine. **Symboles utilisés pour construire un génogramme**. Disponível em: <[http://www.interaide.org/pratiques/pages/urbain/social/ASMAE\\_genoport.htm](http://www.interaide.org/pratiques/pages/urbain/social/ASMAE_genoport.htm)>. Acesso em: 16 fev. 2008.

COZBY, Paul. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CROSBY, A. et al. **El desarrollo turístico sostenible en el medio rural**. Centro Europeo de Fomación Ambiental y Turística y cofinanciado por el plan futures, Plan Marcos de Competitividad del Turismo Español, Secretaria General de Turismo, 1993.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. ampliada. São Paulo: Cortez - Oboré, 1992.

DIEHL, Robert. **Agricultura geral**. Lisboa: Clássica, 1984.

DUMONT, René. **Governo: conceito de agricultura**. Portal do Agronegócio. Disponível em: <<http://www.portaldoagronegocio.com.br/index.php?p=texto&idT=2>>. Acesso em: 16 jun. 2007.

DUPLIPENSAR. **Bandeira, brasão e mapa do Estado de Santa Catarina – SC**. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/dossies/eleicoes-2006/eleicao-para-governador-de-santa-catarina.html>>. Acesso em: 21 jun. 2007.

EHLERS, E. Possíveis veredas da transição à agricultura sustentável. **Agricultura Sustentável**, s.l., CNPMA/EMBRAPA, v. 02, n. 02, p. 12-22, jul./dez., 1995.

ELESBÃO, I. O turismo como atividade não agrícola em São Martinho – SC. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Orgs.) **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001. p. 246.

ERTHAL, Rui. **Os complexos agroindustriais no Brasil – seu papel na economia e na organização do espaço**. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/complexos.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2008.

FERNANDES JÚNIOR, Ottoni. Desafios do desenvolvimento, Santa Rosa de Lima. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, n. 20, p. 56, mar. 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. 13. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Novo dicionário Aurélio**. v. 5.0.40. CD -ROOM, 2006.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. Ç.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar – como fazer pesquisas qualitativa em ciências sociais**. São Paulo: Record, 2003.

GOMEZ Szymanski, H. Educação para a família: uma proposta de trabalho preventivo. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 4, n. 1, 1994.

GORZ, André. **Crítica da divisão do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa – estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GRAZIANO DA SILVA, José et al. Resgatando e promovendo o patrimônio cultura e natural. In: BRASIL. Ministério do Turismo – Secretaria de Políticas de Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil 2003-2007**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/diretrizes>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; LEMOS, Sônia Maria; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. **Gênero, identidade e ambiente: o cotidiano numa ocupação espontânea em Manaus – Amazonas**. Disponível em: <[http://www.dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Denise\\_GENERO\\_E\\_IDENTIDADE\\_FAMILIAR\\_REVISADO\\_2.pdf](http://www.dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Denise_GENERO_E_IDENTIDADE_FAMILIAR_REVISADO_2.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2008.

GUZZATTI, T. C. **O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural: sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas encostas da serra geral catarinense**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

HALL, Colin Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HERZBERG, F.; MAUSNER, B.; SNYDERMAN, B. **The motivation to work**. Nova York: John Wiley, 1959.

HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Perspectivas da agricultura sustentável no Brasil. **Confins**, s.l., n. 02, p. 1-15, jan./jul., 2008.

HEUSER, D. M. D. **Repercussões do agroturismo na qualidade de vida de núcleos familiares receptores de Santa Rosa de Lima (SC): um processo criativo e solidário**. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

HEUSER, D. M. D.; PATRÍCIO, Z. M. Agroturismo no contexto de núcleos familiares receptores de SRL (SC): repercussões na qualidade de vida e caminhos para sustentabilidade. In: PORTUGUEZ, A. P. et al. **Turismo no espaço rural: enfoques e perspectivas**. São Paulo: ROCA, 2006.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

KANAANE, Roberto. **Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao século XXI**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens.** São Paulo: Aleph, 2001. Série Turismo.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça.** São Paulo: UNESP, 1999.

LANDIM et al. Comunidade mutirante: características familiares e suas redes de suporte social. In: REVISTA BRASILEIRA EM PROMOÇÃO DA SAÚDE. s.l., v. 17, n. 4, p. 177-186, 2004.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. (Orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento.** 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** ed. rev. ampl. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

LEOPARDI, M. T. **Metodologia da pesquisa na saúde.** Santa Maria: Pallotti, 2001.

MALTEZ, José Adelino. **Malinowski, Bronislaw Kasper 1884-1942.** Disponível em: <<http://64.233.169.104/search?q=cache:RMNmH3LnN4MJ:www.maltez.info/respublica/topicos/aaletram/Malinovski.htm+teoria+funcionalista+-+malinowski&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=107&gl=br>>. Acesso em: 15 ago. 2007.

MANCE, Euclides A. **Redes solidárias de colaboração.** Disponível em: <[www.vinculando.org/economia\\_solidaria/redes\\_solidarias\\_de\\_colaboracao.html](http://www.vinculando.org/economia_solidaria/redes_solidarias_de_colaboracao.html)>. Acesso em: 15 abr. 2008.

MARAFON, Gláucio José. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 17-60, fev. 2006.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão.** Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/Arquivos%20disciplinas/MARTA.pdf>>. Acesso em: 02 jul 2008.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação.** Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 02 jul 2008.

MARTINS, João Batista. **Marolas antropológicas: identidades em mudanças na Praia do Santinho**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

MATTEI, Lauro. **A pluriatividade no contexto do desenvolvimento rural catarinense**. Disponível em: <[www.cepagro.org.br/ide.html](http://www.cepagro.org.br/ide.html)>. Acesso em: 09 ago. 2007.

MATEUS, Luis M. **Laicismo e laicidade**. Disponível em: <[www.laicidade.org/wp-content/uploads/2006/12/lmm-2006-10.pdf](http://www.laicidade.org/wp-content/uploads/2006/12/lmm-2006-10.pdf)>. Acesso em: 04 abr. 2008.

MELLO, Márcio A. de; SCHMIDT, Wilson. A agricultura familiar e a cadeia produtiva do leite no Oeste catarinense: possibilidades para a construção de modelos heterogêneos. In: PAULINO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (Org.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2003. p. 71

MENEGATI, Regiane Aparecida. **Produção familiar e pruriatividade: reflexões sobre as transformações verificadas no espaço rural**. São Paulo: FCT/UNESP, 2007.

MOESCH, Martuschucka. O fazer-saber turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, Susana. **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec-Polis, 1984.

MULLER, Jovania Maria. **Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições (o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/S.C.)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, 2001.

NASCIMENTO, Carlos Alves do. **Agricultura familiar, pluriatividade e políticas públicas no Brasil: significados e perspectivas**. Disponível em: <<http://www.ie.efu.br>>. Acesso em: 04 jul 2008.

NASCIMENTO, Lucila Castanheira; ROCHA, Semiramis Melani Melo; HAYER, Virgínia Ellen. **Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica**. Disponível em: <<http://www.textoecontexto.ufsc.br/include/getdoc.php?it=182&mode=pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do trabalho**. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Raquel Gusmão; SIMIONATO, Marlene A. W. **Funções e transformações da família ao longo da história.** Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/abppnorte/pdf/a07simionato03.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2008.

PAULILO, Maria Ignez Silveira; SCHMIDT, Wilson (Orgs.). **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 2003.

PEIXOTO, C. E.; CICCHELLI, V. Sociologia e centropologia da vida privada na Europa e no Brasil. Os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F. de; CICCHELLI, V. (Orgs.) **Família e individualização.** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo e desenvolvimento sócio-espacial: reflexões sobre experiências do agroturismo no Estado do Espírito Santo. In: LIMA, L. C. (Org.) **Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico.** Fortaleza: UECE, 1998.

\_\_\_\_\_. **Agroturismo e desenvolvimento regional.** São Paulo: Hucitec, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA ROSA DE LIMA – SC. **História.** Disponível em: <<http://www.santarosadelima.sc.gov.br/conteudo/?item=18325&fa=8661>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

RECCO, Cláudio Barbosa. **Pré-história: o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** Disponível em: <[www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?categoria=30](http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?categoria=30)>. Acesso em: 16 jan. 2008.

RODRIGUES, Adyr Blastreiri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia. In: ALMEIDA, J. A. ; RIEDAL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento.** Bauru: EDUSC, 2001a.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Turismo rural: práticas e perspectivas.** São Paulo: Contexto, 2001b.

\_\_\_\_\_. Território, patrimônio e turismo com base local – uma relação inequívoca. In: SEABRA, Giovanni (Org.) **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

ROSSI, Ana Maria; PERREWÉ, Pámela L.; SAUTER, Steven L. **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional.** São Paulo: Atlas, 2005.

RUSCHMANN, Doris van de Meene; SOLHA, Karina Toledo (Org.). **Turismo: uma visão empresarial**. Barueri, SP: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **Planejamento turístico**. Barueri, SP: Manole, 2006.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton; SOUZA, de Maria Adélia A; SILVEIRA, Maria Laura. (org.). **Território: globalização e fragmentação**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTUR – Órgão Oficial de Turismo. **Santa Rosa de Lima**. Disponível em: < <http://www.sol.sc.gov.br/santur/FrameMunicipios.asp> >. Acesso em: 31 jul. 2006

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, s.l., v. 18, n. 51, p. 99-108, fev. 2003.

SEABRA, Giovanni (Org.) **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2007.

SELVA, V. S. F. Experiências do turismo rural no agreste meridional de Pernambuco. In: LIMA, L. C. (Org.) **Da cidade ao campo: a diversidade do saber fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

SILVA, Edson Vicente da. Ecoturismo, turismo rural e patrimônio cultural. In: SEABRA, Giovanni (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento**. João Pessoa, PB: Universitária, 2007.

SILVA, Yolanda Flores e; CYRILLO, Rafael Bremer. (2004). Desenvolvimento local, impactos sociais e o agroturismo de Santa Rosa de Lima (SC): Interfaces. Relatório Final do Programa Integrado de Pós-Graduação e Graduação – PIPG. Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2004a.

\_\_\_\_\_. Mudanças alimentares, saúde e bem estar a partir do movimento de agricultura familiar agroecológico associado ao agroturismo. In: REVISTA TURISMO – VISÃO E AÇÃO, Itajaí, v. 6, n. 2 maio-ago. p. 207-215, 2004b.

SUL-SC ONLINE. **Símbolos do município de Santa Rosa de Lima - SC**. Disponível em: <<http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/framecid.html>>. Acesso em: 26 abr. 2008.

STEFFAN, Heinz Dieterich. **Novo guia para a pesquisa científica**. Blumenau: FURB, 1999.

TULIK, Olga. **Turismo rural**. São Paulo: Aleph, 2003.

\_\_\_\_\_. Resgatando e promovendo o patrimônio cultura e natural. In: BRASIL. Ministério do Turismo – Secretaria de Políticas de Turismo. **Diretrizes para o desenvolvimento do turismo rural no Brasil 2003-2007**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/diretrizes>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

ULLER, Célia Denise. **A hospitalidade doméstica e familiar no agroturismo de Santa Rosa de Lima – impactos sociais e perspectiva**: projeto de pesquisa. 2004. 114 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2004.

\_\_\_\_\_. **O agroturismo de Santa Rosa de Lima – SC**: características e singularidades da hospedagem familiar. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria, 2005.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Plano, 2003.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em saúde**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VITÓRIO, Aluisio. **Família**. Disponível em: <<http://aluisiovitorio.com/psicologia.php>>. Acesso em: 27 mar. 2008.

WAGNER, Hamilton L.; TALBOT, Yves; WAGNER, Ângela B. P.; OLIVEIRA, Eleuza. **Ferramenta de descrição da família e dos seus padrões de relacionamento**: genograma - uso em saúde da família. Disponível em: <[http://paginas.terra.com.br/saude/PSF/ferramenta\\_descricao001.htm](http://paginas.terra.com.br/saude/PSF/ferramenta_descricao001.htm)>. Acesso em: 24 jul. 2007.

ZAKABI, Rosana. **O Brasil do filho único**. Disponível em: <<http://gtpos.org.br/index.asp?Fuseaction=Informacoes&ParentId=252-54k->>. Acesso em: 04 jul. 2007.

**ANEXOS**

**ANEXO A – ESTATUTO DA ACOLHIDA NA COLÔNIA**

(Fonte: AAAC, 2007)

**ANEXO B – CADERNO DE NORMAS DA ACOLHIDA NA COLÔNIA**

(Fonte: AAAC, 2007)

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE USO DO TEMPO DA  
POUSADA A**

**Datas de Observação:**

2007/Fevereiro – Dias: 16,17 e 18.

**Local da Observação:**

Pousada A, Rio dos Índios, Santa Rosa de Lima - SC.

**Objetivo:**

Observar *in loco* a rotina diária dos hospedeiros, assim como sua influência em relação aos serviços oferecidos, referente às necessidades biopsicosociais dos autores envolvidos. Segundo, VIANNA (2003, p. 12), “ao observador não basta simplesmente olhar. Deve, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos” e ainda, “ a observação, especialmente a observação direta, como metodologia de levantamento de dados, é mais valiosa do que outros meios de captação de dados, como [...] a entrevista e o questionário, quando usados isoladamente”(2003, p. 14).

**Gênero: Feminino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Dentre as tarefas que se observou, relacionam-se os serviços de hospedagem. Onde, o preparo das refeições teve destaque na demanda tempo, tendo-se mensurado uma média de quinze horas diárias.

**Percepções e Comentários:**

Fica evidente que a partir do meio da tarde, a hospedeira começa a apresentar fadiga física. Na inter-relação hospedeiro e hóspede, observa-se trocas positivas. Geralmente, a maioria dos hóspedes demonstra satisfação em relação às instalações e gastronomia.

**Conclusão:**

Pode-se observar que a rotina de trabalho dos serviços oferecidos aos turistas demanda tempo exigindo da hospedeira disponibilidade biopsicosocial, assim como expectativas em relação a resultados satisfatórios, já que ser hospedeira é apenas um dos papéis desta mulher, que também é mãe, esposa, dona de casa e um ser social. Espera-se no decorrer do processo da pesquisa entender como está sente-se em relação à sua dinâmica de e qualidade de vida.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 16 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
7:00	Inicia a preparação do café para os hóspedes	Uma hora	
8:30	O café é servido	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos	Os hospedeiros e família participam junto com os hóspedes do café da manhã.
9:15	Recolhe a louça da mesa, limpa a cozinha, limpa a geladeira.	Quarenta e cinco minutos	Neste dia teve ajuda de duas estagiárias de Nutrição na organização da cozinha.
10:30	Começou o preparo do almoço e amassa pães.	Uma hora e trinta minutos (prepara quatorze pães).	O preparo dos pães, um processo que toma tempo, já que a massa precisa ser bem trabalhada.
12:30	Põe-mesa para o almoço		
12:45	Servido o almoço	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	Existe diálogo descontraído durante a refeição.
13:30	Recolhe a louça do almoço e a sobremesa é servida.	Uso de tempo: dez minutos.	
13:40	Lavar a louça	Uma hora e trinta minutos para lavar a louça e organizar cozinha.	Estagiárias.
13:40	A hospedeira		Começa o preparo do forno de rua (acende o fogo) para assar os pães.
14:25	Coloca os pães para assar	Aproximadamente trinta minutos para assar os pães.	
15:00	A hospedeira retira-se para sua residência.	Uma hora e trinta minutos (descanso).	Ela leva seu filho de três anos para dormir.
16:30	Retorna à pousada e prepara o café da tarde.	Quarenta e cinco minutos.	Somente alguns hóspedes tomam o café da tarde.
18:30	Começa a organizar o jantar.	Uma hora e trinta minutos.	Preparou duas opções: café e jantar.
20:00	Serviu o jantar	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	Ambiente alegre e descontraído.
21:15	Recolhe a louça do jantar e organiza a cozinha.	Uma hora e trinta minutos.	Estagiárias.
21:15	Hospedeira prepara um bolo para o café da manhã	Uma hora e trinta minutos.	Normalmente os doces e sobremesas são preparados à noite para o outro dia.
22:45	Retira-se para sua casa		
23:00	Colocando roupa para lavar (toalhas de mesa).		Sua tarefa em relação à pousada ainda não havia acabado neste dia.

Tabela 2 – Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 17 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
5:00	A hospedeira prepara a sobremesa (dois tipos) para o almoço.		Não havia feito na noite anterior a sobremesa.
6:30	Chega à pousada, prepara o café, coloca aipim cozinhar e mata dois galos para o almoço.	Uma hora e trinta minutos.	
8:00	Serve o café.	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	A hospedeira toma o café rapidamente e retira-se para a cozinha para limpar os galos que havia matado.
8:45	Recolhe a louça da mesa e limpa a cozinha com a ajuda das estagiárias.	Uma hora.	
10:00	Começa a preparação do almoço (prepara dois tipos de carnes e vários acompanhamentos).	Duas horas e trinta minutos.	Neste dia foi preparado um assado especial de ovelha que havia sido temperado na noite anterior pelo hospedeiro.
12:45	É servido o almoço e sobremesa.	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	Observou-se que os hóspedes apreciaram, assim como elogiaram os pratos do dia.
14:10	Recolhe a louca do almoço e organiza a cozinha.	Uma hora e quarenta e cinco minutos.	Organiza a cozinha com a ajuda das estagiárias.
15:55	Retira-se para sua casa.		
16:30	Retorna, prepara um café e um suco.		
17:15	Preparar a massa de macarrão caseiro para o jantar.	Uso de tempo do processo: uma hora	
19:45	Corta a massa do macarrão e finaliza o jantar.	Vinte e cinco minutos.	
20:10	Serve a jantar	Uso de tempo para refeição: uma hora.	A massa foi muito elogiada pelos hóspedes.
21:00	Recolhe a mesa e organiza a cozinha.	Uma hora.	Estagiárias
21:00	Hospedeira: prepara uma cuca para o café da manhã do dia seguinte.		
22:30	Recolhe-se para sua residência.		Neste dia, especialmente, demonstrava bastante fadiga.

Tabela 3 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 18 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
7:00	Inicia a preparação do café para os hóspedes.	Uma hora.	
8:00	O café é servido. A hospedeira chama os hóspedes que deixarão a pousada após o café.	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos.	
8:40	Recolhe a mesa e organiza a cozinha.	Quarenta e cinco minutos.	
9:30	Começa a preparar o almoço.		
12:30	Arruma a mesa e serve o almoço.	Tempo de uso para a refeição: uma hora.	Os filhos e dois amigos estavam presentes e também partilharam o almoço com os hóspedes.
13:30	Recolhe a mesa e organiza a cozinha	Uma hora.	
14:30	Retira-se para sua casa.	Uma hora.	
15:30	A hospedeira retorna à pousada e prepara café para lanche da tarde.	Uma hora.	
17:30	Prepara o jantar.		
20:00	Serve o jantar.	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos.	
20:40	Recolhe a mesa e organizam rapidamente a cozinha.	Trinta minutos.	
21:30	Rotina encerrada.		

Tabela 4 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**Gênero: Masculino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Quanto ao uso do tempo em relação às tarefas do homem observou-se que ele incumbe-se do trato das criações, de manter limpeza do entorno da pousada, trabalho na agroindústria na produção do melado e receber os hóspedes quando chegam deixando-os a vontade.

**Percepções e Comentários:**

Pode-se observar que quando não é período de trabalho na plantação de cana, produção de melado e açúcar mascavo, e cultivo da horta, a tarefa do mesmo resume-se em tratar os animais e receber os hóspedes.

**Conclusão:**

Percebeu-se que a divisão de trabalho do casal está bem definida. Onde, a mulher cuida das tarefas relacionadas a pousada, por exemplo, alimentação, organização interna da pousada, lavagem das roupas de cama, mesa e banho. Enquanto o homem encarrega-se das tarefas externas da pousada, relacionadas aos animais, agricultura e agroindústria.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

V. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 16 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:30	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	Um dos locais exige maior esforço físico já que situa-se no alto do morro.
8:30	Participa do café com os hóspedes.	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos.	
9:30	Corta a grama do entorno da pousada.		
12:45	Pausa para o almoço.	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	
13:40	Retorna para finalizar a tarefa de corte do gramado.		
15:30	Começou a varrer a grama que foi cortada.		
17:00	Finalizou toda a tarefa.		Teve ajuda do filho.
18:00	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	
19:30	Retorna a pousada e fica conversando com os hóspedes até o jantar ser servido.		
20:00	Participa do jantar.	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	Ele faz com que o hóspede sintase acolhido com a sua receptividade.
21:30	Retira-se para sua casa.		

Tabela 5 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

V. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 17 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:30	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	
8:30	Participa do café com os hóspedes.	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos.	
10:30	Recepciona um grupo de hóspedes.		
12:00	Prepara um drink para os hóspedes.		Fica conversando com os hóspedes até a hora de o almoço ser servido.
12:45	Pausa para o almoço.	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	
15:30	Participa do café com os hóspedes.		
18:00	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	
19:30	Retorna a pousada e fica conversando com os hóspedes até o jantar ser servido.		
19:45	Acende a lareira a pedido dos hóspedes.		
20:00	Participa do jantar.	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	
22:30	Retira-se para sua casa.		

Tabela 6 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

V. A.

**POUSADA A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 18 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:30	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	
8:00	Tempera um pernil para ser assado para o almoço.		
8:30	Participa do café com os hóspedes.	Uso de tempo para refeição: quarenta minutos.	
9:30	Colocou o pernil para assar.		
10:00	Recepciona um grupo de hóspedes que chegaram para o almoço.		
12:30	Prepara um drink para os hóspedes.		Fica conversando com os hóspedes até a hora de o almoço ser servido.
12:45	Pausa para o almoço.	Uso de tempo para refeição: quarenta e cinco minutos.	
16:00	Participa do café com os hóspedes.		
18:00	Inicia com o trato das aves e peixes.	Uma hora e quinze minutos.	
19:30	Retorna a pousada e fica conversando com os hóspedes até o jantar ser servido.		
20:00	Participa do jantar.	Uso de tempo para refeição: uma hora e quinze minutos.	
23:00	Retira-se para sua casa .		

Tabela 7 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**APÊNDICE B - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE USO DO TEMPO DO  
QUARTO COLONIAL A**

**Datas de Observação:**

2007/Abril – Dias: 27 e 28.

**Local da Observação:**

Quarto Colonial A, Centro, Santa Rosa de Lima - SC.

**Gênero: Feminino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Pode-se observar em relação a divisão de tarefas que estas são partilhadas entre o casal, tanto a doméstica, quanto a rural.

**Percepções e Comentários:**

Observa-se que o casal, além de partilhar todas as tarefas não deixam da vida social, já que os mesmos semanalmente encontram-se com um grupo de dança da localidade, assim como a interação familiar aparece fortemente nas suas vidas.

**Conclusão:**

O casal mesmo com uma idade avançada e uma rotina pesada, porém organizada, partilha com harmonia entre ambos todos os momentos. Dentre esses momentos, o prazer de receber os hóspedes.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

F. C. H.

## QUARTO COLONIAL A – Santa Rosa de Lima – S.C.

Data: 27 de Abril de 2007

Hora	Atividade	Tempo	Comentários
6:00	Prepara o café e arruma a mesa.	Trinta minutos	Com a ajuda do marido.
6:30	Tratam as criações, tiram o leite (possuem duas vacas leiteiras).	Uma hora e meia	Cada um se encarrega de tirar o leite de uma vaca.
8:00	Servem o café.	Uma hora	A hospedeira é extremamente comunicativa e adora conversar, e tem um bom humor impressionante.
9:00	Recolhem a mesa do café e organizam a cozinha		Uma das estagiárias de nutrição lava a louça enquanto a hospedeira conversa com a segunda estagiária sobre a alimentação local.
10:30	Inicia o preparo do almoço.		Preparou vários tipos de alimentos para o almoço, mais a sobremesa.
12:15	Serve o almoço.	Uma hora.	
13:30	Retiram a mesa do almoço e organizam a cozinha.		
16:00	Serve o café.		
16:30	Prepara sobremesa do dia seguinte, e os biscoitos para o café da tarde.		
17:30	Prepara paezinhos e lanche para a noite.		
18:00	Tratar as criações e tirar o leite.		
19:30	Jantar.	Uma hora	Prepara a sopa.
20:00	Serve o jantar.	Trinta minutos.	
20:30	Retiram a mesa do jantar e organizam a cozinha.		As estagiárias ajudam na organização da cozinha.
21:00	São entrevistados pelas estagiárias de nutrição.		
22:10	Recolhem-se para dormir.		

Tabela 8 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

F. C. H.

## QUARTO COLONIAL A – Santa Rosa de Lima – S.C.

Data: 28 de Fevereiro de 2007

Hora	Atividade	Tempo	Comentários
6:00	Prepara o café e arruma a mesa.	Trinta minutos	Com a ajuda do marido.
6:30	Tratam as criações, tiram o leite (possuem duas vacas leiteiras).	Uma hora e meia	Cada um se encarrega de tirar o leite de uma vaca.
7:15	Retorna a casa e começa o processo de preparação de queijo.		
7:45	Servem o café.	Uma hora	Conversa animadamente com os hóspedes.
8:30	Recolhem a mesa do café, lava as roupas e retorna ao processo de fazer o queijo.		Estagiárias ajudam na lavagem das louças.
9:30	Inicia o preparo do almoço. Antecipa o preparo do jantar.		Hoje a tarde o casal participará da festa de aniversário de um dos netos. Ela demonstra preocupação e desculpas perante as hóspedes por ter de se ausentar.
12:00	Serve o almoço.	Uma hora.	
13:00	Retiram a mesa do almoço e organizam a cozinha. Se arruma para o aniversário.		Feito pelas estagiárias.
14:15	Saem para a festa.		
19:15	Retornam a casa.		
19:30	Tirar o leite.		
20:00	Serve o jantar.	Quarenta e cinco minutos	
20:45	Retiram a mesa do jantar e organizam a cozinha.		As estagiárias ajudam na organização da cozinha.
21:00	Refazem as entrevistas do dia anterior devido a um problema com o gravador.		
22:30	Recolhem-se para dormir.		

Tabela 9 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**Gênero: Masculino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

A participação dele é espontânea nas tarefas domésticas junto com a mulher.

**Percepções e Comentários:**

Percebeu-se que ele gosta do que faz, tanto na recepção dos hóspedes, assim como, a sua vivência social e do lazer. Demonstrou ter conhecimento da importância dos momentos de lazer na sua vida e principalmente na relação do casal.

**Conclusão:**

Pode-se concluir que o casal acumula função de agricultor e hospedeiro com uma grande facilidade, pela organização de partilhar as tarefas, assim como não deixaram de viver os seus momentos de lazer e culturais.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. V.

**QUARTO COLONIAL A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 27 de Abril de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:00	Ajuda a mulher na tarefa do café arrumando a mesa.	Trinta minutos	
6:30	Tratam as criações, tiram o leite (possuem duas vacas leiteiras).	Uma hora e meia	Cada um se encarrega de tirar o leite de uma vaca.
8:00	Servem o café.	Uma hora	Conversa durante o café, explica algumas coisas em relação ao processo dos alimentos.
9:00	Vai ao centro da localidade no supermercado, fazer compras.		Distante do centro um quilômetro e meio, faz o percurso a pé.
12:15	Serve-se o almoço.	Uma hora.	
14:30	Joga canastra com as hóspedes.		
18:00	Trata as criações e tirar o leite.		
20:00	Jantar.	Trinta minutos.	
21:00	Participa da entrevista.		
22:10	Recolhem-se para dormir.		

Tabela 10 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. V.

**QUARTO COLONIAL A – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 28 de Fevereiro de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:00	Ajuda a mulher na tarefa do café arrumando a mesa.	Trinta minutos	É de praxe essa tarefa normalmente.
6:30	Tratam as criações, tiram o leite (possuem duas vacas leiteiras).	Uma hora e meia	Cada um se encarrega de tirar o leite de uma vaca.
7:15	Limpa o pátio.		
8:00	Servem o café.	Uma hora	
9:15	Finaliza o processo da fabricação do queijo.		A parte final cabe a ele, prensar o queijo.
12:15	Serve-se o almoço.	Uma hora.	
13:00	Se arruma para o aniversário.		
14:15	Saem para a festa.		
19:15	Retornam a casa.		
19:30	Tirar o leite.		
20:00	Jantar.	Quarenta e cinco minutos	Ele ajuda a servir a mesa para o jantar.
21:00	Refazem as entrevistas do dia anterior devido a um problema com o gravador.		
22:30	Recolhem-se para dormir.		

Tabela 11 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**APÊNDICE C - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE USO DO TEMPO DO  
QUARTO COLONIAL B**

**Datas de Observação:**

2007Junho - Julho – Dias: 30 e 01.

**Local da Observação:**

Quarto Colonial B: Rio dos Índios, Santa Rosa de Lima - SC.

**Gênero: Feminino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Observou-se que as tarefas relacionadas com os serviços de hospedagem é dividida entre a hospedeira e sua sogra – quem prepara as refeições. Ficando a cargo da hospedeira, a sobremesa, preparo de pães, arrumação e retirada da mesa, onde na lavação da louça também tem ajuda da sogra. Também podemos observar que a hospedeira tem uma tarefa diária bastante intensa: cuida da lavoura, tira leite (duas vezes ao dia), trata das criações, produz pães para atender encomendas externas e, eventualmente, ajuda na agroindústria na produção do melado. E ainda, como mãe, precisa atender e cuidar de um adolescente e uma criança.

**Percepções e Comentários:**

Mesmo tendo uma rotina intensa e pesada, ela é uma pessoa agradável, mostra bastante preocupada em não ter tempo disponível para o hóspede. Concluindo, há uma boa receptividade, o que leva a trocas positivas entre hóspede e hospedeira.

**Conclusão:**

Em relação às tarefas assumidas com a Acolhida, existe disponibilidade e aceitação, preocupação e satisfação do hóspede. Um cotidiano com muitas tarefas, por conta da multitarefa que a mesma assumiu dentro dos vários papéis que lhe cabe: como mãe, como esposa, como nora, como agricultora, como hospedeira, etc.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

E. B.

**QUARTO COLONIAL B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 30 de Junho de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
5:30	Levanta-se e toma chimarrão.	Trinta minutos	
6:00	Tira leite e trata criações.	Uma hora	
8:00	Põe a mesa para o café.		Sua sogra é quem prepara o café
8:15	O café é servido. Toda a família participa juntamente com a hospedeira.	Trinta minutos	
8:45	Ajuda a recolher a mesa.		
9:15	Varre a casa e limpa o banheiro.	Quinze minutos	
9:30	Começa a preparar pães, atendendo uma encomenda (são 23 pães).		
11:30	Ajuda a finalizar o almoço.		Sua sogra é encarregada do preparo dos alimentos.
12:15	Preparam a mesa e servem o almoço		
12:40	Serve a sobremesa	Quarenta e cinco minutos	
13:30	Retira a mesa, ajuda a lavar a louça e organizar a cozinha.		
14:00	Começa a assar pães.		
15:30	Prepara um bolo.		
17: 40	Tira leite e trata criações.		
18:40	Serve o jantar.		
19:15	Retira a mesa e ajuda com a louça.		
21:00	Retira-se para dormir.		

Tabela 12 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas  
 Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

E. B.

**QUARTO COLONIAL B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 01 de Julho de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
5:45	Toma chimarrão e tira leite.	Cinquenta minutos	
7:00	Prepara mesa para o café.		
7:30	Serve o café.		
8:15	Recolhe a mesa com a ajuda da sogra e lava a louça.		
9:15	Varre a casa e limpa o banheiro.	Trinta minutos	
10:00	Ajuda no preparo do almoço. Faz sobremesa.	Duas horas e trinta minutos	
12:30	Arruma a mesa e serve o almoço.		
13:00	Serve sobremesa.	Quarenta e cinco minutos	
13:45	Retira mesa do almoço, seca e guarda a louça.	Trinta minutos	
14:15	Pausa. Fica conversando com a hóspede.		
15:30	Faz café para a hóspede e tomam café juntas.		
16:15	Começa a tratar as criações.		
17:30	Trata as vacas e tira leite.		Sua sogra chega para ajudá-la.
19:00	Serve o jantar.		A família sempre participa das refeições com os hóspedes.
19:20	Recolhe a mesa e lava a louça.		
20:30	Retira-se para seu quarto.		

Tabela 13 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**Gênero: Masculino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Podemos observar em relação à divisão social do trabalho que o homem está envolvido com o trato das criações, lavouras, limpeza e manutenção do entorno da residência e na produção da agroindústria de melado.

**Percepções e Comentários:**

Diferentemente da esposa, que se envolve com todas as tarefas dentro e fora de casa, ele quase que, exclusivamente, envolve-se com as tarefas externas. Após o café da manhã sai, retornando na hora do almoço. Depois da refeição volta a seus afazeres até o final da tarde.

**Conclusão:**

Concluimos que, em relação a este casal, as tarefas estão bem definidas. Ela tem que dar conta de várias tarefas. São horas de trabalho diário, divididas entre casa, a família, a agricultura, entre outros. Enquanto ele ocupa-se com as tarefas externas relacionadas à agricultura, criação de animais e a produção da agroindústria de melado.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

R. A.

**QUARTO COLONIAL B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 30 de Junho de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:00	Corta trato para as vacas e trata criações.		
7:30	Toma café.		
8:00	Dirige-se para a agroindústria (juntamente com seu irmão e sócio, estão produzindo melado).		
19:30	Retorna a casa.		O processo do melado é contínuo, não podendo haver interrupção até o final. A jornada pode durar horas.
19:45	Janta		Logo se retira para descansar.

Tabela 14 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

R. A.

**QUARTO COLONIAL B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 01 de Julho de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
6:00	Trata criações.		
7:30	Toma café.		
9:30	Vai consertar um trecho de cerca na propriedade e avaliar uma plantação de cana.		
12:20	Retorna para o almoço.		
14:00	Vai visitar um tio, juntamente com seus pais.		
17:30	Retorna a casa.		
20:30	Recolhe-se para dormir.		

Tabela 15 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**APÊNDICE D - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DE USO DO TEMPO DA  
POUSADA B**

**Datas de Observação:**

2007/Julho – Dia: 07

**Local da Observação:**

Pousada B: Rio do Meio - Santa Rosa de Lima - SC.

**Gênero: Feminino****Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

Além das tarefas observadas no cotidiano da hospedeira, podemos salientar ainda sua atividade na agroindústria como apicultora e membro ativo da AGRECO.

**Percepções e Comentários:**

Dentre a população de amostra, por gênero, ela é a mais ativa sendo responsável por várias atividades.

Às vezes conta com a ajuda da filha na pousada.

**Conclusão:**

Percebe-se, não só pela observação, mas também pelo discurso da mesma que ela está sobrecarregada de trabalho. Além das tarefas envolvendo os serviços oferecidos aos hóspedes, ela limpa e conserva o entorno da pousada – jardim – roçando e limpando o gramado, cultivando horta (no período de outubro a março, trabalha na agroindústria no processamento de mel, sendo que os meses mais ativos são os de janeiro a março, onde trabalha diariamente na agroprodução). Neste período, conta com a ajuda do seu irmão (sócio), sua cunhada e o esposo.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

L. B. B.

**POUSADA B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 07 de Julho de 2007**

<b>Hora</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
8:00	Chega à pousada e prepara o café.	Trinta minutos	Limpa os banheiros todos os dias quando tem hóspedes.
8:30	Serve café		Passa pano na varanda e na cozinha.
9:00	Prepara a sobremesa e começa o preparo do almoço		
13:00	Serve o almoço.	Uma hora	Quando tem mais de três ou dez pessoas a filha ajuda.
14:00	Recolhe a mesa, lava a louça e organiza a cozinha.	Uma hora	
16:00	Prepara mistura para o café.		Nos intervalos busca lenha.
18:00	Prepara o jantar.	Duas horas e meia	
20:30	Serve o jantar.		
21:30	Termina a organização da cozinha.		
23:00	Recolhe-se para dormir.		Dependendo do grupo, a hospedeira chega a sua casa e prepara pão para o dia seguinte.  Nos meses de outubro a março: processamento de mel.

Tabela 16 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**Gênero: Masculino**

**Descrição Geral das Tarefas Observadas:**

As tarefas exercidas por ele, estão relacionadas ao funcionalismo público, no cargo de professor pelo Estado com 40 horas semanais e pelo Município com 20 horas semanais.

**Percepções e Comentários:**

O envolvimento dele com os serviços de hospedagem é pouco, normalmente nos finais de semana e nos períodos de férias escolares, já que a sua função de professor demanda muito tempo.

**Conclusão:**

Entende-se que entre os dois homem e mulher, a carga de trabalho maior nos parece ser de responsabilidade da mulher com inúmeras atividades diferentes.

## REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE USO DE TEMPO

O. B.

**POUSADA B – Santa Rosa de Lima – S.C.****Data: 07 de Julho de 2007**

<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>	<b>Comentários</b>
Segunda, quarta e quinta	40 hs/semanais	Funcionário do Governo do Estado (Professor)
Terça e sexta	20 hs/semanais	Funcionário do Município (Professor). Nos finais de semana e período de férias escolares envolve-se com a pousada e com a agroindústria de mel.

Tabela 17 - Registro do Uso do Tempo das Atividades Cotidianas

Fonte: Observações de Campo (2006/2007)

**APÊNDICE E – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS**

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 01

Nome completo: E. B.

Gênero:        ( ) Masculino        ( X) Feminino

Idade: 41 anos

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo

Estado civil: casada (há 15 anos)

Local de nascimento: Rio dos Índios – Santa Rosa de Lima

Filhos: 02

Idade dos filhos: um menino (13 anos) e uma menina (8 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 41 anos

Data da Entrevista: 01/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

Leitos do quarto colonial: capacidade: 06 pessoas. Existe uma hóspede (mensalista) há três anos.

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 02

Nome completo: R. A.

Gênero:        ( X ) Masculino        (   ) Feminino

Idade: 43 anos

Grau de escolaridade: Quarta série do Ensino Fundamental

Estado civil: casado (há 15 anos)

Local de nascimento: Rio dos Índios – Santa Rosa de Lima

Filhos: 02

Idade dos filhos: um menino (13 anos) e uma menina (8 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 43 anos

Data da Entrevista: 01/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 03

Nome completo: L. A.

Gênero:       (    ) Masculino       ( X ) Feminino

Idade: 42 anos

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo

Estado civil: casada (há 23 anos)

Local de nascimento: Rio dos Índios – Santa Rosa de Lima

Filhos: 03

Idade dos filhos: uma moça (22 anos), um rapaz (20 anos) e um menino (02 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 42 anos

Data da Entrevista: 05/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 04

Nome completo: V. A.

Gênero:        ( X ) Masculino        (   ) Feminino

Idade: 48 anos

Grau de escolaridade: Ensino Fundamental Completo

Estado civil: casado (há 23 anos)

Local de nascimento: Rio dos Índios – Santa Rosa de Lima

Filhos: 03

Idade dos filhos: uma moça (22 anos), um rapaz (20 anos) e um menino (02 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 42 anos

Data da Entrevista: 05/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 05

Nome completo: F. C. H.

Gênero:        (    ) Masculino        ( X ) Feminino

Idade: 62 anos

Grau de escolaridade: Terceira série do Ensino Fundamental

Estado civil: divorciada

Local de nascimento: Rio Espraiado – Município de Grã-Pará

Filhos: 04

Idade dos filhos: são quatro mulheres (43, 41, 39 e 37)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 05 anos

Data da Entrevista: 06/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 06

Nome completo: L. V.

Gênero:       ( X ) Masculino   ( ) Feminino

Idade: 63 anos

Grau de escolaridade: Terceira série do Ensino Fundamental

Estado civil: viúvo

Local de nascimento: Rio do Meio – Santa Rosa de Lima

Filhos: 04

Idade dos filhos: são quatro mulheres (38, 37, 34 e 30)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 63 anos

Data da Entrevista: 06/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 07

Nome completo: L. B. B.

Gênero:        (    ) Masculino        ( X ) Feminino

Idade: 39 anos

Grau de escolaridade: Ensino Médio Completo

Estado civil: casada (há 20 anos)

Local de nascimento: Barra do Rio do Meio – Santa Rosa de Lima

Filhos: 02

Idade dos filhos: uma moça (19 anos) e um rapaz (14 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 36 anos

Data da Entrevista: 07/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**Dados Pessoais de Base para Pesquisa Preliminar**

Entrevista nº 08

Nome completo: O. B.

Gênero:        ( X ) Masculino    ( ) Feminino

Idade: 43 anos

Grau de escolaridade: Ensino Superior Completo (Geografia)

Estado civil: casado (há 20 anos)

Local de nascimento: Santa Rosa de Lima

Filhos: 02

Idade dos filhos: uma moça (19 anos) e um rapaz (14 anos)

Tempo de residência em Santa Rosa de Lima: 43 anos

Data da Entrevista: 07/07/2007

Localidade: Santa Rosa de Lima

**APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO BALNEÁRIO CAMBORIÚ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E CULTURA - ProPPEC**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**CONVITE DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: “O AGROTURISMO EM SANTA ROSA DE LIMA: TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS”**

Através deste estamos convidando você para participar da pesquisa acima. Nosso **objetivo** é CARACTERIZAR OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS E ECONÔMICOS NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA E DIVISÃO DO TRABALHO ENTRE PROPRIETÁRIOS DE MEIOS DE HOSPEDAGEM LIGADOS AO AGROTURISMO DE SANTA ROSA DE LIMA - SC. A **justificativa** desta pesquisa Acredita-se na necessidade de conhecer esta nova dinâmica familiar com o acúmulo de papéis e como ocorre a divisão de trabalho na família. Outro fator relevante é a inexistência de pesquisas de turismo que abordem essa temática, segundo pesquisa bibliográfica. Considerando os fatores expostos, acreditamos na importância da pesquisa para o turismo e para os atores envolvidos com as atividades agroturísticas de Santa Rosa de Lima. A **metodologia** será qualitativa com abordagem etnográfica com as seguintes estratégias de coleta de dados: coleta documental / bibliográfica, seleção de informantes, registro do uso do tempo das tarefas diárias, entrevistas individuais e análise das mesmas. Todas estas estratégias serão desenvolvidas a partir de novembro de 2006 com previsão de término em outubro de 2007 e elaboração do texto final até dezembro do mesmo ano.

Quanto a sua participação, sinta-se completamente livre para decidir participar ou não, mas ressaltamos a importância de sua contribuição. Outrossim, esclarecemos que: seu anonimato está garantido; as informações serão sigilosas; a não participação não acarretará nenhum prejuízo a sua pessoa; as informações e resultados obtidos ficarão a sua disposição; sua participação não acarretará qualquer desconforto, risco, dano ou ônus a sua pessoa; os benefícios esperados no estudo relacionam-se a análise da organização social e divisão do trabalho das famílias agricultoras que atuam no agroturismo de Santa Rosa de Lima – SC, e tem por meta entender o processo social de divisão do trabalho das famílias agricultoras envolvidas com o Agroturismo e que fazem com que o turismo aconteça na localidade dentre as outras atividades inerentes de agricultores. Os dados coletados serão utilizados para fins acadêmicos de pesquisa e divulgação de conhecimento sobre o tema. Caso concorde com estes termos, solicitamos o preenchimento e assinatura neste documento, conforme segue.

Eu, \_\_\_\_\_ Documento de identidade nº \_\_\_\_\_ declaro que de forma livre e esclarecida, aceito participar do estudo “**O AGROTURISMO EM SANTA ROSA DE LIMA: TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS DA DINÂMICA DE ORGANIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS**” desenvolvido pelo(a) mestrando(a) ..... com a coordenação e orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> ....., na modalidade de Projeto de Pesquisa Científico, vinculada ao curso de Graduação e ao Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria – do Centro de Educação de Balneário Camboriú, da UNIVALI.

LOCAL e DATA \_\_\_\_\_

ASSINATURA \_\_\_\_\_

**APÊNDICE G – TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS**



**APÊNDICE H – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO BALNEÁRIO CAMBORIÚ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E CULTURA –**  
**ProPPEC**

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Iniciais Nome:

Idade:

Local de Nascimento:

Tempo de Ocupação na Atividade Agrícola:

Tempo de Filiação a AGRECO:

Papel / Função na Família:

Número de Pessoas da Família Que Convivem e Trabalham Juntas:

**2. QUESTIONAMENTOS**

a) Há quanto tempo participa como membro da AGRECO e da ASSOCIAÇÃO DE AGROTURISMO ACOLHIDA NA COLÔNIA?

b) Como você percebe o seu trabalho dentro do Agroturismo?

c) Como você se relacionada com sua família?

d) Quais são as pessoas que sua família pode procurar quando precisa de ajuda?

e) Vocês ainda plantam?

f) Com os serviços de hospedagem houve mudanças na vida familiar?

g) O que mudou no dia-a-dia da família após a entrada no Agroturismo?

h) Quais as expectativas positivas da família?

i) O que gostaria de mudar para melhorar o trabalho que realiza hoje?

j) Quais as limitações (dificuldades) “negativas” hoje?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)